O FUTURO POLÍTICO DO SENADOR KENNEDY — NA 3.ª PÁGINA

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
TERÇA-FEIRA, 14 DE OUTUBRO DE 1969 N.º 16 817 ANO 49.º PREÇO 1$50

ATENÇÃO
A MOSCA
PICA AOS SÁBADOS

PRONTOS para o voo da Soyuz 7: o comandante, tenente-coronel Anatoli V. Filipchenko, ao centro, á sua esquerda, o tenente-coronel Viktor V. Gorbatko, e, á sua direita Vladislav N. Volkov, um engenheiro civil. Filipchenko apresenta-se a um responsável soviético pela conquista do espaço, que não foi focado pela câmara de Televisão

A MONTAGEM DA ESTAÇÃO ORBITAL PODERÁ SER TENTADA ESTA TARDE

MOSCOVO, 14 — (F. P.) — A fase principal do programa de voo das três naves Soyuz (a 6, a 7 e a 8), isto é, a montagem de uma estação orbital, será tentada, esta tarde, depois das 16 horas locais — soube-se de fonte geralmente bem informada.

A operação de montagem da plataforma espacial, constituída por elementos «orbitais» das três cabinas Soyuz, poderia ser televisionada em directo — acrescenta a mesma fonte.

Ignora-se em Moscovo a forma como será concebida esta estação orbital, mas julga saber-se que a técnica utilizada pelas naves Soyuz 4 e Soyuz 5, em 16 de Janeiro último, não voltará a ser utilizada.

A PARTIR DE AMANHÃ, NOS E. U. A.

Ofensiva pacifista do Outono

WASHINGTON, 14 — (F. P.) — A «ofensiva de Outono» dos pacifistas norte-americanos contra a continuação da guerra no Vietnam efectuar-se-á em dois tempos: amanhã, dia 15, e um mês mais tarde, em 13, 14 e 15 de Novembro. As manifestações de meados de Novembro terão por quadro e por alvo Washington: uma «Marcha contra a morte» em 13 e 14, e uma reunião de massa no dia 15.

A «nova comissão de mobilização para pôr termo à guerra no Vietnam» informou ontem que esperava que esta segunda fase da sua ofensiva — o assalto contra a capital federal — reuna meio milhão de manifestantes.

A «Marcha contra a morte» reunirá 46 000 participantes que desfilarão em fila indiana entre o cemitério militar de Arlington e o Capitólio. Durará 40 horas e o cortejo será conduzido por Coretta Scott King, viúva do pastor Martin Luther King. Cada um dos manifestantes representará um soldado americano morto ou uma aldeia mártir do Vietnam.

No dia 15, os opositores à política vietnamiana do presidente Nixon convergirão para a imensa esplanada em frente da Casa Branca, onde ouvirão discursos sobre um fundo de música «rock» e folclórica.

Os organizadores destas manifestações são o «novo comité de mobilização

(Continua na 12.ª página)

HOJE 36 PÁGINAS
VISADO
PELA CENSURA

PROTESTO DO GOVERNO PORTUGUÊS junto do embaixador da Suécia em Lisboa

Do Ministério dos Negócios Estrangeiros recebemos a seguinte nota oficiosa:

«1. Têm os meios de In-

(Continua na pág.ª seguintes

Que pensa da actual lei eleitoral?

— mesa-redonda em que participaram José Magalhães Godinho (C. E. U. D.), José Vasconcelos Abreu (C. D. E.) e Manuel Jorge de Magalhães e Silva (C. E. M.)

especial ELEIÇÕES

- «Em torno do ensino de base», artigo de Vitorino Magalhães Godinho
- «Diário de um candidato», por Armando Bacelar
- Manifestos da C. D. E. de Setúbal e da U. N. do Porto
- Reportagens das sessões de propaganda eleitoral
- Espelho da Imprensa, etc.

HOJE no suplemento especial

MESA REDONDA

Em diversos locais de Lisboa estão já afixados cartazes de propaganda eleitoral da Comissão Eleitoral de Unidade Democrática, da União Nacional e da Comissão Democrática Eleitoral

Protesto do Governo português

(Continuação da pág. anterior)

formação dado ampla divulgação ás declarações de membros do Governo Sueco sobre a decisão tomada de dar uma importante contribuição financeira ao P. A. I. G. C. — agrupamento que assola as fronteiras da nossa província da Guiné —, como já o fizera anteriormente em relação ao F.R.E.L.I.M.O. — outro grupo que da Tanzania e da Zambia flagela a fronteira norte de Moçambique perseguindo as populações e atacando as Forças Armadas Portuguesas.

2. Não pode o Governo Sueco ignorar quais as actividades a que se dedicam esses grupos e qual a natureza dos seus processos, pelo que as contribuições financeiras referidas constituem necessáriamente financiamento das acções terroristas que vitimam portugueses e incentivo para o seu prosseguimento e incremento.

3. A opinião publica portuguesa exprimiu já eloquentemente a sua repulsa por tal ingerência numa luta que sem o apoio estrangeiro não teria começado ou há muito estaria finda, ingerência mais ainda de estranhar por partir de um país com o qual sempre mantivemos relações correctas e até cordiais, e que em Portugal europeu e ultramarino encontrou mercado para os seus produtos e campo para o investimento seguro dos seus capitais.

4. Não podia pois o Governo Português deixar de exprimir ao representante diplomático da Suécia em Portugal o seu protesto relativamente a uma atitude que tanto vem ofender os mais legítimos sentimentos da Nação Portuguesa. Para este efeito foi o embaixador da Suécia em Lisboa ontem recebido pelo subsecretário de Estado dos Negócios Estrangeiros.»

O Chefe do Governo recebeu o embaixador de Portugal em Estocolmo

O sr. prof. Marcello Caetano recebeu o sr. dr. Simões Afra, embaixador de Portugal, em Estocolmo, que há quatro dias chegou a Lisboa, em missão de serviço, chamado pelo Governo.

ALTERAÇÕES AO TRÂNSITO

Por motivo das obras do Metropolitano a norte da Praça do Areeiro, vai ser ocupada parte da faixa de rodagem e passeios da Avenida Padre Manuel da Nóbrega, A fim de facilitar as condições de circulação na zona, será estabelecido sentido unico sul-norte na artéria referida, entre a Avenida de Madrid e a Rua Victor Hugo.

A MODA NO PORTO

Nos magníficos salões do Hotel Infante de Sagres, no Porto, a fábrica Malhas Solimar, Lda., proporcionou a todos os seus clientes uma agradável reunião para apresentação da sua colecção de fatos de banho para 1970, durante a qual foi servido um requintado «Pôr do Sol».

Durante a apresentação de fatos de banho para 1970

As senhoras presentes não escondiam agrado e admiração pelas criações que lhes foi dado apreciar, quer pelo corte impecável, novidade e arrojo de alguns modelos, quer pela enorme gama das mais modernas côres, lisas e estampadas.

Foi uma parada de cor e elegância que a Solimar ofereceu e deixou bem vincado o elevado nivel da sua confecção e o apurado gosto que preside às suas criações.

Durante a passagem, foi devidamente salientada a alta qualidade dos artigos Solimar, dado que esta firma utiliza sòmente os melhores e mais modernos materiais, nomeadamente as fibras Helanca, Bucaroni, Dorlastan e das copas Celform.

Um aceno de simpatia para as gentis meninas e desenvoltos rapazes, que a espaços colaboraram também na passagem, ao lado dos manequins Carol, Fernanda Carro e Gina, cujo magnífico trabalho muito contribuiu, também, para o elevado nível do desfile.

SUBCOMISSÃO DA I. S. O. REUNIDA EM LISBOA

Convidada pela repartição de Normalização da Inspecção-Geral dos Produtos Agrícolas e Industriais, foi recebida no nosso País a subcomissão n.º 2 da Comissão Técnica que na Organização Internacional de Normalização (I. S. O.) se ocupa das caldeiras e recipientes sob pressão, tratando aquela subcomissão da resistência das partes sob pressão.

As sessões, que se realizam na Associação Industrial Portuguesa, iniciaram-se ontem de manhã, com a presença de delegações de vários países: Alemanha, Austrália, Bélgica, França, Itália, Noruega, Países-Baixos, Portugal, Reino Unido, Suécia, Suíça, Estados Unidos da América. Esteve também presente, como observador, um representante do C. E. C. T. (Comité Européen de la Chaudonnerie et de la Tolerie).

Na sessão inaugural falou a eng.ª D. Lídia Moreira, chefe de repartição de Normalização.

A delegação portuguesa, chefiada pelo sr. eng.º Oscar Mendes, da Direcção-Geral dos Combustíveis, é constituída por delegados das entidades oficiais e representantes das empresas metalo-mecânicas mais ligadas a esta actividade — os srs. engs. Joaquim Martins Ferreira do Amaral, Vítor Manuel Alves de Figueiredo, Gonzaga de Carvalho, Luís Soveral, Carlos Alberto Lima Real, António da Ascensão Reis Prudêncio, José Manuel de Ramos Bettencourt, Tavares e Fernandes Amorim.

Em três linhas

Assumiu as funções de director de Finanças do distrito de Bragança, o sr. Jerónimo de Barros Caimoto, que desempenhava o cargo de subdirector no distrito do Porto e fora promovido, após provas prestadas em concurso, á sua actual categoria.

///

Termina amanhã o prazo para a entrega de trabalhos destinados aos XIII Jogos Florais (IX Nacionais e IV Luso-Brasileiros) promovidas pelo Grupo Desportivo da C.U.F.

///

A província da Guiné foi autorizada a contrair, no Banco Nacional Ultramarino, um empréstimo no montante de 15 mil contos destinado a ser integralmente aplicado no financiamento de empreendimentos do III Plano de Fomento.

///

O capitão de mar-e-guerra Daniel Farrajota Rocheta foi nomeado vice-presidente da Junta Nacional da Marinha Mercante.

CINEMA PORTUGUÊS NO BARREIRO

O Cine-Clube do Barreiro realiza na sexta-feira mais uma sessão para sócios, desta feita com «Domingo á tarde», de António Macedo. Ás 21 e 30 no Teatro-Cine Barreirense, onde os interessados podem inscrever-se.

Mala esquecida

Um casal esqueceu-se num táxi (que utilizou entre as ruas da Páscoa e da Emenda e que chamara da praça de Campo d'Ourique) uma mala preta, contendo um vigésimo de lotaria (n.º 33801) para a próxima extracção, chaves e fotografias de seu filho já falecido e algum dinheiro. Agradece a entrega na Rua da Páscoa, 49, porta 2.

O PROF. FRAGA DE AZEVEDO NUMA REUNIÃO INTERNACIONAL SOBRE TRIPANOSSOMÍASES

Em Londres, decorreu o X Seminário do «Comité» de Investigação sobre Tripanossomíases da Grã-Bretanha. Trata-se de uma reunião anual, tendo sido, desta vez, convidadas a participar personalidades qualificadas de diversos países.

Portugal esteve representado pelo prof. dr. Fraga de Azevedo, antigo director do Instituto de Medicina Tropical e grande invesigador, a quem se devem notáveis trabalhos sobre a mosca tsé-tsé. Apresentou, na reunião, um trabalho, realizado em conjunto com os seus colaboradores Ana M. Teia dos Santos e Rui Pinhão, sobre «Problemas e perspectivas da criação artificial da mosca tsé-tsé».

Naquele seminário, foram apresentadas 37 comunicações, tendo participado cientistas da Bélgica, da Etiópia, da Nigéria, de Israel, da América do Norte, da Suíça, da Alemanha e da Uganda. Os trabalhos foram presididos pelo prof. W. E. Kershaw, da Universidade de Liverpool.

Segundo o prof. Fraga de Azevedo, e considerando a alta importancia que o assunto da doença do sono e das tripanossomíases dos animais apresenta ainda hoje para as províncias da Guiné, Angola e Moçambique, seria justificável que um organismo similar fosse criado no nosso País, com a mesma finalidade, tanto mais que é, de entre os problemas da Medicina Tropical, talvez o que tem merecido maior interesse a Portugal, onde se têm realizado trabalhos que alcançaram fama internacional.

DE ONTEM PARA HOJE

DIAMANTES EM ANGOLA

Foi assinado, no Ministério do Ultramar, o contrato entre o Estado Português e a Companhia dos Diamantes Oeste de Angola — Oestedian — que tem o apoio técnico e financeiro da sociedade americana Diamond Distributors, Inc., para a concessão do direito exclusivo de pesquisa e exploração de pedras preciosas, em determinada área da província de Angola. Pelo Estado Português assinou o ministro prof. Silva Cunha; e pela Oestedian, os srs. João António Veiga e Albert Emanuel Jolis. De notário outorgante serviu o secretário-geral do ministério dr. Manuel da Cruz Alvura. A sociedade é obrigada a investir na execução dos planos de trabalho de pesquisa e exploração, no que respeita ás áreas terrestres que conserva, os seguintes montantes mínimos anuais: durante o primeiro ano, 3 000 000$00; no segundo 5 000 000$00, e do terceiro ao oitavo anos, 4 000 000$00. Quanto ás áreas marítimas, obriga-se a investir 60 000 000$00 até ao termo do período inicial de seis anos. Por outro lado, a partir do terceiro e do sexto anos pagará á província de Angola como renda anual de superfície, em relação, respectivamente, ás áreas terrestres e marítimas, a importância de 150$00 por km2 a qual será elevada para 250$00, no termo do sexto e do décimo anos. A nova companhia de diamantes pagará, igualmente, áquela província ultramarina 10% do valor de cada venda de pedras preciosas, importância essa que dará entrada nos cofres da Fazenda nos trinta dias seguintes á data de cada venda. Obriga-se ainda a dotar o Fundo de Fomento Mineiro Ultramarino, durante cada um dos primeiros cinco anos de vigência do contrato de concessão, com a importância de 500 000$00 e nos anos subsequentes, até extinção da mesma concessão com 1 000 000$00.

CASAS DOS PESCADORES

O almirante Henrique Tenreiro foi ontem á Costa da Caparica visitar as obras que ali está a realizar a Junta Central das Casas dos Pescadores. Foi recebido pelos srs. presidente e vice-presidente da Camara Municipal de Almada. Lá estava também o comandante Cancela. Foi inaugurada uma sala de telescola, tendo falado no acto o professor Augusto Serras e o almirante Henrique Tenreiro.

A MORTE DO TRABALHADOR

Trabalhava numa obra de construção civil, na Amadora, o sr. Jorge Manuel Ventura, de 28 anos, pedreiro, morador naquela vila. Em dada altura, quando estava num quinto andar, escorregou-lhe um pé e veio abaixo. Uma ambulância o levou ao Hospital de S. José, mas chegou ali já cadáver.

TERRENOS PARA A FUNDAÇÃO SALAZAR

Na reunião da Câmara Municipal de Setúbal, sob a presidência do dr. Manuel Constantino Gois, foi aprovada uma proposta de cedência de terrenos para a Fundação Salazar. Na proposta justificativa se diz que tem procurado a Câmara facultar, na medida das suas possibilidades e nas melhores condições, até com prejuízo de outras actividades, contribuir para que todas as famílias aqui residentes, ou que atraídas pelo desenvolvimento económico da cidade nela procuram fixar-se, disponham de habitação condigna. É, por isso, nossa convicção que, apesar do sacrifício que, sob o aspecto financeiro, representa a cedência gratuita dos terrenos necessários devidamente urbanizados, se deverá prosseguir na mesma orientação, proporcionando agora, no que respeita ao nosso concelho, a realização do projectado por tão benemérita instituição. Para realização de tão elevado objectivo social poderá a Camara contribuir com a cedência gratuita dos terrenos necessários ás construções a erigir em Setubal.

DR. ESCARDUÇA DIAS
Cirurgia Plástica
RETOMOU A CLINICA
Av. da Republica, 15-1.º
Telefs. 560869 - 960894

Dr. José de Pádua
RETOMOU A CLINICA

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

CURSO NOCTURNO do COLÉGIO MODERNO
CICLO PREPARATÓRIO E 2.º CICLO LICEAL
CORPO DOCENTE CRITERIOSAMENTE RENOVADO
NOVA ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA
Rua de Malpique, 19 (ao Campo Grande)
Telefones 775038 - 761239

TAUNUS 17 M
COM UM ANO DE USO, 4 PORTAS, UM SÓ DONO, EXCELENTE ESTADO, TOTALMENTE REVISTO. BOM PREÇO. VENDE AUTO RALI, Av.ª Alm. Reis, 130 A/E — LISBOA.

N-I-N-A
NIGHT CLUB
Maiores de 21 anos
APRESENTA HOJE COM GRANDE ÊXITO
JOANNA KISS
EM BAILE MODERNO
KARINA Y ACERO
EM BAILE ACROBÁTICO
AR CONDICIONADO

DOIS MESES DEPOIS DO DRAMA DE CHAPPAQUIDDICK

O futuro político do senador Kennedy parece cada vez mais comprometido

O procurador Edmund Dinis, sob cuja alçada territorial recaiu o «caso Kennedy» (isto é, o acidente que em Julho passado custou a vida a miss Copechne e que tem nefasta influência na carreira do senador Edward Kennedy) reclamou, uma vez mais, a autópsia do cadáver da vítima. Numa carta dirigida ao tribunal do condado de Luzerne (Pensilvania), onde foi enterrada a colaboradora de Robert Kennedy, o procurador «revela» um facto novo: teria sido encontrado sangue na boca e nas fossas nasais da vítima.

«Se uma autópsia viesse a revelar que a morte foi devida a causa diversa do afogamento, o inquérito poderia seguir as vias adequadas», acrescenta Dinis, que não especifica quais as suas fontes. Pouco depois destas revelações, o chefe da polícia de Edgartown, que tomou conta da ocorrência, declarou que não viu sangue no rosto de Miss Kopechne nem no fato.

O senador Kennedy, cujos advogados obtiveram o adiamento do inquérito até ao dia 8 de Outubro (o Supremo Tribunal de Massachusetts, agora reunido, decidirá ou não da reabertura do inquérito) criticou severamente, em Boston, a política vietnamita de Nixon.

«A despeito das eleições de 1968, a despeito das promessas do novo presidente e de várias novas personalidades políticas, a despeito de uma nova retórica, a guerra do Vietnam continua, praticamente, inalterada», declarou ele. Resta saber se esta crítica emana ainda do principal rival do chefe da Casa Branca ou se ela emana de um homem político «acabado».

«Se Edward Kennedy fez realmente o que afirma ter feito e se não tinha cometido nenhuma imoralidade, então é demasiado tolo para ser senador...». Parece-me que Ted Kennedy, depois de se fazer notar como o mais jovem senador do país, revela-se agora como o mais velho dos delinquentes juvenis. Neil Armstrong, Buzz Aldrin e Mike Collins teriam abandonado aquela jovem no fundo de um lago para irem à procura de um advogado?».

Pode ser que o senador Edward Kennedy considere encerrada a sua má aventura de Marta's-Vineyard; estes extractos de cartas de leitores enviadas ao *Times* bastam para indicar que o mesmo não acontece para o americano médio. O último dos Kennedy pode muito bem voltar para Washington, mergulhar no seu trabalho parlamentar, conseguir o adiamento do inquérito medievalesco (!) encerrado, com um mês de atraso, por um procurador, cujas motivações são, pelo menos, suspeitas, mas não conseguirá que os E. U. A. deixem de se interrogar. O drama de Chappaquiddick, que, na noite de 18 para 19 de Julho, custou a vida a Mary Joe Kopechne, antiga colaboradora de Robert Kennedy, constitui uma verdadeira bomba de efeito retardado, que «Ted» arrasta atrás de si. A explosão ameaça, a cada instante, um rebentamento cujos estilhaços poderão ser fatais para o jovem senador de Massachusetts, que, no começo do Verão, figurava ainda como o *leader* virtual dos liberais democratas.

Não se passa uma semana sem que um jornalista ou uma testemunha de última hora lance uma nova hipótese, demonstre uma nova contradição nas explicações confusas do senador Kennedy. Os desmentidos que logo se formulam na roda do senador não são tomados a sério por ninguém; nada é verdade, mas tudo é possível neste caso.

Múltiplas questões

A curiosidade doentia, uma obscura sede de vingança, a inveja, podem, sem dúvida, explicar, em parte, a campanha da Imprensa de que Edward Kennedy continua a ser objecto. Devemos, no entanto, reconhecer que o senador do Massachusetts tudo fez para a facilitar, sobrestimando manifestamente a credulidade dos seus concidadãos. O rol das inverosimilhanças e das insuficiências das suas explicações é impressionante. Lembremos as mais flagrantes:

— Edward Kennedy afirma que o acidente se deu quando ele levava Mary Jo Kopechne de volta ao *ferry-boat* que liga a ilha de Chappaquiddick á de Martha's Vineyard. Mas o acidente deu-se quando o senador já se ia afastando do embarcadoiro e não quando ele se ia aproximando, em vez de virar á esquerda, ao sair da *villa* onde se efectuou a reunião dos antigos colaboradores de Robert Kennedy, «Ted» virou á direita, para um caminho impróprio para transito automóvel e que só pode levar a uma praia deserta. Edward Kennedy dificilmente poderia enganar-se, pois conhece perfeitamente a região, onde passa todas as férias, desde a mais tenra idade.

— Depois do acidente e depois de ter, segundo diz, mergulhado várias vezes, a fim de tentar salvar a passageira do carro, o senador afirma que voltou *«em estado de choque»* á festa donde saira pouco tempo antes, que se confiou a dois amigos presentes — o primo, Joseph Gargan e Paul Markham — e que voltou com eles ao local do acidente. Gargan e Markhan teriam, por sua vez, mergulhado várias vezes, embora nenhum dos participantes na festa se lembre de os ter visto depois molhados. Mas este pormenor não é nada, comparado com esta pergunta, á qual os interessados não responderam: porque é que Gargan e Markham, dois juristas, não preveniram a polícia? Se Edward Kennedy estava «em estado de choque» devido ao acidente, eles não estavam, de modo nenhum

Um «alibi»?

— Ainda segundo a versão dos factos apresentados por Edward Kennedy, os três amigos ter-se-iam dirigido imediatamente ao embarcadouro para Martha's Vineyard. Aí, apercebendo-se de que o barco que liga as duas ilhas tinha interrompido a carreira, durante a noite, Gargan e Markhan teriam deixado que Edward Kennedy mergulhasse no braço de mar, que separa Martha's Vineyard de Chappaquiddick e depois teriam voltado para a festa, onde não disseram palavra sobre o acidente. Abandonar um amigo numa situação dessas ou é inconsciência da mais completa ou incoerência criminosa, sobretudo quando se sabe que basta telefonar para que o *ferry-boat* faça o serviço, mesmo de noite. É certo que o operador de Edgartown (a pequena «capital» de Martha's Vineyard) avisa a polícia, sempre que a chamada nocturna seja motivada por acidente ou doença. Preço de uma passagem de noite: 50 cents (catorze escudos) em vez dos 10 cents (menos 3 escudos) da passagem diurna.

— Continuando a apoiar-nos na tese apresentada por Edward Kennedy, o jovem senador teria regressado ao

(Continua na página seguinte)

Por JACQUES AMALRIC

(Exclusivo «Le Monde»-«Diário de Lisboa»)

Nota do dia

O «BEM» E O «MAL»

A VISITA-RELÂMPAGO que o Presidente do Conselho fez no último fim-de-semana a algumas terras esquecidas do distrito da Guarda foi a oportunidade para a reportagem trazer à luz dos projectores alguns aspectos que merecem registo. Terras esquecidas lá no cabo do mundo, quase que só se conhecem de páginas de romance, como as que Fernando Namora escreveu para pano de fundo das gentes do Sabugal e de outros nomes raianos. Terras esquecidas, tão esquecidas que quase somos acordados da surpresa de não se permanecer em plenos domínios da ficção literária.

A teoria dos nomes de terras da Beira vizinha do Douro, Almeida com o seu vetusto castelo que se pensou em fazer desmontar e vender em pedras soltas, Almendra com as suas nuvens brancas de amendoeiras, Vilar Formoso a fazer de átrio de uma das entradas de Portugal, Barca de Alva lá nos confins do Douro à porta de Trás-os-Montes e com as lembranças de Guerra Junqueiro ali vizinho de Freixo de Espada-à-Cinta. E Figueira de Castelo Rodrigo a recordar-se orgulhosa como «terra da Restauração», onde pela primeira vez, lá o disseram, se teve visita de um chefe de Governo.

Aos dísticos de saudação distribuídos pelo itinerário delineado juntavam-se alguns outros de tom reivindicativo. Estes são de Figueira de Castelo Rodrigo e vêm registados nas reportagens: «Para quando o plano de beneficiação do conjunto medieval do castelo?», «Para quando a projectada ligação rodoviária com a Espanha?», «Para quando a nossa vez de termos as nossas terras irrigadas e abastecidas de água?». É a voz concreta de populações desamparadas, perdidas na lonjura das planícies ou esquecidas no refolho das serranias. Voz esquecida, que corre num assomo a fazer-se lembrada.

Um comunicado das oposições chamava um dia destes a atenção para o mesmo problema, estabelecendo o paralelo de que resulta aliás o contraste entre o que tem andado a fazer-se em obras de irrigação no Sul do País e o que não tem até agora sido feito nas regiões do Norte. Situações que se sublinhava na alegada circunstância de os regantes do Sul (grande propriedade) serem muito poucos e de, pelo contrário, serem muito numerosos os pequenos agricultores do Norte que beneficiariam da condição de regantes. E aqui vem a cavalo o problema da estrutura agrária.

Outra voz clamante, esta do Nordeste trasmontano, foi a do eng.º Carlos de Mendonça, antigo deputado, depois não reconduzido, agora de novo na liça a pedir votos que o façam regressar ao Parlamento. Homem feito no regime, com começo de carreira dentro do regime, retirou-se desiludido para as terras donde veio e onde empreendeu uma experiência pessoal de valorização agrária que tem muito sonho e algumas decepções. Volta agora, de novo pela mão da «União Nacional», convencido, como disse, que é a altura. Pede coisas e entre elas: pequenas obras de regadio...

Na resposta que deu às vozes de Figueira de Castelo Rodrigo, anunciou o Presidente do Conselho que o problema das águas está a ser visto «distrito por distrito em relação a todas as povoações que carecem de abastecimento». Com certeza que a um homem com as responsabilidades mentais do prof. Marcello Caetano não vai quem quer que seja fazer a mesma crítica que tão correntemente se lança aos que se apresentam como candidatos da Oposição, de tudo resolverem em meia dúzia de promessas. Com certeza. Precisamos de acreditar na seriedade de quem se devota ou pretende devotar à causa pública. Com certeza. Mas precisamos de acreditar também uns nos outros e não andar a pensar que só uns é que pensam bem e que «os outros» hão-de pensar mal. É que «os outros» somos nós todos — para os outros...

RECTÂNGULOS DA VIDA

OS CÉREBROS ARTIFICIAIS

No prefácio a um ensaio sobre cérebros electrónicos, ensaio que não li integralmente por falta de cultura científica, deparei com as seguintes palavras: «Estas máquinas são um pouco assustadoras. Ninguém sabe onde é que se deterá a sua invasão do território da mente humana. Ninguém pode afirmar com certeza absoluta que o campeonato mundial de xadrêz não venha a ser ganho por uma máquina destas. Ninguém pode afirmar com certeza absoluta que não apareça uma máquina capaz de compor um soneto digno de figurar numa boa antologia própria para as escolas primárias. Ninguém pode afirmar com certeza absoluta que não venha a aparecer uma máquina capaz de pintar um quadro digno de ser exposto na Academia Real ou mesmo num daqueles recantos ou caves mais selectas do mundo da arte». Apesar da antologia ser para escolas primárias, estas palavras de C. M. Mace deixam-nos um tanto ou quanto pensativos porque situam a pintura e a poesia no campo dos trabalhos manuais, talvez, um dia. O homem terá de se dedicar totalmente à técnica e voltar para ela todo o seu potencial criador, e ela, a máquina, as máquinas, encarregar-se-hão de todo o resto, e entre outras coisas de pequenos pormenores mais ou menos lúcidos como a arte. É natutral talvez que no século não-sei-quantos haja uma entidade requintada que encomende uma tela pintada à mão (trabalho lento e caro, que só alguns indivíduos que se intitulam a si próprios «artistas» ainda farão), ou que tenha a curiosidade quase arqueológica de editar um livro escrito por um ser humano. Mas é possível que as pessoas considerem esse dinheiro um desperdício, tal como hoje acontece com os bordados feitos à mão e com o tricot manual. Para quê, Deus do céu, se há máquinas que fazem tudo isso depressa, bem, e muito mais barato?

Claro que é grande o perigo de o Homem acabar por ser dominado pela máquina que tudo faz, uma máquina superperfeita, superinteligente, superactiva, supersaudável. Há mesmo o perigo de essa máquina vir a possuir qualidades e defeitos humanos, tal a sua perfeição — recordemos Hall, o computador ofendido de «2001 Odisseia no Espaço». Um perigo e tanto. Mas o Homem não recua perante perigos desses. Não pode deter-se, o Homem, e o caminho é em frente.

É formidável, claro. Mas é também muitíssimo desconsolador.

por MARIA JUDITE DE CARVALHO

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

Artes plásticas

BIENAL DE MONTEVIDEU

A I Bienal de Artes Plásticas de Montevideu, á qual podem concorrer artistas portugueses, está a ser organizada pelo Instituto Pan-Americano de Cultura.

O 1.º prémio é de 500 000 pesos e o prazo para a entrega dos trabalhos concorrentes termina no próximo dia 15 de Novembro.

O regulamento pode ser consultado na secretaria da S. N. B. A. todos os dias, excepto aos sábados, das 10 ás 12 e das 14 ás 18 horas.

Curso de Formação Artística

Na próxima quinta-feira, inaugura-se, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, o novo ano lectivo do Curso de Formação Artística, recebendo ainda, a S. N. B. A., inscrições.

CORO BACH

O Coro Bach de Lisboa, que agora retoma as suas actividades para a nova temporada, admite novos cantores. As pessoas interessadas no repertório de musica sacra (Motetos, Cantatas e Oratórios), e que desejem participar nas actividades deste agrupamento de amadores, poderão obter as informações pretendidas na Igreja Evangélica Alemã (Serviço de Musica), á Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, 48.

NOVO RESTAURANTE EM ALVALADE

Um novo restaurante-bar é inaugurado amanhã á noite em Alvalade. Tratase do «La Paix», instalado com todos os requisitos modernos (incluindo uma excelente garrafeira) na Avenida São João de Deus, 41-H.

O futuro político do senador Kennedy parece cada vez mais comprometido

(Continuação da pág anterior)

hotel de Martha's Vineyard num estado deplorável, no ponto de vista psicológico, e, além disso, como fato em míseras condições. Foi esse estado, aliás, que o impediu de prevenir a polícia de Edgartown, nesse momento: só o veio a fazer no dia seguinte, depois das 9 da manhã. Se assim é, como é que o proprietário do hotel, Pusell Peachy, o encontrou ás 2 e 25 com o fato seco? E porque é que a essa hora o senador lhe perguntou que horas eram e se queixou do barulho que havia no hotel? Curioso encontro no qual certos espíritos críticos quiseram ver a preocupação que Kennedy tinha de forjar um *alibi*.

— Outros dois pontos são particularmente perturbadores na versão referida por Kennedy:

1) Porque é que o senador voltou, no dia seguinte ao do acidente, a Chappaquiddick, pouco depois das 8 horas? Queria voltar a ver o local? Saber se o acidente tinha sido descoberto? Em todo o caso, foi só depois de o condutor do *ferry-boat* lhe ter perguntado se «estava ao corrente do acidente» que Ted Kennedy foi, finalmente, ao comissariado de Edgartown prestar o seu depoimento.

2) O segundo ponto perturbador diz respeito á hora do acidente. Edward Kennedy afirma que o acidente ocorreu cerca das 23,15 h, o que torna plausível a tese da partida precipitada da festa para aproveitar o ultimo *ferry-boat*. Mas uma testemunha afirma ter visto um «Oldsmobile» preto, do mesmo modelo que o carro do acidente, meter pelo caminho mau, onde o acidente se verificou, por volta das 0,40 h, isto é, muito depois da ultima travessia do *ferry-boat*. A testemnha é um certo Christopher Look, *sheriff* adjunto, que declarou, no comissariado de Edgartown, antes de o carro de Ted Kennedy ter sido reparado, que esse automóvel tinha um numero com a letra L e dois algarismos 7. Ora o numero do carro do senador é L 78207 e está provado que na noite do drama havia um unico Oldsmobile preto na ilha: o que teve o acidente.

Hipóteses

Este rol de insuficiências e de inverosimilhanças não é limitativo. Muitas outras poderiam ser apontadas. Nomeadamente o caso das 17 chamadas telefónicas que teriam sido feitas pelo senador ou pelos seus amigos na noite do acidente. Estas revelações foram publicadas num jornal local, mas não puderam provar-se, dado o segredo — aliás muito teórico nos E. U. A. como em qualquer parte — das conversações telefónicas.

Se este ponto se revelasse exacto, em todo o caso, reduziria a nada a tese do «*traumatismo*» que proibiu o senador de prevenir a polícia antes de nove horas decorridas. Em compensação, explicaria perfeitamente a chegada maciça do «clã» á casa de campo e de todos os amigos e conselheiros da família, desde Ted Sorensen, que teria redigido a versão dos factos apresentada por Edward Kennedy perante as camaras da TV, até Robert McNamara, não esquecendo Richard Goldwin, Steven Smith e o antigo secretário-adjunto da Justiça, Burke Marshall...

Uma unica conclusão se impõe neste caso sombrio: mesmo que não tenha mentido deliberadamente, Edward Kennedy optou por calar parte da verdade. Com que fim? Aqui começa o domínio das hipóteses, que são numerosas: o senador desnorteou-se; não estava em estado de se apresentar á polícia no momento do acidente; pensou por instantes em endossar a responsabilidade do acidente para o primo, Joseph Gargan; não estava sózinho no carro com Mary Jo Kopechne; foi vítima de um «golpe preparado». Cada qual poderá escolher á vontade nesta lista, consoante as suas simpatias. Não faltam as suposições para dar crédito a esta ou áquela tese: já há algum tempo que o casal Kennedy «não andava bem»; tal jornalista lembra-se de ter visto o senador um tanto «tocado» num avião que o trazia de uma viagem pelo Alasca; não será tudo possível da parte de um homem que tentou que um dos seus condiscípulos fizesse o exame por ele, em Harvard, e que foi convidado a sair da célebre universidade, para evitar o escandalo? Também neste caso a gama das «histórias significativas» relatadas pela Imprensa é variada. Mas porque é que Edward Kennedy contribuiu com o seu silêncio para alimentar este clima bastante sórdido? Pedindo aos eleitores do Massachusetts que o confirmem no seu mandato por uma onda de cartas de encorajamento, anunciando solenemente que não se apresentará como candidato á presidência, em 1972, não dará ele a impressão de se considerar mais culpado do que o que decidiu o juiz, condenando-o a dois meses de pena de prisão suspensa?

Este sentimento parece compartilhado por uma maioria de americanos, a começar por grande numero de democratas. Eclipse ou preludio de um total desaparecimento da cena política, o papel apagado em que Edward Kennedy agora se acantonou põe o problema da direcção moral do partido e da candidatura ás eleições presidenciais de 1972. Os pretendentes não faltam: três dominam o todo e já deram que falar. Primeiro, temos Hubert Humphrey, que sonha com uma vingança contra Nixon e que deu a entender que tentaria regressar ao Senado, no próximo ano, procurando conquistar o lugar do Minnesota (que Eugene McCarthy quer deixar). Edmund Muskie, senador do Maine, e que esteve na lista de H. Humphrey, durante as ultimas eleições, não esconde também as suas ambições. Tem a seu favor a honestidade, a juventude, a seriedade, a boa impressão que causou em 1968, mas não se impôs ainda como personagem de estatura nacional. O ultimo do trio esteve igualmente ligado de perto á ultima campanha presidencial: trata-se do senador George Mac Govern (Dakota do Sul), candidato infeliz á investidura democrática e levado para a arena, segundo se diz, pelos amigos de Robert Kennedy, que não queriam aliar-se á candidatura McCarthy.

Muito pode acontecer daqui até 1972. Prudente, o senador Muskie até finge que não acredita ainda na retirada de Edward Kennedy. «*Com um Kennedy nunca se pode ter a certeza de nada*», deixou ele (descuidadamente?) escapar. Contudo não se vê muito bem como poderia o senador do Massachusetts efectuar uma rápida recuperação e afirmar-se de novo como verdadeiro *leader* do partido democrático. Os misterios de Chappaquiddick constituem, desde agora, um poderoso *handicap*. São tão densos que qualquer homem político a quem a ascensão do ultimo Kennedy causasse preocupações, pode estar certo de que sempre aí poderá ir buscar argumentos talvez baixos e sórdidos, mas certeiramente eficazes. Um novo periodo se abre, sem duvida, para os E. U. A.: o da América sem Kennedy.

Todos os caminhos vão dar ao banco. O banco tem todos os caminhos para lhe dar.
A poesia do banco é o dia-a-dia de quem passa e descansa no BANCO...
O BANCO PARA TODA A GENTE.
O BANCO renovou-se, modernizou-se, apetrechou-se de forma a poder oferecer TÉCNICA MODERNA.
Criou para si, qualquer que seja a sua profissão, o seu ramo de comércio ou indústria um SERVIÇO PERSONALIZADO.
Para a resolução do seu problema a nossa RAPIDEZ DE DECISÃO.
Não esqueça... EXISTIMOS PARA O SERVIR.

BANCO FONSECAS & BURNAY
o banco para toda a gente

AMÉRICA DO NORTE, AUSTRÁLIA, BRASIL, CANADÁ, ÁFRICA, ETC.

Reserve sua passagem de Barco ou Avião na AGÊNCIA TURALGARVE

Praça da Republica, 100 — Telef. 193 — LOULÉ
Rua Luciano Cordeiro, 6-C — Telef. 538240 — LISBOA

3º RALLY INTERNACIONAL TAP

ESPECTACULAR VITÓRIA COLECTIVA DATSUN

120 carros à partida • 3 carros à chegada

2 DATSUN entre os 3 "sobreviventes"

1º lugar por marcas (Troféu dos Construtores)
2º lugar da geral (José Lampreia/C. Melville
3º lugar da geral (Chavan/Loyens)

NISSAN MOTOR CO., LTD.

ENTREPOSTO

NOVA DIMENSÃO NO MERCADO AUTOMOVEL

ENTREPOSTO COMERCIAL DE AUTOMÓVEIS S.A.R.L.
Av. Duarte Pacheco, 21-A —
Telef. 68 51 75/6/7/8 — Lisboa 3
Oficinas: Praceta Projectada à Estr. de Benfica (ao J. Zoológico)

REDE DE CONCESSIONÁRIOS

VIANA DO CASTELO — Assistência — Garagem Nova — Av. Rocha Páris, 146

BRAGA — Filial RÓTOR — Rua Eng. Arantes Oliveira, 442 — Assistência — Auto Central de Braga, Lda. — Av. João XXI

PORTO — RÓTOR — Sociedade de Comércio e Representações, S. A. R. L. — Rua Alexandre Herculano, 351/367

VISEU — Viseu Industrial, Lda. — Av. 28 de Maio

ÁGUEDA — Auto Geiza — Sociedade de Automóveis, S. A. R. L. — Borralha.

COIMBRA — Coimbra Auto, de Brinca e Morais Lda. — Rua do Arnado 19-21-23

FUNDÃO — Indústrias do Fundão, Lda.

CASTELO BRANCO — Garagem da Beira — Rua de Santo António, 1 a 15

LEIRIA — Auto Metalúrgica de Nicolau Mateus e filhos, Lda. — Rua de Santo António

PORTALEGRE — Elias e Cabecinha, Lda. — Rua Guilherme Fernandes, 22

SANTARÉM — C. Cristo, Lda. — Av. D. Afonso Henriques, 97

SETÚBAL — TecniSado, Lda. — Av. Duarte Pacheco, Lote 2

FARO — Barradas, Pontes e Lança, Lda. — Rua General Teófilo da Trindade, 9-11

MADEIRA-FUNCHAL — Auto-Comercial Central do Funchal — Rua do Hospital Velho, 19

ÉVORA — Barradas e Cândido Cebola, Lda. — Praça Joaquim António de Aguiar, 30-31

VILA REAL — Álvaro Teixeira Serra — Praça General Silveira — Chaves

NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 ÀS 3 HORAS

"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS

FANTASTICA
PRODUÇÃO DE CRIS VARLAMOS
COM
BUDD THOMPSON DAPHNE DAYLE
KIM JACKLEY

HORCAR MAGIA E ILUSÃO

SAUDADE DOS SANTOS

EDUARDO NASCIMENTO E "OS ROCK'S"
JIRINA'S COMBO
FERRER TRINDADE e sua orquestra

no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos no wonder bar à 1.00h m/21anos

SANDY STEWART
só no wonder bar

NO CINEMA, ÀS 17 E ÀS 21.30 H.
A LUZ É PARA TODOS
(M. 12 anos)

Dia 19, às 21 e 30
NO SALÃO RESTAURANTE
FESTIVAL DE MODA
MASCULINA E FEMININA

CONCURSO DE ARTE DRAMÁTICA ORGANIZADO PELA SECRETARIA DE ESTADO DA INFORMAÇÃO E TURISMO COM A COLABORAÇÃO DA F. N. A. T.

TEATRO DA TRINDADE
ÀS 21.30 HORAS

Dia 16 — «ANTÍGONA», pelo Grupo de Teatro dos Estudantes do Instituto Industrial do Porto
Dia 17 — «QUANDO A VERDADE MENTE», pelo Mem Martins Sport Clube, de Mem Martins
Dia 18 — «O INSPECTOR GERAL», pelo Círculo de Teatro, de Aveiro
Dia 19 — «ALBERGUE NOCTURNO», pelo Grupo Mérito Dramático Avintense, de Avintes — Gaia
Dia 20 — «SABINA FREIRE», pelo Grupo «Amigos de Portimão», de Portimão
Dia 21 — «A PROMESSA», pela Associação Recreativa Aurora da Liberdade, de Matosinhos
Dia 22 — «TOPAZE», pela Sociedade Filarmónica Incrível Almadense, de Almada.
Dia 23 — «OS PRIMOS BASÍLIOS», pelo Progresso Clube, do Algueirão
Dia 24 — «O GEBO E A SOMBRA», pelo Grupo Dramático e Cultural, de Aveiras de Cima
Dia 25 — «DUAS CAUSAS», pelo Grupo Cénico do Sport União Sintrense, de Sintra.

Bilhetes à venda aos preços de 10$00, 5$00 e 2$50

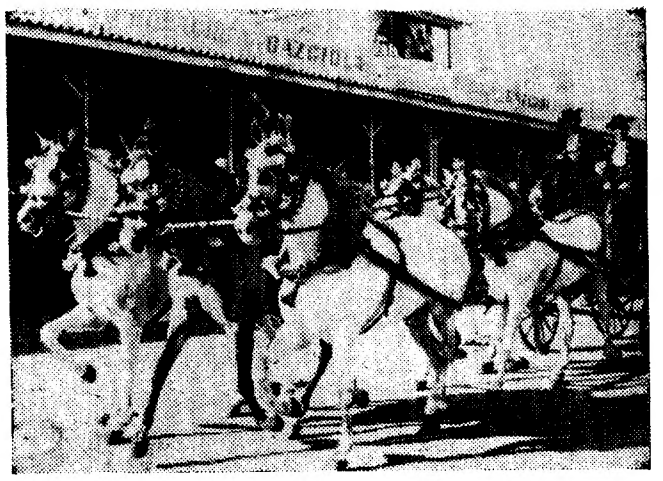
PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO TIVOLI

TÍTULO — «Um Leão no Inverno» («The Lion in Winter» — 1968)
INTÉRPRETES — Peter O'Toole e Katharine Hepburn

Natal de 1183. «Somos ainda selvagens. A escuridão envolve-nos». O rei Henrique II, homem violento, impulsivo e ambicioso, decide libertar por alguns dias a sua esposa-quase-viúva, Eleanora de Aquitânia, mulher repudiada que há dez anos vive presa numa torre. Henrique tem agora outro amor: a princesa Alais, jovem prometida desde já para um dos filhos do seu actual amante. Filhos que são três: Ricardo Coração de Leão, João sem Terra, e Godofredo. Em visita, temos Filipe, o Belo, rei de França. São três ainda os eixos em torno dos quais se irão desenrolar as discussões: o problema da sucessão ao trono, a partilha das terras, e o amor. Na sucessão ao torno, são Ricardo e João os pretendentes declarados, e Godofredo aquele que traba-

(Continua na página seguinte)



«RIBATEJO EM FESTA» é o novo documentário de Francisco Saalfeld, feito sobre as actividades e os pontos turísticos daquela riquíssima província portuguesa, aliás consubstanciados na sua grande Feira Nacional de Agricultura. Colorido e com a duração de 16 minutos, «Ribatejo em Festa» será estreado no dia 28 deste mês, no cinema Monumental. Francisco Saalfeld, produtor, realizador, montador e director de fotografia, já representou Portugal com os filmes «Outono em Lisboa» e «Colecção Calouste Gulbenkian», este último, medalha de prata do Festival Internacional de San Sebastian

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

RAUL SOLNADO em «AMOR ÀS RISCAS»

VASCO MORGADO APRESENTA
HOJE, 2 APAIXONANTES SESSÕES
Às 21 horas e às 23 horas
(Adultos)

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET

UMA HISTÓRIA ONDE SE PROVA QUE AMAR É DIVERTIDISSIMO

SALVADOR NO «ZÉ SALOIO»

VÁ ESTA NOITE RIR!

● Giuseppe Bastos e Vasco Morgado
Apresentam às 20,45 e 23 horas

ESPERTEZA SALOIA

● Um espectáculo sensacional, com
● SALVADOR ● JOSÉ VIANA ● MARIEMA
● BARROSO LOPES ● DORA LEAL
● VITOR MENDES ● MARIANO FRANCO ● DINA MARIA
● CRISTINA CASSOLA e UM FORMOSO GRUPO DE JOVENS ACTRIZES
O SOLISTA DE GUITARRA
● FRANCISCO CARVALHINHO

A ATRACÇÃO NACIONAL
● HELENA TAVARES

A ATRACÇÃO FILIPINA
● «THE MELODIES»

MARIA VITÓRIA

● Uma revista cheia de graça, linda música e formosas mulheres!

HELENA TAVARES

COLISEU

HOJE, AS 21.30
(Maiores 12 anos)
Só até domingo
Últimos espectáculos
GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL DE
CIRCO
As maiores atracções
PALHAÇOS
FAZ-TUDO

Quinta-feira
À tarde, entrada gratuita às crianças até 10 anos
Todas as noites às 21.30

AGUARDENTE VELHA
Nicepoort
a prova está na prova

ÚLTIMOS DIAS

A revista dos PARODIANTES DE LISBOA
com CAMILO, FLOR BELA, com as atracções PAULA RIBAS, RUI DE MASCARENHAS
— um espectáculo de VASCO MORGADO
em QUARTO MÊS
com lugares desde 10$00

A REVISTA DA MODA
HOJE
em DUAS SESSÕES
20.45 e 23 horas
(ADULTOS)

MONUMENTAL

ATENÇÃO: «O Sr. «RI-TE, RITE» encontra-se amanhã, pelas 15.30 h. em Algés, junto às Esplanadas, no lado da Marginal.

ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES
A COMÉDIA DE QUE TODOS FALAM

VARIEDADES
14.ª SEMANA

VASCO MORGADO
apresenta
— HOJE —
A NOITE, às 21.45 h.
(Adultos)
2 HORAS A RIR
com
UM CASO MUITO SÉRIO
A MULHER é igual, superior, ou inferior ao HOMEM

TRIUNFO DA C.ª TEATRO ALEGRE
com HENRIQUE SANTANA ☆ IRENE ISIDRO ☆ COSTINHA ☆ LIA GAMA ☆ MARIA HELENA ☆ LUÍSA DURÃO ☆ DAVID SILVA ☆ HELENA ISABEL ☆ BENJAMIM FALCÃO
AMANHÃ, DESCANSO DA COMPANHIA

ora diga-nos...

— Gostas de andar pela mão?

Atravessar a rua sòzinho é uma prova de maioridade para a criança com o gosto da independência.

● *A Ana Paula Ferreira Gomes é uma menina — menina, de 5 anos, sem vocação para Maria Rapaz. Respondeu-nos:*

— Gosto de andar pela mão.

Porquê? Tens medo dos carros?

— Tenho medo.

— Nunca brincaste na rua?

— Não. Brinco em casa.

— Sabes jogar ao pião ou ao arco?

— Não *(mudo, só com o característico abanar de cabeça).*

● Gosto, mas também gosto de andar sòzinho! — *disse-nos o Ivo Manuel Ramos Martins, de 8 anos.*

— Tenho medo, mas gosto de atravessar a rua só — *prosseguiu.* — Olho para um lado e para o outro e atravesso quando não vem nenhum carro.

— A tua mãe deixa-te brincar na rua?

— Às vezes brinco na rua e outras ando de bicicleta numa garagem.

● *Por último, o Sebastião Cardoso, também de 8 anos, afirmou:*

— Gosto, mas é melhor andar sòzinho.

— Já alguma vez atravessaste a rua sòzinho?

— Às vezes atravesso, outras não. Tenho medo dos carros.

Brincas na rua?

— Nunca brinquei na rua. Brinco em casa com os bonecos dos gelados.

Estreia de filmes recentes na R.T.P.?

A União de Grémios dos Espectáculos enviou ao presidente do Conselho de Administração da R. T. P. uma exposição solicitando que a Televisão «*não promova a apresentação de filmes recentes, dadas as consequências que de tal adviriam para a industria do espectáculo publico em geral e do Cinema em particular.*»

A exposição foi provocada por uma informação emanada do presidente do Conselho de Administração da R. T. P., segundo a qual passariam a ser exibidos em breve filmes estrangeiros de estreia muito recente.

■ **Recentemente divorciada do actor negro Sammy Davis Jr., Mai Britt regressa ao «écran» pela primeira vez desde o seu casamento para desempenhar, como convidada, um papel em «Mission Impossible».**

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

(Continuação da pág. anterior)

amor, ele centra-se em quatro relações primordiais: Henrique-Eleanora; Henrique-Alais; Eleanora-Ricardo (relação mãe-filho); Ricardo-Filipe.

A partir destes elementos, é fácil prever o desfiar da acção. O que está em jogo é a capacidade de dominar o maior número possível dos restantes à custa do menor número possível de alianças. Para tal utiliza-se o aliciamento e a mentira. As várias mentiras sucedem-se e tudo depnde da forma como são simuladas. A hipocrisia instalasse como lugar reconhecido e aceite por todos os intervenientes. Este jogo de falas é levado às extremas consequências.

Os grandes trunfos deste filme são :

a) O factor da luta soberana entre duas grandes feras (alusão sublinhada no título), que são Peter O'Toole (Henrique) e Katherine Hepburn (Eleonora), com toda a encenação de violência verbal que tais encontros habitualmente suscitam.

b) O tom de superprodução e de grandiosa reconstituição histórica, a par de uma estrutura teatral bastante complexa, que altera, a cada passo, por inteiro, os dados da situação.

c) A beleza de certos planos, sobretudo em exteriores.

d) A rede de alusões psicanalíticas com que são apresentadas algumas personagens (Henrique e a figura do pai; Ricardo e a obsessão da mãe, homossexualidade de Ricardo, tal como sucedera com o seu pai).

e) A qualidade de interpretação, notável em Katharine Hepburn, menos boa em Peter O'Toole.

Note-se que o filme se ressente de um desenvolvimento desmedido que o desequilibra, tornando-se por vezes fatigante. O problema da sucessão, repetido em todas as suas variantes possíveis, acaba por se verificar saturante. É este, dentro dos seus limites e objectivos, o principal defeito do filme.

Quanto ao mais, é fácil explicar: se gosta de obras de sabor histórico e tom de superprodução, com elementos espectaculares, boa restituição de épocas e ambientes, argumento inteligente mas tradicional, e linguagem bastante académica, então «Um Leão no Inverno» é o filme que lhe convém. Caso contrário, desista.

E. P. C.

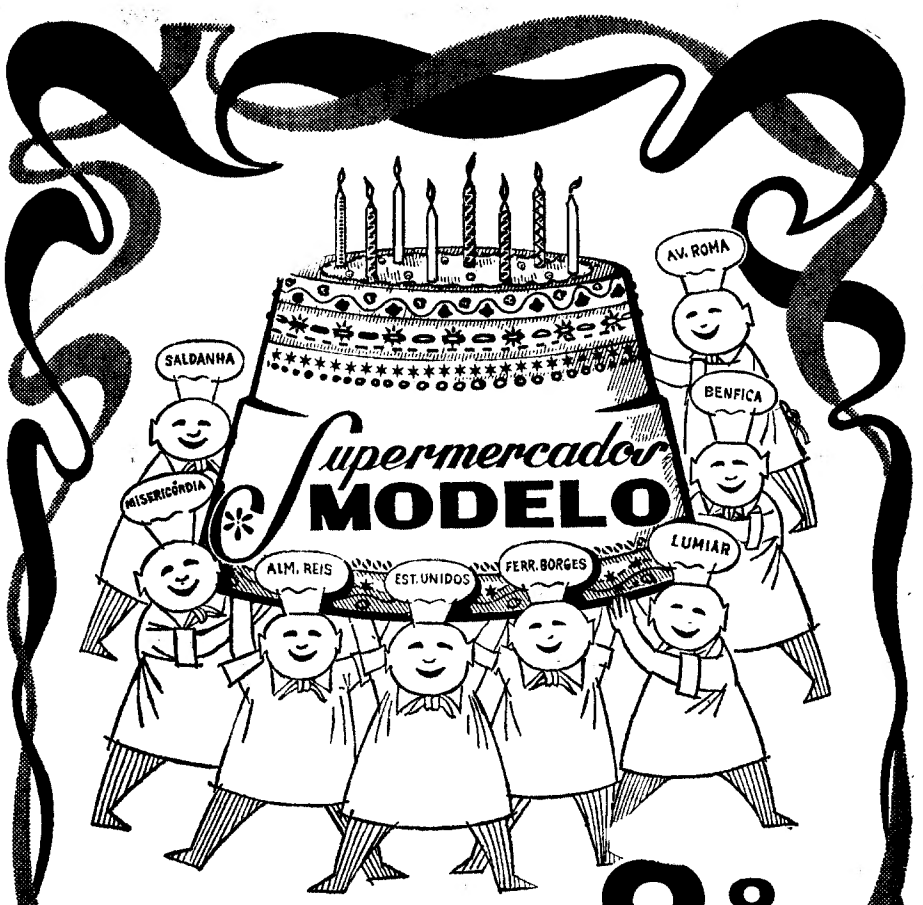
«PAREDE A SORRIR»

Na próxima quinta-feira, pelas 21 e 30, representa-se na sede da Sociedade Musical União Paredense (Rua Marquês de Pombal, 21, na Parede) a revista «Parede a sorrir», da autoria de Miguel Simões, com musica de Cirilo Bernardo e interpretação de Amadores locais.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

HOTEL DOM CARLOS
PARA SI, SUA FAMÍLIA OU COM AMIGOS
UTILIZE O NOSSO RESTAURANTE
Ao almoço tem sempre á sua disposição um prato típico da cozinha portuguesa
Amanhã: 4.ª-feira — CALDEIRADA DE CABRITO
PARA MARCAÇÃO DE MESA: TELEF. 53 90 71
AV. DUQUE DE LOULÉ, 121 LISBOA

OPEL LIGAR
Kadett OLYMPIA REKORD COMMODORE
OPEL
LICAR
AV. CASAL RIBEIRO, 48-A-LISBOA1



para comemorar o 8º aniversário do primeiro supermercado do país, brindam os seus clientes com autênticas

OFERTAS ESPECIAIS
VÁLIDAS EM TODOS OS SUPERMERCADOS MODELO, DE 13 A 20 DE OUTUBRO

SABÃO CLARIM 2 BLOCOS SÓ POR 7$00 EM VEZ DE ~~8$00~~

VERMUTE MARTINI SÓ 32$80 EM VEZ DE ~~35$00~~ COM 1 COPO GRÁTIS (NO VALOR DE 6$00)

ÓLEO FULA SÓ 15$80 EM VEZ DE ~~17$50~~

SALSICHAS IZIDORO 2 LATAS SÓ 15$50 EM VEZ DE ~~20$00~~

CERVEJA SKOL 3 GARRAFAS SÓ 12$00 EM VEZ DE ~~15$00~~

FRANGOS PRONTOS A COZINHAR QUILO SÓ 24$80 EM VEZ DE ~~28$00~~

pali

Supermercados MODELO
UMA FAMÍLIA AO SERVIÇO DA SUA FAMÍLIA

SALDANHA • MISERICÓRDIA • ALMIRANTE REIS • ESTADOS UNIDOS
FERREIRA BORGES • LUMIAR • BENFICA (PALMEIRAS) • AV.DA ROMA

FESTIVAL DO RIO DE JANEIRO (3)

MALCOLM ROBERTS: O SUCESSOR DE TOM JONES

RIO DE JANEIRO, Outubro — (Do nosso enviado especial NEVES DE SOUSA) — «*Foi a mais bela noite da minha vida e jamais esquecerei este maravilhoso publico brasileiro.*» Malcolm Roberts enxuga o suor e pretende (também) limpar as lágrimas. A sua volta, nos bastidores do Maracanãzinho (burocràticamente denominado de Ginásio Gilberto Cardoso) centenas de microfones e montes de esferográficas registam as palavras do novo Tom Jones, do inglês alto e louro, másculo e possante, que arrebatou dezenas de milhares de pessoas cantando «Love is all», de Les Reed, com poema de Barry Mason.

Mas, isto (diz-se amiúde) é um festival de canções. Logo, de autores. Daí que procuremos apresentar aos nossos leitores quem é um *tal* Barry Mason, nascido em Wigan (no Lancashire) e educado na «Baines Grammar School» (em Blackpool).

Barry popularizou-se como corredor. Foi campeão e recordista inglês de 800 metros. Essa classe de atleta possibilitou-lhe o ingresso na Universidade de Ohio (na América do Norte), onde esteve um ano. *Desertou* para se escapulir até Hollywood, chegando até á «Meca do Cinema» com 30 centavos no bolso (cerca de oito escudos) na esperança de fazer carreira no «Show-business».

— *Tive de conquistar uma proprietária de pequeno hotel para arranjar um quarto a crédito...*

Depois de quatro dias (a pão e laranjas) encontrou um lugar no «Ad-Lib Restaurant», para lavar copos, limpar mesas...

—...*e tomar a maior refeição que se pode imaginar: sopa e dois pratos...*

Aceitou o emprego de vendedor de discos na «Music City and Vine». Queria juntar dinheiro para cursar a «Drama School». Trabalhava no restaurante das 9 da manhã ás 5 da tarde, e na loja das 5 e 30 até ás 2 da madrugada. Mas, ganhou imenso, pois tomou contacto com a música «pop» e conseguiu algumas «pontas» em espectáculos de revista.

— *Protegeram-me. Fundei uma firma de cosméticos, a «La Vie». Depois...*

Bem, passemos adiante. A firma de Barry Mason faliu e o rapaz escapou a tempo do assalto dos credores. Vendeu a pouca mercadoria que tinha em «stock» e *raspou-se* para Londres, onde aceitou o papel de «duplo» de Albert Finney em «Lillywhite Boys», que foi á cena no «Royal Court Theatre». Saltou dai para «Saturday night and sunday morning». E, numa «hora de bar» (*«estávamos a tomar uns drinks»...*) descobriu Tommy Bruce (que era porteiro do Conv. Garden) e tornou-se seu empresário. «Aint Misbehavin's» foi a sorte para ambos, uma sorte que se prolongou porque Barry, sem conseguir autor para Tommy, resolveu escrever as próprias composições que seu pupilo interpretaria.

— *Então, conheci Norrie Paramor... Depois, tudo foi fácil. Juntei-me a Les Reed e ganhámos, quatro anos seguidos, o «Ivor Novello». E (veja lá como são as coisas!) da primeira vez foi graças a uma interpretação minha.* (Ri com gosto e com prazer). *Cantei Rowbottom Square» e venci. Imagine como eram os concorrentes...*

Mark White (senhor, todo poderoso, da B. B. C.) convidou-o para uma audição — o «Barry Mason Midday Spin Show» estendeu-se por 24 semanas e consagrou-o como excelente «disco-jockey».

Tornado vedeta, Barry Mason permanece ao lado de Les Reed, com quem escreve «As bicicletas de Belsire» (o maior êxito actual da rádio britanica), «The last waltz», «I pretend», «Everybody Knows», «Delilah», «I'm coming home», «A man without love», «Don't turn around», «If ever you're lonely», «Love me tonight» ..

LES REED: O FULGOR DE UMA SUBIDA

Quando os historiadores da musica popular completarem o relatório dos anos 60, eliminando as chamadas «vedetas de ocasião» um nome certamente permanecerá: Les Reed.

Ainda bastante jovem (38 anos) controla quatro companhias de sua propriedade: «Donna Music», «Kevin Music», «Les Reed Music» e «Chapter One Music».

— *E, todavia, eu queria ser engenheiro electricista* — diz-nos Les Reed, fazendo (a traços breves) a citação dos pontos preponderantes da sua carreira. «*Fiz pontas como pianista, em conjuntos de «jazz» semi-profissionais. Toquei clarinete na banda militar do «Royal East Ken Regiment». E, durante três anos trabalhei na «The John Parry Seven».*

Les Reed escreveu já 800 composições. Produz uma centena de musicas por ano. A primeira melodia que saltou para o publico foi «Tell me when» (gravada pelos Applejacks). Mas o êxito que lhe deu renome mundial foi «It's not umusual» na voz de Tom Jones Seguiram-se «There's a Kind of Hush» (por Herman), «The last waltz» (interpretada por Englebert Humferdink), a fabulosa «Delilah», «I pretend», «Everybody Knows», «I'm Coming home» e «Kiss me goodbye».

— *Peço-lhe que fale nisto: devo muito a Joe Brown, que me divulgou «Picture of you». Foi ele quem apresentou a minha candidatura ao cinema. Assim escrevi a partitura de «Girl on a motoraycle» (com Alain Delon e Marianne Faithful), «Bush Babies», «Les Bicyclettes de Belsize» e «Beware au pair».*

A concluir:

— *Hoje, sou eu quem escolhe os meus intérpretes. Quer nomes? Englebert, Tom Jones, Herman, Gilbert Becaud, Mireille Mathieu, Dave Clark Five, Des O'Connor e este rapaz que viu — Malcolm Roberts. Gostou de o escutar?*

O nosso enviado ao Festival do Rio de Janeiro escuta Malcolm Roberts (ao centro) na presença de Barry Mason (à direita)

QUEM É ROBERTS?

Malcolm Roberts é um mocetão de cabelo louro, que tem aquilo que Conchita Bautista denomina de «*charme, voz e simpatia*». Poucas vezes um festival viu como concorrente um intérprete tão completo como o *defensor* de «Love is all» que arrebatou o Maracanãzinho e fez ruir as esperanças dos norte-americanos, antecipadamente cimentadas num dobro contra singelo, a favor de Jimmy Webb.

— *Esta noite vivo um sonho. Mas eu existo, eu estou aqui...* (Malcolm, 24 anos de idade, é solteiro, mas não quer casar antes dos 40). «*Preciso de viver muito, de triunfar na carreira artistica, de fazer montes de coisas antes de me tornar um individuo de pantufas...*»).

O seu primeiro e unico «Long-Playing» incluí «May», «I hawe do the next dream with yon», «Time along will tell», «Marie» e «Be my love».

O êxito no Maracanãzinho acarretou-lhe um punhado de contratos, para França, para Hong-Kong, para a Argentina, até á Austrália. Nos Estados Unidos (apelo da «Columbia») fará um filme musical.

— *É um cantor e não um vulgar «diseur» de versos* — comenta Enrico Macias, aplaudindo-o.

Malcolm Roberts: Tom Jones tem sucessor.

NEVES DE SOUSA

A SEGUIR: **«A América Latina tenta (no mercado do disco) lutar contra o dólar».**

ESTE RIO

LOUCO, LOUCO, LOUCO...

* **Bete Carvalho reatou o seu namoro com Edmundo Souto, autor da letra de «Cantiga para Luciana». Se não tivessem** brigado, **Bete teria sido a intérprete, sendo sua sobrinha a inspiradora da melodia.**

* **Antoine apareceu em cena envergando uma camisola do Flamengo.**

* **Barbosa, o veterano futebolista do Vasco da Gama, foi um dos «chauffeurs» colocados á disposição dos artistas estrangeiros.**

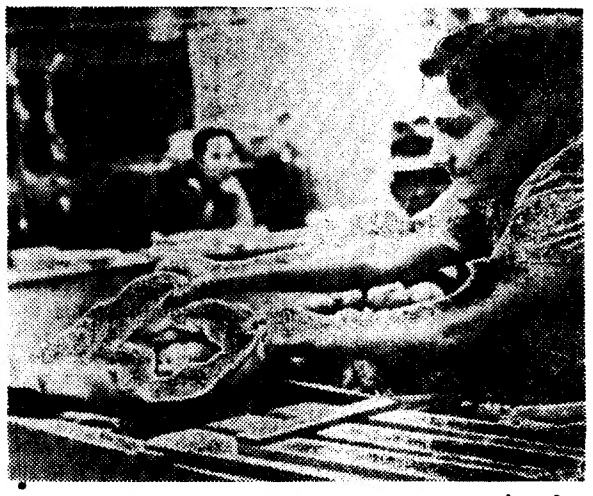
* **Luis Aguilé anuncia a sua próxima composição: «Venha a minha casa pelo Natal». A letra em português será de Eduardo Damas.**

* **Carmen Sevilha não acompanhou o marido (Augusto Algueró) ao Rio de Janeiro. Está a filmar «El Relicário».**

Manhã na praça

A VOZ DO MERCADO

A voz do mercado:
— O meu marido já está seco há 29 anos!
— Tão cedo!
— ... Sável ou atum?
— Coitados dos pescadores!
Passou um avião.
A voz do mercado foi absorvida:
— A vida custa a todos.



O bebé não tem preço, mas encontra-se no expositor de legumes, dentro de um caixotinho de madeira. É filho da rapariga dos limões! Tem apenas oito dias de vida e é lindo, ou melhor, é linda, pois trata-se de uma menina...

— *O quê?*
— *Tem oito dias.*
— *É linda!*
— *É filha da rapariga dos limões.*

(Batatas, tomates, bebé. Num caixote em cima de uma pedra de hortaliça. Sem preço As batatas e os tomates tinham.)

— *Deixa-o aqui. Tem de o deixar em qualquer lado. Precisa de ganhar a vida!*

— *A rapariga dos limões? Ah, coitada, tem 14 ou 15 anos. Veio para cá em pequenita vender alhos...*

A propósito, os limões já estão mais baratos: de 22$00 passaram para 13$00

● PREÇO DOS PRODUTOS

No mercado de Campo de Ourique o molho dos agriões vendia-se a 1$20; dos grelos, a 6$00; das nabiças, a 5$00; dos espinafres, a 6$00; e da beterraba, a 6$00.

O quilo do feijão-verde estava tabelado a 5$00, 6$00 e 8$00; da abóbora, a 2$50; da cenoura, a 3$00; dos pimentos, a 3$90; da batata, a 2$30; da cebola, a 4$00; do tomate, a 2$50; da ervilha de grão, a 4$00, 8$00 e 10$00; do pepino, a 4$00; do tremoço, a 3$20; e da azeitona, a 9$00 e 10$00.

A lombarda estava de 1$00 a 4$00; a cabeça de nabo, de $50 a 1$00; a couve-flor, de 5$40, a 6$00 e 7$00; a alface, a 1$50; a beringela, a 1$50; a couve portuguesa, a 1$50 e 2$00; e o pé do alho francês, a 1$00.

● PEIXE

Vimos o quilo do chicharro, a 4$80; do berbigão, a 4$00; da tainha, a 8$00; da pescada congelada, a 14$40 e 16$00; da eiró, a 34$00; da pescada branca, a 30$00, 40$00, 42$00 e 48$90; da xaputa, a 11$00; da sardinha, a 16$00; do cachucho, a 11$00; dos rabos de peixe-galo, a 14$80; do carapau, a 6$00; dos rabos de pescada negra, a 19$80; da marmota negra, a 12$80; da corvina, a 22$60; do goraz, a 26$00; das cartas, a 20$00 e 36$00; dos rabos de pargo, a 17$80; da garoupa, a 34$80; do tamboril, a 16$50; do imperador, a 21$00; do pargo, a 27$90; da lula, a 30$00; do polvo, a 10$70; da caldeirada, a 12$00; da pescada negra, a 19$80 e 22$80; da marmota branca, a 26$00; do camarão, a 98$00; do linguado, a 48$00; do safio, a 16$50; da ameijoa, a 36$00; dos robalos, a 32$00; do camarão negro, a 26$00; e dos chocos, a 16$50.

● FRUTA

O quilo das pêras estava a 10$40 e 11$70; do pêro «golden», a 6$00 e 9$00; da maçã reineta, a 7$80; da laranja, a 14$30; das uvas, a 6$00 e 6$50; do ananás, a 27$80; das bananas, a 9$80; dos limões, a 13$00; das romãs, a 6$50; do melão, a 3$00; do marmelo, a 5$00; do pêro bravo de esmolfe, a 8$00; da maçã riscadinha pequena, a 5$00; e do pêro encarnado, a 8$00.

● CRIAÇÃO E OVOS

A dúzia dos ovos tinha os seguintes preços: 12$00, 14$50, 15$40, 15$50 e 16$00.

Quanto á criação, verificámos que o quilo da galinha do aviário, viva, estava a 21$00; limpa, a 27$00; e morta, a 23$00; da galinha saloia, viva, a 25$00; limpa, a 31$00; e morta, a 27$00; do frango, vivo, a 21$00; limpo, a 27$00; e morto, a 23$00; Por sua vez, os borrachos vendiam-se a 12$00; e o quilo do coelho vivo, a 25$00, o que significa que morto sobe ao preço de 38$00.

DONA DE CASA

As necessidades dos idosos apreciadas no Seminário sobre a Terceira Idade

Prosseguiu esta manhã, na Direcção-Geral de Assistência, o Seminário sobre Política da Terceira Idade.

A sessão foi preenchida com a análise das necessidades das pessoas idosas, no campo da habitação, saúde, recursos, relações sociais actividades e tempos livres.

Seguiu-se o inventário crítico de informação disponível sobre aqueles pontos e, por fim, estudaram-se os métodos a adoptar para completar, verificar e manter actualizadas essas informações.

Além das sessões que todas as manhãs se realizarão, durante a semana, efectua-se, na próxima sexta-feira, no mesmo local, uma conferência aberta a todos os interessados nestas questões.

LIÇÕES NO L. N. E. C. SOBRE BETÃO

Principia hoje, ás 17 e 30, no anfiteatro do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, um ciclo de lições subordinadas ao tema «Cálculo de lajes de betão armado pelo método das charneiras plásticas», proferidas pelo prof. Telemaco Van Langendonck da Escola Politécnica da Universidade de S. Paulo.

Este ciclo de lições, que se integra nas actividades do Convénio de Cooperação para 1969 entre a Universidade de S. Paulo e o L. N. E. C., prolonga-se até ao próximo dia 17, sendo a frequência livre.

Os referidos convénios são patrocinados pelos Ministérios dos Negócios Estrangeiros de Portugal e das Relações Exteriores do Brasil.

Necrologia

FALECIMENTOS

Dr. António Jorge de Barros Lima

No Hospital do Ultramar, de que era subdirector há 10 anos, faleceu esta manhã o sr. dr. António Jorge de Barros Lima, de 56 anos.

Natural de Esposende, o dr. Barros Lima era casado com a sr.ª dr.ª D. Maria Helena Lavrador de Barros Lima, filho do sr. dr. Ramiro de Barros Lima e da sr.ª D. Georgina de Oliveira Barros Lima, e irmão da sr.ª D. Otília Barros Lima, casada com o sr. Fernando Jorge de Bettencourt Perestrelo da Costa. Era também genro do sr. Alberto José Lavrador.

O funeral realiza-se amanhã, ás 12 horas, depois de celebrada missa de corpo presente, na capela do Hospital do Ultramar, para jazigo no cemitério do Alto de S. João.

FUNERAIS

Ismael Roque Ferreira

COIMBRA, 14 — Da capela da Sé Nova para o cemitério da Conchada saiu, com grande acompanhamento, o funeral do sr. Ismael Roque Ferreira, de 70 anos, natural de Sandomil, Sena, que morava na Avenida Afonso Henriques, 17, proprietário da conhecida Livraria do Castelo, antigamente instalada num dos prédios da antiga Alta, que rodeavam o Largo do Castelo.

SUFRAGIOS

Belmiro Neves

Sua família participa que, amanhã, ás 19 e 30, na igreja de Nossa Senhora Auxiliadora, aos Prazeres, será celebrada missa de 1.º aniversário pelo seu eterno descanso.

EMBATE DE UM AUTOMÓVEL NUMA CAMIONETA

VILA FRANCA DAS NAVES, 14 — A saída desta localidade, na estrada para Pinhel, um automóvel conduzido pelo sr Joaquim Luís da Costa Farias, residente em Vermiosa (Figueira de Castelo Rodrigo) embateu, numa camioneta, conduzida pelo seu proprietário, sr. José de Matos Lucas, residente em Cerejo (Pinhel).

Os dois veículos ficaram muito danificados, e feridos os ocupantes do automóvel.

O automóvel foi chocar com a camioneta dentro da sua mão. No entanto, alega o automobilista que o acidente foi devido, em parte, a uma camioneta que estava parada á frente de uma curva. A G. N. R. tomou conta do caso.

A PAN AMERICAN PUBLICOU O RELATÓRIO ANUAL

O progresso atingido pela Pan American Airways, ressalta com evidência do relatório referente á actividade desenvolvida por aquela empresa em 1968 e agora publicado.

Pioneira das carreiras em aviões de jacto, a PanAm cobre presentemente 81 000 milhas, servindo 94 cidades, em 80 países. Mantém, ainda, voos regulares para 16 cidades do continente americano, uma do Alaska, duas das ilhas Haway e mais seis localidades dos Estados Unidos.

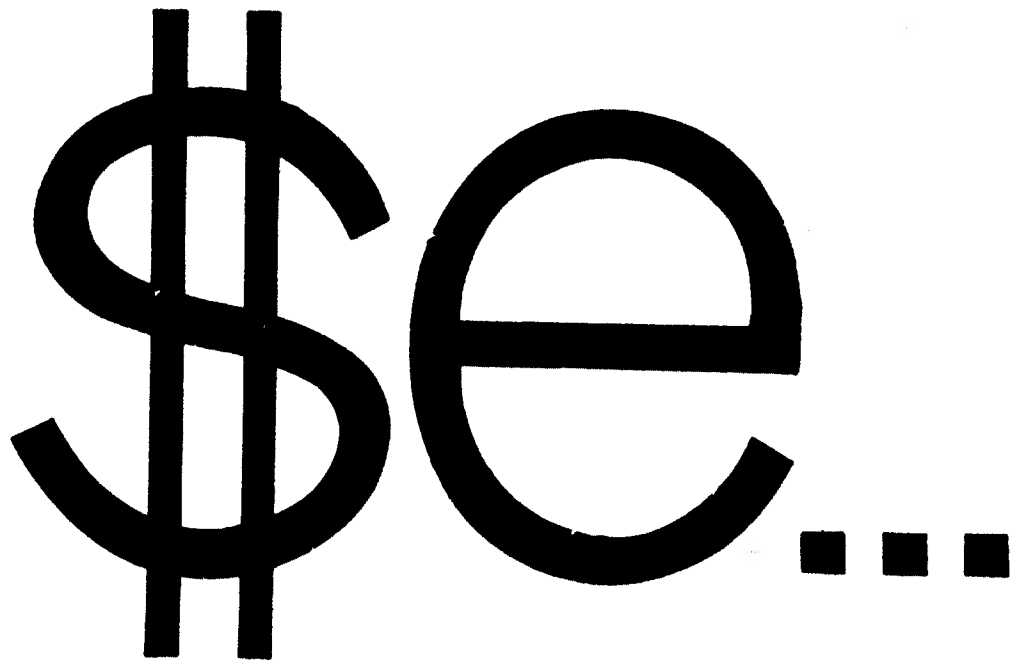
No ano findo a companhia utilizou uma frota de 148 aparelhos a jacto, onde estão incluídos os novos modelos 747, com capacidade para 362 passageiros.

ALTERAÇÕES NOS ESTATUTOS DO MONTEPIO GERAL

Reune-se esta noite, pelas 21 e 30, a assembleia geral do Montepio com a finalidade de se pronunciar sobre algumas alterações a introduzir nos novos estatutos daquela instituição e da Caixa Económica de Lisboa.

As alterações mais significativas referem-se á concessão da pensão total a que o sócio do Montepio Geral tinha direito ao fim de 10 anos de inscrição, prazo que baixará para 5 anos. A inscrição obrigatória de 3 anos considerada mínima para solicitação de financiamento ou utilização da modalidade da propriedade resolúvel, descerá, pelas novas alterações, para 2 anos.

A assembleia-geral, em terceira convocatória, realizar-se-á com qualquer numero de sócios.



Se tem qualquer problema económico ou financeiro...
Se pode obter o que lhe interessa pelo recurso ao crédito...
Se lhe interessa pagar os seus impostos em doze mensalidades...
Se quer viajar descansado, sem receio de perder o seu dinheiro...
Se desejar efectuar qualquer outra operacão bancária...

então recorra ao

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta

EU SOU O MARIDO DE «HELGA»

O FACTO DE ESTAR CASADO COM UMA ACTRIZ CÉLEBRE NÃO PREJUDICA A CARREIRA DE FÍSICO-ATÓMICO (SEGUNDO AFIRMA O DR. GASSMANN)

«Para o grande público eu não sou o dr. Johannes Gassmann, o físico-atómico, mas simplesmente o marido de Ruth Gassmann, a famosa artista do conhecido filme de esclarecimento da vida sexual «Helga», que resultou da união de dois filmes de

O dr. Johannes Gassmann, marido da artista principal do filme «Helga», não é um cientista reservado e excêntrico, mas um homem que se interessa pelos seus amigos e pelas dificuldades do Mundo

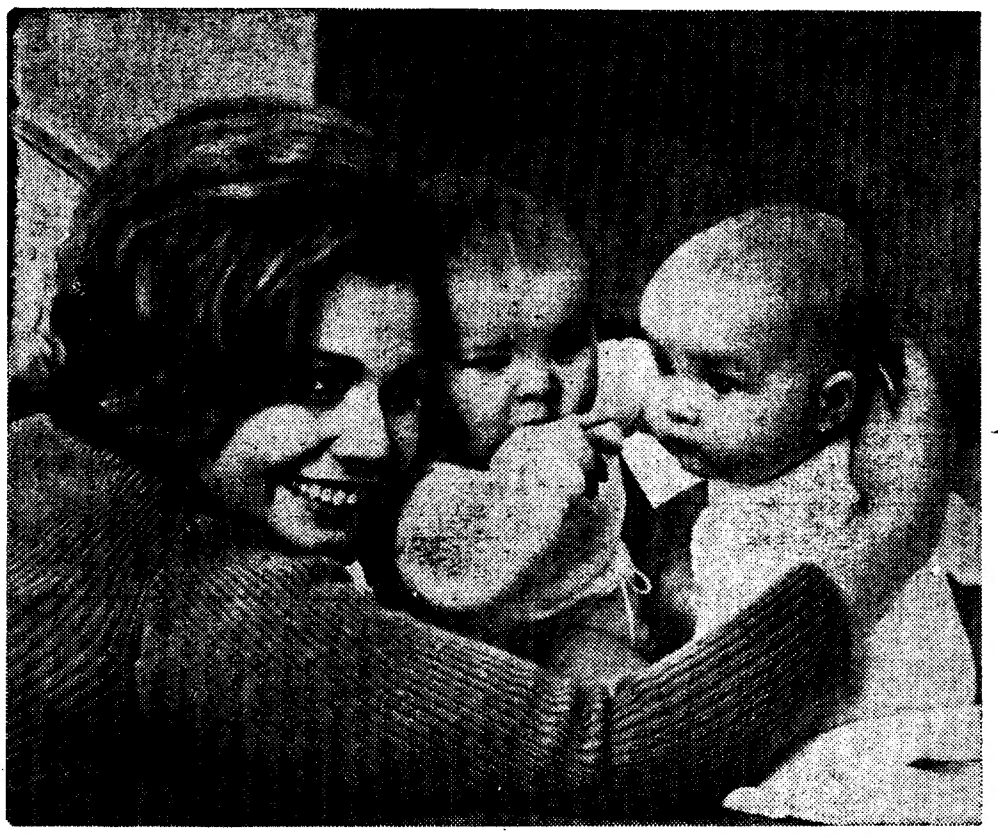
pedagogia sexual do Ministério da Saúde.»

Isto foi afirmado pelo homem que se sente feliz como marido de «Helga» e que tem conhecimento de que este filme foi projectado em todos os países da Europa Ocidental, na Roménia, União Soviética, Jugoslávia, Hungria, na América do Norte e Latina, em quase todos os países da Ásia, na África do Norte, em todos os países de língua inglesa da África Ocidental e Oriental. A este filme foi atribuido o maior prémio de 1968, o «Bambi», que foi recebido pelo ministro da Saúde, a sr.ª Kaete Strobel.

O físico-atómico Gassman está casado há nove anos. Apesar da sua popularidade, ele nunca teve a impressão de estar em segundo plano na sua vida de casado. Para ele não é desagradável a ideia de saber que Ruth ganha, como artista, quatro vezes mais do que ele no Centro de Investigação Atómica de Garching, nos arredores de Munique. Desde o começo da sua carreira que a família Gassmann dispõe as suas finanças da seguinte maneira: despesas diárias, renda da casa, automóvel e extras para uma vida agradável, são pagas com o seu ordenado. Ruth gasta 20% do seu dinheiro em peles, vestidos, com o seu carro e em todas as outras coisas que ela julga serem indispensáveis á sua maneira de viver. O resto, 80% deste dinheiro, é posto de parte, sob o nome «Gassmann» para ser gasto com os gémeos de dois anos de idade e para uso da família. O físico-atómico afirma, com convicção, que não atribui grande importância ao dinheiro e acrescenta que, caso contrário, já teria aceite uma rentável posição na Indústria, deixando de trabalhar como cientista.

«Não acho incorrecto empregar-se o dinheiro de Ruth desta maneira». Gassmann nunca se subordinou ao ritmo de vida de sua esposa Ruth. Claro que ele cuida dos filhos quando a mulher está ausente. Sabe mesmo mudar as fraldas. Cozinha e arruma a casa. Acha tudo isto natural. O maior sacrifício é ter de se sentar á mesa com seus filhos e sentir a ausência da mãe. Várias vezes sente-se sózinho, o que para ele é um sacrifício, se bem que este sacrifício concorra para o êxito de sua esposa.

Houve um tempo em que Ruth tentou convencer o seu marido a trabalhar com ela. Desistiu bem depressa, deixando de o importunar com problemas financeiros e contratos com os produtores. O dr. Gassmann afirmou que tal trabalho não era para as suas qualidades. Ruth contratou, então, uma secretária para evitar qualquer desarmonia familiar. «Ordem de comando não existe na nossa família. Nós seguimos os princípios democráticos, se é que assim se pode chamar. Ruth pode contradizer-me, assim como eu também o faço, caso seja necessário. No entanto, sinto orgulho em ter influência sobre a escolha dos seus vestidos. Minha mulher faz, por vezes, beicinho se um dos vestidos que ela compra não me agrada. A maior parte das vezes devolve-os.»



Oitenta por cento do dinheiro que Ruth ganhou como artista do filme «Helga», é destinado aos gémeos David e Eva, de dois anos de idade. Os filhos do casal Gassmann nasceram depois da apresentação do filme em 1967

Não muito frequente, mas por vezes, é inevitável que o dr. Gassmann acompanhe Ruth ás recepções oficiais. Nessas alturas julga ser um príncipe disfarçado. Observa, com satisfação, a sua bonita e elegante esposa, rodeada e admirada por todos os homens. Ele, o desconhecido marido de «Helga», ri-se, pensando: «Que querem eles dela? Eu posso possuir tudo, pois sou o seu marido e amante».

«Claro que sou ciumento»

«Claro que sou ciumento» — confessa o dr. Gassmann — «Não há, no entanto, discussões com Ruth por este motivo». Complexos de inferioridade são desconhecidos e a sua convicção é a de que mesmo com 70 ou 80 anos, as suas investigações terão ainda êxito. «Nessa idade, a minha mulher já não representará papéis principais». Ruth, para o dr. Gassmann nada mais é do que a mulher a quem ele, há nove anos, afirmou «Amo-te, quero viver junto de ti até á eternidade.» O que «Helga» faz na sua vida profissional só o interessaria se isso provocase desarmonia na convivência com Ruth.

O dr. Gassmann confessa, sem rodeios, que há apenas uma coisa de que tem medo. Um medo que por vezes o assalta quando Ruth está ausente. É o receio de que Ruth venha a conhecer um homem que tenha os mesmos interesses que ela, não só na vida profissional e que lhe seja, como pessoa, mais simpático do que ele. Este medo é o unico obstáculo na carreira e êxito de sua esposa. O dr. Johannes Gassmann acrescenta ainda, quase apaixonado: «Eu não a quero perder».

WOLF J. PELIKAN

Uma comissão cultural na Sala de Imprensa de Leiria

LEIRIA, 14 — Na Sala de Imprensa decorreu a cerimónia da posse dos componentes da sua Comissão Cultural, para dar cumprimento a uma das normas que a regem, que é promover a educação social, quer artística, quer literária, no âmbito distrital.

Fazem parte da comissão as sras. dr.ª D. Helena Moreira Duarte Carvalhão, professora do liceu e D. Maria Adelina Perestrelo da Silveira Luz, directora do Grupo Etnográfico de Leiria e o professor do ensino primário da Prisão-Escola desta cidade, sr. Manuel Matias Crespo.

Estiveram presentes o presidente da Câmara, sr. Bernardo Jesus das Neves Pimenta; o vereador, João Ferreira Bernardino, representantes dos órgãos de informação, o director e o subdirector da Sala da Imprensa, etc. Por motivos imperiosos, não pode assistir o chefe do distrito.

Usaram da palavra o director da Sala da Imprensa, sr. dr. Rui Acácio da Silva Luz, os componentes da Comissão Cultural, sr.ª dr.ª D. Helena Carvalhão e o professor sr. Matias Crespo; e a encerrar a sessão com palavras de muita admiração pela actividade da Sala da Imprensa de Leiria o presidente do Município.

Antes do encerramento, o subdirector da Sala, sr. Carlos Eugénio, leu a acta da sessão em que decorreu o acto de posse, que foi por todos os assistentes assinada.

As senhoras foram entregues ramos de flores e ao professor sr. Matias Crespo, uma lembrança.

Esta iniciativa certamente virá a ser um contributo válido e de qualidade para o desenvolvimento cultural dos povos do distrito.

Durante a posse da comissão cult presidente, sr. dr. Ru

Instituto Superior de Línguas e Administração

ESCOLA SUPERIOR
DE ORGANIZAÇÃO CIENTÍFICA DO TRABALHO
(reconhecida oficialmente
para fins militares e provimento de cargos públicos)

FORMAÇÃO DE TÉCNICOS
DE ADMINISTRAÇÃO E PSICOLOGIA INDUSTRIAL
Habilitação mínima: 7.º ano dos Liceus ou equivalente
Aulas das 20 às 24 horas

Rua do Sacramento à Lapa, 16 — Telefs. 676395 - 673766

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELU

Transit
as únicas
comerciais 100%

não se contente
com menos!

À SUA DISPOSIÇÃO NOS CONCESSIONÁRIOS FORD

LINCÚRI Av. da República
STAND MODERNO Av.
DÓLFOR-DOLBEER & LEE

Nova classificação (por idades) para o cinema e teatro e os espectáculos de variedades

No prosseguimento do estudo de revisão das leis do Cinema e do Teatro, a Secretaria de Estado da Informação e Turismo fez uma consulta à União de Grémios dos Espectáculos que, no seu parecer, entre outras coisas, afirmou o seguinte:

«*Na verdade, se seguirmos os graus da escolaridade oficial, os 13 anos devem baixar para os 12, e os 17 para os 16. E aos 12 anos que, normalmente, se entra no 2.º ciclo do ensino secundário, e aos 16 que se ingressa no 3.º ciclo. O desenvolvimento somático e espiritual dos nossos rapazes encontra nos 12 e nos 16 anos os graus divisórios mais expressivos da sua personalidade.*»

E, mais adiante, esclarece:

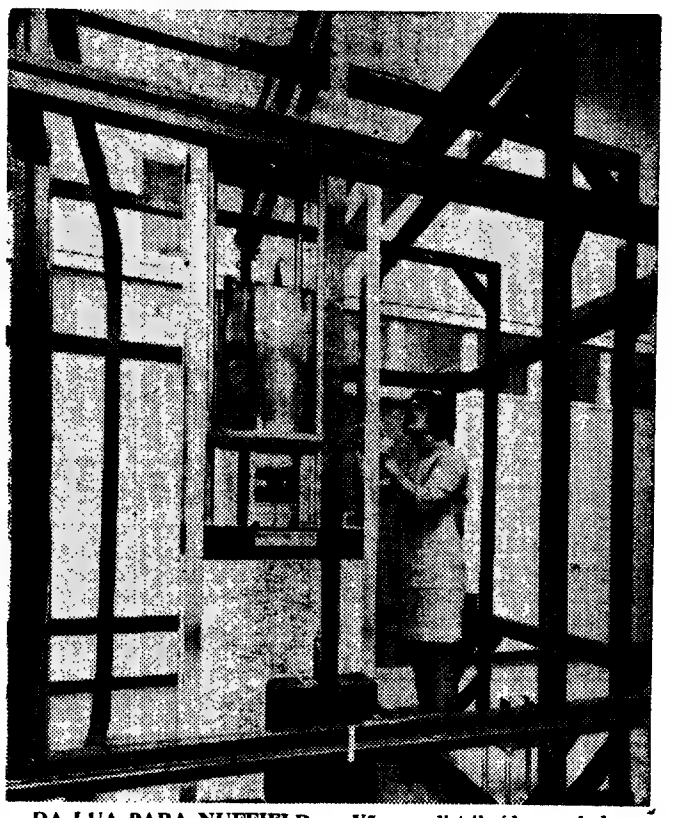
«*Sabendo, para mais, que os regulamentos dos países mais adiantados do mundo fixam os 16 anos como termo inicial do tipo adulto do frequentador de espectáculos, estamos em crer que esta adopção generalizada não é um produto do acaso, mas o resultado de estudos de psicólogos, educadores, criminologistas e outros peritos, que forneceram aos respectivos Governos os dados bastantes para fixar essa idade, a qual também em Portugal se nos afigura ser a mais conforme com a capacidade das reacções morais conscientes.*»

Deste modo, no seu parecer, aquele organismo propõe que se adoptem as seguintes escalas: CINEMA — *maiores de 5 anos, maiores de 10 anos e maiores de 16 anos;* TEATRO — *maiores de 4 anos, maiores de 10 anos e maiores de 16 anos.*

Por outro lado, a União dos Grémios dos Espectáculos dá o seu apoio *á aprovação de uma última classificação de filmes «para maiores de 21 anos», mas com carácter excepcional, isto é, destinada a um número reduzido de filmes.*

Sobre o problema dos espectáculos de variedades, o organismo consultado deduz o seguinte:

«*Relativamente á classificação dos espectáculos de variedades, parece-nos oportuna uma revisão da relação dos recintos actualmente reservados a maiores de 21 anos, de forma a reduzir-se, tanto quanto possível, o seu número. De igual modo, nos parece que deveria ser autorizada a entrada em recintos classificados para maiores de 21 anos, quaisquer menores, desde que casados, ou maiores de 16 anos, se acompanhados pelos pais, medida que se nos afigura justa, sobretudo tratando-se de estrangeiros.*»



DA LUA PARA NUFFIELD — Vão ser distribuídas ao Laboratório Paleomagnético de Nuffield, Inglaterra, algumas amostras de rochas lunares. Entretanto uma investigadora faz experiências com o acondicionador térmico que irá avaliar a estabilidade da magnetização das rochas

A NOVA COMPOSIÇÃO DOS TRIBUNAIS MILITARES TERRITORIAIS DA METRÓPOLE

Foi tornada publica a constituição dos cinco Tribunais Militares Territoriais da Metrópole para o terceiro quadrimestre do ano em curso, que é a seguinte:

1.º Tribunal Militar Territorial de Lisboa: presidente, coronel de Cavalaria, na situação de reserva, António Maria Pereira Martinho; vogal, coronel de Cavalaria, na situação de reserva, António José Ramalho Xavier; promotor, coronel de Infantaria, José Manuel Castanha; defensor, coronel de Artilharia, na situação de reserva, Manuel de Sousa Jardim.

2.º Tribunal Militar Territorial de Lisboa: presidente, coronel de Artilharia, na situação de reserva, António Joaquim Alves Monteiro; vogal, coronel de Cavalaria, na situação de reserva, Amílcar Hermínio Rosas; promotor, coronel de Cavalaria João Pedro de Almeida Saldanha e Quadros Gouveia; defensor, coronel de Cavalaria, na situação de reserva, António Rebelo Neves Dinis Afala.

3.º Tribunal Militar Territorial de Lisboa: presidente, coronel piloto-aviador, na situação de reserva, José Duarte Liebermeister Mendes de Vasconcelos Guimarães; vogal, coronel de Artilharia, na situação de reserva, João Vítor Teixeira Bragança; promotor, coronel de Artilharia, Bernardo Rebelo Neves Dinis Ayala; defensor, major de Infantaria, na situação de reserva, Joaquim Baptista Simões de Carvalho.

Tribunal Militar Territorial do Porto: presidente, coronel de Infantaria, na situação de reserva, Jaime José da Silva Pereira; vogal, coronel de Infantaria, na situação de reserva, Armando de Sousa Botelho; promotor, coronel de Infantaria Mário Garcia da Silva; defensor, tenente-coronel de Engenharia, na situação de reserva, José Joaquim Rodrigues Junqueiro.

Tribunal Militar Territorial de Viseu: presidente, coronel de Infantaria, na situação de reserva, Mário Gustavo de Araujo Barata da Cruz; vogal, coronel de Infantaria Joaquim Esteves Correia; promotor, tenente-coronel de Cavalaria Alfredo Alexandre Fernandes Ordaz Mangas; defensor, aspirante a oficial miliciano (licenciado em Direito), José Manuel Carvalho de Sá Carneiro.

ssão cultural da Sala de Imprensa de Leiria, quando o r. dr. Rui Acácio da Luz usava da palavra

O Sindicato dos Bancários do Porto tem o apoio dos de Coimbra e Lisboa nas negociações para a revisão e actualização do contrato de trabalho

PORTO, 14 — Na segunda sessão da assembleia geral, reunida extraordinàriamente, do Sindicato Nacional dos Empregados Bancários do Distrito do Porto, cujos trabalhos foram dirigidos pela respectiva mesa, da qual fazem parte os srs. Joaquim Coelho dos Santos, presidente; Álvaro Silva Leite e António José de Carvalho Monterroso, secretários.

A ordem do dia incidiu sobre dois pontos fundamentais: deliberação sobre a atitude a tomar pelo sindicato quanto à demora que no começo das negociações com o Grémio Nacional dos Bancos e das Casa Bancárias, segundo uma proposta de revisão e actualização do contrato colectivo de trabalho apresentado em 31 de Maio último; empossamento dos corpos gerentes eleitos em 27 de Fevereiro de 1969.

Antes de entrar na referida ordem do dia, a direcção do sindicato prestou esclarecimentos sobre o momento actual da revisão e actualização do contrato colectivo e informou que foram já enviados diversos telegramas, subscritos também pelos sindicatos de Coimbra e Lisboa, à Corporação de Crédito e Seguros, ao Grémio Nacional dos Bancos e Casas Bancárias e ao Ministério das Corporações, nos quais apresentaram o pedido de conciliação na Corporação de Créditos e Seguros nos termos da lei específica.

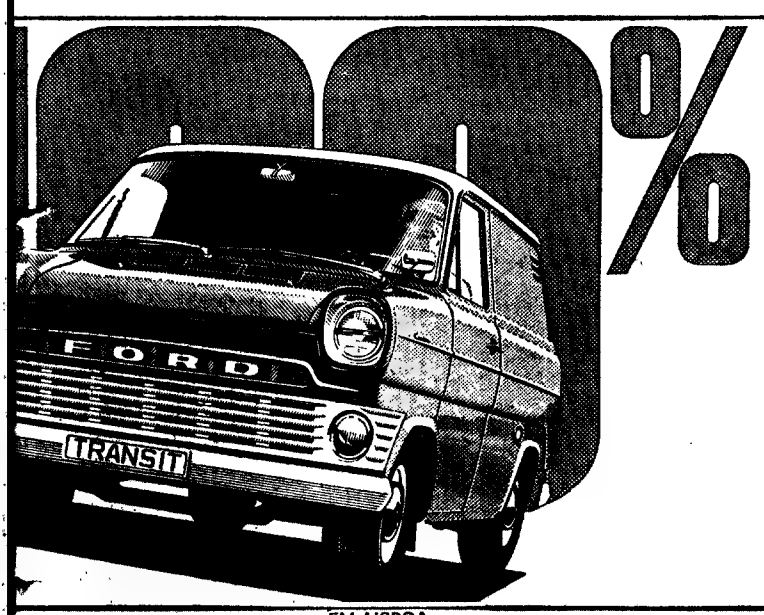
Prosseguindo, a direcção acusou a recepção de um ofício do Grémio Nacional dos Bancos, no qual são apresentadas dificuldades quanto à proposta de revisão contratual, pois os encargos ascendem a 320 mil contos anuais. Ainda no referido ofício, o grémio diz que dos doze pontos apresentados na proposta sindical só sete deveriam ser os discutidos, recusando-se cinco: redução de número de horas de trabalho, aumento da remuneração das horas extraordinárias, duração e subsídio de férias, subsídio do lar e participação nos lucros.

A amplitude do problema

Entretanto, e ante o ofício referido, a direcção do sindicato enviou àquela corporação e ao grémio telegramas mantendo a posição assumida, isto é o desejo do recurso a tentativa de reconciliação.

Após tais esclarecimentos, falou o presidente da assembleia geral, afirmando que o problema em apreciação não dizia respeito a oitenta ou noventa mil pessoas, pois a tanto monta o número de bancários (cerca de 25 mil) e dos componentes do seu agregado familiar, mas porque se trata de um problema social, na generalidade dos trbalhadores. Assim — acrescentou —, deveria o mesmo problema ser analisado no duplo contexto das necessidades da classe e das possibilidades das empresas que integram o sector. E neste último aspecto e quanto à referência do Grémio dos Bancos aos lucros das empresas e possíveis encargos salariais com a revisão proposta — disse o orador — os sindicatos estão a colgir elementos os quais provarão que esses números não correspondem totalmente à realidade. Os lucros apontados não têm em conta «as reservas ocultas», e no apuramento de encargos só interessarão os que respeitam exclusivamente às remunerações dos bancários sem inclusão dos órgãos de gestão das empresas.

Falaram, também, diversos oradores e, por último, foi aprovado um unânime voto de confiança à direcção empossada para que prossiga nas negociações.



100% eficientes. 5 m³ de espaço.
1090 a 1300 Kgs. de carga.
Força, robustez, economia, comodidade.
Motor gasolina e diesel.
Furgonetas, mistas até 9 lugares, chassis-cabina.
Experimente-as na estrada e na cidade.

Transit
Ford
Ford à frente

CIFRA-NCK-ADAPT. T-6

EM LISBOA
a República, 32-A-Telef. 777091
RNO Av. Fontes Pereira de Melo, 15-A-Telef. 49669 — Av. João Saraiva, 15 (Alvalade)-Telef. 711066/9
EER & LEE, S. A. R. L. Est. do Prior Velho-Telef. 2511301-Sacavém

NOIVOS
As alianças e prendas da OURIVESARIA DA MODA dão felicidade
RUA DA PRATA, 257

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

A UNIVERSITÁRIA NA EMPRESA
Dez meses de formação comercial
Consulte o I.S.L.A.: 676396/673766

Actualidade internacional

Os EUA dispostos a discutir um cessar-fogo —consta em Saigão

SAIGÃO, 14 — (F. P.) — O embaixador dos Estados Unidos, Ellsworth Bunker, chegou esta manhã a Saigão, vindo de Washington.

«Estamos no bom caminho no Vietnam», declarou o embaixador à descida do avião.

O embaixador recusou-se a responder às perguntas que incidiam sobre os rumores que circulam em Saigão, segundo os quais os Estados Unidos anunciariam que estão dispostos, a discutir um cessar-fogo no Vietnam ou uma redução dos bombardeamentos dos B-52.

O embaixador dos Estados Unidos declarou que as suas consultas em Washington com o presidente Nixon e com o secretário de Estado Rogers tinham sido muito úteis. «Pude fazer o balanço da situação» disse. Bunker deu a entender que se encontraria em breve com o presidente Nguyen Van Thieu, a quem entregaria uma mensagem verbal do presidente Nixon.

Thieu não se encontrava em Saigão à chegada de Bunker. Saiu da capital, esta manhã para assistir em Hué às cerimónias fúnebres de 348 vítimas da ofensiva do Tet em 1968.

Bunker estava acompanhado de sua mulher, que é embaixador dos Estados Unidos no Nepal.

«Principado» de Sealand

Primeiro aniversário

PARIS, 14 — (F. P.) — O primeiro aniversário do «pricipado» de Sealand que amanhã devia ser celebrado com todo o fausto perante os 17 cidadãos «sealandeses» postados no percurso de desfile da guarda do «principe» da ilha, teve de ser adiado para mais tarde — anunciou consternado o «ministro da Informação» de Sealand, Robert Monteux, o qual acrescentou que os uniformes do «soberano» e dos homens da sua guarda, executados numa elegante loja de confecções de Paris, foram roubados.

Os autores do roubo quebraram à pedrada a montra da Renoma, uma elegante «boutique» da Rua Pompe, levando com eles não só as fardas bordadas e principescas como dois casacos compridos para Brigitte Bardot e Patrick Gilles. Uma andaina para Francis Blanche também desapareceu, sem falar, é claro, do dinheiro que estava na caixa, ao todo 50 000 francos (250 contos).

O «principado» de Sealand é uma ilha em águas internacionais, entre a França e a Inglaterra e que, desabitada até 1967, foi proclamada independente pelo «rei» Pates, antigo animador da Rádio que se sagrou «soberano» do rochedo.

O AGA KHAN e a noiva, Sarah Frances. O casamento poderá realizar-se em Paris ou Genebra, no fim do mês

O GENERAL MEDICI PROVÁVEL CANDIDATO DA ARENA

RIO DE JANEIRO, 14 — (R.) — É provável que o presidente Costa e Silva, que se encontra doente, seja substituído dentro das próximas duas semanas, segundo afirmaram fontes desta cidade.

O general Emílio Medici, de 63 anos, que foi nomeado sucessor de Costa e Silva pelas Forças Armadas, conferenciou a noite passada com a junta militar de três ministros que governa o Brasil, a fim de discutir planos para assumir a presidência.

Não foi feita qualquer comunicação oficial acerca da conferência, mas julgava-se que tivesse sido discutido o mecanismo para a substituição de Costa e Silva, paralisado parcialmente por uma embolia cerebral há mais de um mês.

Espera-se que a junta emita um decreto convertendo a chefia da Aliança de Renovação Nacional (ARENA), o partido governamental, numa convenção de partido, de forma a que possa nomear o general Medici como seu candidato.

Depois, transformará o Congresso num colégio eleitoral para a presidência. Até agora, o colégio eleitoral inclui também representantes das Assembleias estaduais. A junta voltará, então, a convocar de novo o Congresso — suspenso por Costa e Silva numa depuração de elementos «subversivos», em Dezembro — de forma a que possa dar a sua aprovação formal à eleição do general Medici.

A seguir, o general Medici seria prontamente investido no seu cargo.

PEDIDO DE AMNISTIA

RIO DE JANEIRO, 14 — (F. P.) — O presidente do Movimento Democrático Brasileiro (partido da Oposição), senador Óscar Passos, pediu ao general Garrastazu Medici, próximo presidente da República, que pronuncie uma ampla amnistia política.

O senador Passos, que formulou este pedido em declarações feitas à Imprensa local, deseja que o futuro presidente ponha em prática as ideias contidas na sua alocução ao país, considerando a amnistia como a melhor maneira de fazer voltar a «tranquilidade e a união».

A REVALORIZAÇÃO PROVOCARÁ UM AUMENTO DE SALÁRIOS —diz Strauss

WASHINGTON, 14 — (F. P.) — Franz Josef Strauss, ministro das Finanças da Alemanha Ocidental, declarou nesta capital que a revalorização do marco provocará «um aumento significativo dos salários», que não se pode dizer «até que ponto será grave».

Strauss recusou-se a fazer qualquer prognóstico acerca da taxa de valorização. «Esta decisão», disse, «será da competência do novo Governo alemão. Se tivessemos sido nós a formar o novo Governo, não haveria revalorização num futuro previsível».

Referindo-se à evolução da política da República Federal, Strauss declarou: «francamente não creio que Willy Brandt tenha a intenção de alterar a orientação política alemã, afastando-a dos Estados Unidos para a aproximar da União Soviética».

Strauss disse ainda que estava satisfeito pensando no papel que poderia desempenhar na oposição.

Apresamento de dois pesqueiros portugueses

VIGO, 14 — (A. N. I.) — Foram apresados pela lancha de fiscalização espanhola «Serviola», os pesqueiros portugueses «Nossa Senhora dos Anjos» e «Lusitania», surpreendidos a pescar em águas territoriais espanholas.

As embarcações foram conduzidas ao porto de Vigo, onde se encontram á disposição das autoridades marítimas, que informaram imediatamente o consulado de Portugal

TROPAS INGLESAS DA ALEMANHA PARA O ULSTER

LONDRES, 14 — (F. P.). — Será o Exército britanico do Reno a fornecer eventualmente os reforços necessários na Irlanda do Norte — indica-se em Londres.

O general Goodpaster, comandante supremo das forças aliadas na Europa, foi informado de que a Grã-Bretanha poderá, se a situação no Ulster o exigir, retirar temporàriamente algumas unidades dos seus efectivos estacionados na Alemanha. Unidades de blindados e de artilharia estão já a ser submetidas a treino especial «antimanifestações».

Na MARINHA GRANDE o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Emílio Neto, Rua das Flores, 8.

Ofensiva contra a guerra

(Continuação da 1.ª pagina)

para pôr termo à guerra do Vietnam», que agrupa movimentos religiosos, sindicais, integracionistas, representantes do Terceiro Mundo e associações de antigos combatentes, e o «Comité para uma moratória no Vietnam».

As manifestações do dia 15 deste mês realizar-se-ão em todo o território dos Estados Unidos, enquanto as de meados de Novembro se concentrarão em Washington.

FACHO SIMBÓLICO NO CAPITÓLIO

WASHINGTON, 14 — (R.) — Congressistas projectam obrigar a Câmara dos Representantes a estar reunida em sessão hoje, durante toda a noite, a fim de acenderem um facho simbólico para o Dia da Moratória — a maior manifestação de sentimento nacional contra a guerra no Vietnam feita até agora.

Uma chama no topo da cúpula do Capitólio será mantida a arder e flutuará a bandeira americana — a prática habitual para as sessões durante toda a noite — a fim de fornecerem um ponto focal de atenção nacional quando se aproximar a meia-noite.

A essa hora, começam as primeiras vigílias de oração em Universidades, que serão seguidas durante o dia por comícios contra a guerra, distribuição de panfletos, exibição de cartazes e outras manifestações.

Havia notícias de que partidários da política de guerra do presidente Nixon tentariam bloquear a sessão nocturna da Câmara dos Representantes pedindo um «quorum». Contudo, a tradição indica que as forças pró-Nixon não forçarão provàvelmente a questão.

«AJUDAI A ACABAR A GUERRA»

Com o apoio espontâneo de habitantes de todas as partes do país, o Dia da Moratória promete transformar-se na maior manifestação de sentimento nacional que os Estados Unidos conheceram desde o Dia V-J (dia da vitória sobre o Japão), assinalando o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945.

Algum do apoio é provàvelmente das esquerdas, afirmam observadores, mas parece haver, também, apoio considerável da classe média.

Espera-se que donas de casas de cidades pequenas se juntem a operários, advogados e políticos que participarão no protesto. Em Los Alamos, no Novo México, donas de casa concordaram em bloquear uma ponte, conduzindo a fábricas de defesa locais, empunhando cartazes onde se lê «Ajudai a acabar com a guerra».

AGUALVA-CACÉM
FONTE DAS EIRAS

JOÃO BATISTA FERNANDES

FALECEU

Maria Adelaide Batista Fernandes, Gracinda Teresa Fernandes, João Carlos Fernandes e mais família cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus Servido chamar à Sua Divina Presença o seu muito querido esposo, pai, irmão, cunhado, tio, primo e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, dia 15, pelas 15 horas, da sua residência Vivenda Maria João, em Fonte das Eiras para o cemitério de Queluz.

AGÊNCIA MELO (Telefone 2940097)

EDUARDO MARTINS GOUVEIA

MISSA DO 7.º DIA E AGRADECIMENTO

Maria Emília Martins Gouveia, Vítor Hugo Martins Gouveia, sua mulher Maria Lurdes Vilaça Martins Gouveia e seus filhos, irmãos cunhados e mais família participam que amanhã, dia 15, pelas 10,30 horas na Igreja dos Anjos será rezada missa pelo seu eterno descanso do seu muito querido e saudoso marido, pai, sogro, avô, irmão, cunhado e parente, agradecendo desde já a todas as pessoas que compareçam a este piedoso acto e bem assim a todos aqueles que o acompanharam à sua ultima morada.

AGÊNCIA RODRIGUES

HELDER MARQUES DA FRANÇA COELHO

FALECEU

Maria da Conceição Marques Coelho, Julia de Vasconcelos Nascimento, Henriqueta França Marques Coelho, Maria Antonieta de Vasconcelos Nascimento, Maria Cristina Pinto da França e seu Marido, Maria da Soledade Marques Coelho e suas Filhas — Claudina Maria, Isabel Maria e Helena Maria — Anémona França de Basto Férrer, Astréa França de Basto Santos, Actínea França de Basto Costa, Abyla França Xavier de Basto, Adalita França de Basto Motta da Silva, seus Maridos e Filhos, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu querido Marido, Irmão, Tio, Padrinho e Primo e que o seu funeral se realizará amanhã, dia 15, pelas 16 horas, da Igreja da Pena para o cemitério de Benfica.

Helicóptero israelita abatido pelos egípcios

CAIRO, 14 — (A. N. I.) — Forças egípcias causaram ontem á noite «pesadas baixas» a uma unidade israelita de engenharia que estava a construir fortificações em frente a El Shatt, no sector sul do Canal de Suez — anunciou hoje, no Cairo, um informador militar.

Foi depois abatido um helicóptero israelita que tentava evacuar os feridos, morrendo todos os que se encontravam a bordo — acrescentou o informador.

El Shatt fica a meio do Canal de Suez, entre os Lagos Amargos e a cidade de Suez.

O MURO DAS LAMENTAÇOES, em Jerusalém, é um dos lugares santos mais importantes da religião judaica. Muitos judeus aí se deslocam diáriamente para proferirem as suas orações, principalmente, após a derrota dos árabes na «guerra dos seis dias», em resultado da qual a cidade de Jerusalém passou a ser inteiramente dominada pelos israelitas. De facto, antes de Junho de 1967, o Muro das Lamentações situava-se na parte da cidade sob domínio jordano. Israel tem, ultimamente, revelado a intenção de anexar definitivamente Jerusalém

OTA SIK EXPULSO DO P. C.

PRAGA, 14 — (R.) — O dr. Ota Sik, o arquitecto do programa da reforma económica do ano passado, na Checoslováquia, foi expulso do Partido Comunista por não acatar um aviso acerca das suas actividades no estrangeiro.

Anunciando a sua medida a noite passada, o Secretariado do Partido declarou que o dr. Sik fora expulso da Comissão Central em Maio devido «ao seu comportamento no ano passado ter violado grosseiramente a disciplina do Partido e os deveres de um cidadão checoslovaco, especialmente no estrangeiro».

Contudo, o dr. Sik ignorou o aviso e «continuou a sua actividade no estrangeiro, que era incompatível com os princípios e a política do Partido e essa é a razão por que foi expulso das fileiras do Partido numa sessão do Secretariado do Partido» — acrescenta a comunicação.

O dr. Sik, um antigo vice-primeiro ministro, que tem passado muito tempo na Suiça desde a invasão do seu país no ano passado pelas forças do Pacto de Varsóvia, é mais um alto funcionário a ser expulso do Partido em consequência da depuração contra os reformistas, chefiados por Alexander Dubcek, o antigo secretário liberal do Partido.

Portugueses em Espanha

MADRID, 14 — (A. N. I.) — Dos 136 634 estrangeiros que em Junho residiam em Espanha, o maior número era constituído por portugueses (25 926), seguindo-se as comunidades francesa (14 465), alemã (13 075) e inglesa (10 124) — revelam dados recentes do Instituto Nacional de Estatística.

OS LANÇAMENTOS ESPACIAIS

QUARTA NAVE SOVIÉTICA?

MOSCOVO, 14 — (R.) — A Rússia mantinha-se hoje silenciosa acerca da missão dos seus sete cosmonautas numa órbita terrestre, que se espera comecem a trabalhar em breve na construção de um laboratório espacial.

Fontes não oficiais têm afirmado que, pelo menos, duas das três naves espaciais russas poderiam ser acopladas, de maneira a formarem um laboratório, e segundo algumas notícias uma quarta cápsula, não tripulada, poderia juntar-se mais tarde a elas, a fim de auxiliar o trabalho de construção.

Contudo, oficialmente, a União Soviética recusa-se a dizer exactamente o que os sete astronautas farão — presumìvelmente para evitar propaganda adversa, se algo correr mal.

As três naves espaciais em órbita são:

A Soyuz-6, lançada no sábado, com o tenente-coronel da Força Aérea Georgy Shonin e o engenheiro civil, dr. Valery Kubasov, a bordo.

A Soyuz-7, lançada no domingo e tripulada pelos tenentes-coronéis Anatoly Filipchenko e Viktor Gorbatkov e o engenheiro civil, dr. Vladislav Volkov.

A Soyuz-8, lançada ontem e transportando o coronel Vladimir Shatalov, comandante-chefe de toda a missão, e o dr. Aleexi Yeliseyev, outro cientista civil.

Os tripulantes da Soyuz-8 são os únicos astronautas dos sete que já estiveram antes no espaço. Estiveram pela última vez em Orbita em Janeiro, quando o dr. Yeliseyev participou numa transferência através do espaço de uma nave para outra.

A maioria dos observadores concorda que a verdadeira missão dos sete — de quem um poeta no órgão governamental «Izvestia» disse a noite passada que tinha «a revolução de Outubro a correr nas suas veias» — era construir uma plataforma orbital.

Contudo, como a operação será realizada é um completo mistério.

Há, porém, uma sugestão de que a Soyuz-7 e a 8 poderiam efectuar o que é agora quase uma junção rotineira. Depois, a Soyuz-6 atracaria às naves acopladas por meio de um comprido tubo em aço flexível.

Se no fim de toda a operação uma transferência de tripulações estivesse de facto programada, então os astronautas a bordo das naves acopladas podiam mover-se ao longo do tubo para se juntarem aos colegas na Soyuz-6 e regressarem, talvez, à Terra a bordo dela.

Contudo, observadores mostram-se, também, espantados acerca do problema de como os tripulantes da Soyuz-6 vão efectuar experiências de soldagem de metais no vácuo do espaço exterior, que foi anunciado serem parte do seu programa.

Outro jornalista libertado pela China

HONG-KONG, 14 — (R.) — O jornalista britânico Eric Gordon, sua mulher e o filho foram libertados hoje pela China, após quase dois anos de detenção domiciliária por causa de alegadas violações da lei chinesa.

Os três chegaram a Hong-Kong, atravessando o posto fronteiriço de Lowu, segundo revelou um informador governamental.

Gordon foi o terceiro jornalista britânico solto este mês pela China. O primeiro foi o correspondente da Reuter, Anthony Grey, que foi libertado após 26 meses de detenção domiciliária em Pequim no dia 4 de Outubro e que abandonou a China cinco dias depois. Encontra-se já em Londres.

O segundo foi Norman Barrymaine, de 69 anos, que foi libertado no sábado, após 19 meses numa prisão de Xangai. Encontra-se num hospital em Hong-Kong.

DR. ANTÓNIO SIMÕES

Médico Veterinário

1.º ANIVERSÁRIO

Henrique Manuel de Oliveira Simões e António Valentim de Oliveira Simões, recordam com profunda saudade o seu saudoso pai.

SABE O QUE É A ATLAS COPCO?

SABE O QUE É O AR COMPRIMIDO?

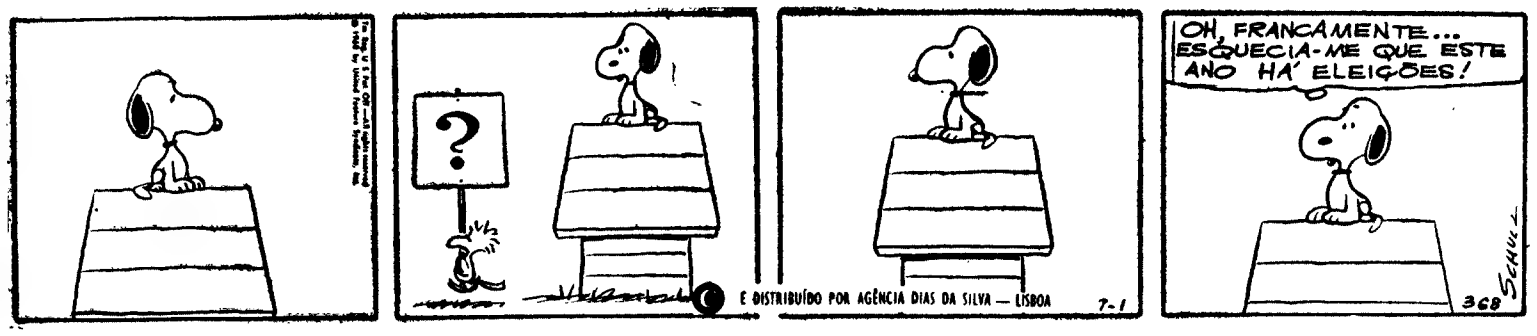
O ar que você respira,
quando comprimido,
é a fonte de energia
mais económica,
versátil, e segura
que actualmente existe.
A ATLAS COPCO
é a maior organização
internacional
especializada
em tecnologia
de ar comprimido para:
minas
construção civil
e indústria
Mas...
...Como se comprime o ar
para se transformar
em energia?
Como o utilizamos
na prática?
Deseja ser
completamente esclarecido?
Visite os nossos stands
na 1.ª EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL
METALO-MECÂNICA
— PORTO — Palácio de Cristal,
de 11 a 26 de Outubro.

Atlas Copco

põe o ar comprimido
ao serviço do mundo

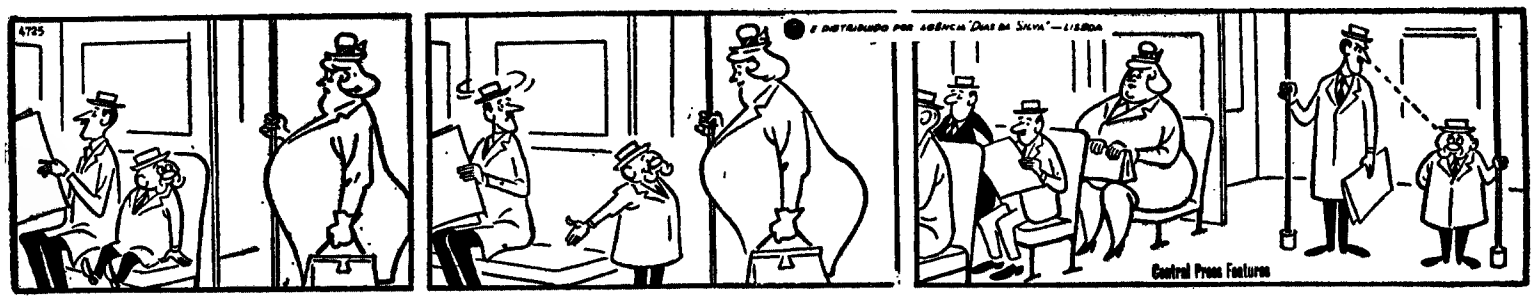
SOCIEDADE ATLAS COPCO DE PORTUGAL, LDA.

Os Peanuts



Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

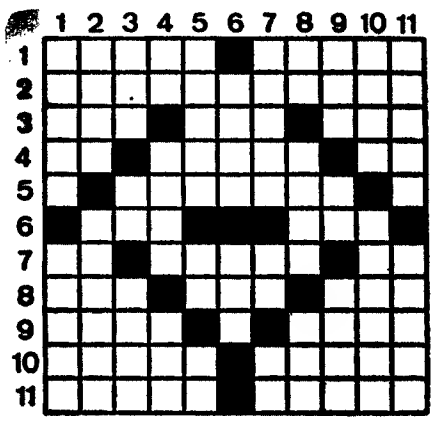
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5327

HORIZONTAIS: 1 — Da parte de cá. Farpelo 2 — Sussurrariam. 3 — Título do soberano da Tunísia. Escarnecer. Apelido. 4 — Grande ribeira da Ásia Russa. Lavrais. Átomo (abrev.). 5 — Misturar. 6 — Remo para trás. Mágoa. 7 — Nota musical. Resto. Pertences. 8 — Cólera. Senhor em inglês. Mau cheiro. 9 — Cidade da Úmbria. Acreditar. 10 — Multa. Atraiçoar. 11 — Queimar. Cabo da costa da ilha da Madeira.

VERTICAIS: 1 — Os dois juntos. Invólucro de palha em que se metem os objectos frágeis para que se não partam. 2 — Aquele que. Viaturas. 3 — Cantão da Suíça. Nesse lugar. Erva doce. 4 — Preposição. Patrões. Gosta muito de. 5 — Nódoa. Campeão. Viração. 6 — Esteiros. Atilho. 7 — Cidade de França. Doutor. Tungstênio (s. q.). 8 — Atmosfera. Rio de Portugal. Acreditei. 9 — Liga. Letra grega. Lavrar. 10 — Palmeira da Amazónia. Teme. 11 — Esquece. Saburra na língua.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5326

HORIZONTAIS: 1 — Babam. Praga. 2 — Ativariamos. 3 — ócio. Ásia. 4 — Mor. A. 5 — Ás. Re. Am. Um. 6 — Pipi. Aora. 7 — Camarinha. 8 — GALINHA. 9 — Em. Mágoa. Or. 10 — Lãs. MIV. PÕE. 11 — Olavo. Arrás.

VERTICAIS: 1 — Ba. Gap. PELO. 2 — Ato. Sic. Mal. 3 — BICO. Pag. Sa. 4 — Ari. Rimam. 5 — Maomé. Alamo. 6 — Frigi. 7 — Piara. Inova. 8 — Rãs. Manha. 9 — Amio. Chá. Pr. 10 — Goa. Ura. Coa. 11 — As. Ama. Três.

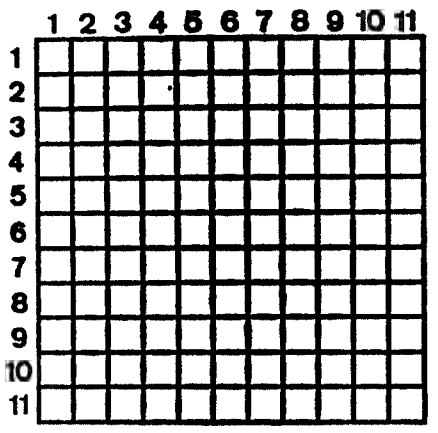
Provérbio: A GALINHA PÕE, PELO BICO.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9170

HORIZONTAIS: 1 — Rede de arrastar. Aparência. 2 — Gostais muito de. Avarenta. 3 — Coiro curtido (pl.). Polir. 4 — Prosjodímio (s. q.). Apelido. Fútil. 5 — Estar de acordo. Grande sala. 6 — Pedra de altar. Troços. 7 — Freguesia do concelho de Oliveira do Hospital. 8 — Cortes. Espertalhão. 9 — Gavinha. Pronome possessivo. Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. 10 — Vê. Atmosfera. Pronome pessoal. Rádio (s. q.). 11 — Aliado. Lugar sem habitantes (pl.).

VERTICAIS: 1 — Pequena fasca. Chama em socorro. 2 — Torna tépido. Acolá. 3 — Ilha do arquipélago de Cabo Verde. Ácido contido nas urinas. 4 — Remaria para trás. Prata (s. q.). 5 — Tostar. Corpo celeste. 6 — Quatro em ro-7 — Colosidades. Louco. 8 — Prevenir. Caminhar. 9 — Figura que simboliza o povo americano. Catálogo. 10 — Engastes. Ilha situada no Pequeno Belt. 11 — Irmão de Moisés. Pegas.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9169

HORIZONTAIS: 1 — Camarão. Par. 2 — Acaso. Laivo. 3 — Póla. Terras. 4 — Era. Aramara. 5 — Lá. Acerara. 6 — Ará. Ida. 7 — Apertão. Má. 8 — Mororas. Lis. 9 — Atoras. Mãos. 10 — Sovar. Parca. 11 — Asa. Acarear.

VERTICAIS: 1 — Capela. Masa. 2 — Açora. Aotos. 3 — Mala. Aprova. 4 — Asa. Areara. 5 — Ro. Acirrara. 6 — Tré. Tas. 7 — Olearias. Pá. 8 — Armado. Mar. 9 — Pirara. Laré. 10 — Avara. Mioca. 11 — Rosa. Passar.

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 14 de Outubro de 1939 publicava:

«LONDRES, 14 — Anuncia-se oficialmente uqe o couraçado «Royal Oak» foi metido no fundo.

Publicou-se o seguinte comunicado:

O secretário do Almirantado lamenta ter de anunciar que o couraçado «Royal Oak» foi metido no fundo, segundo se crê em resultado da acção dum submarino germânico. A lista dos sobreviventes será publicada logo que seja possível.

O «Royal Oak» deslocava 29151 toneladas, tinha um efectivo de 1000 homens e foi construído em 1914.»

CAMPEONATO NACIONAL DE FUTEBOL

(1.ª DIVISÃO)

CUF-BENFICA

Domingo, 19 de Outubro

A C. P. organiza, em colaboração com o Sport Lisboa e Benfica, um comboio especial de Barreiro a Lavradio, e volta, em ligação ás carreiras normais entre Lisboa (Terreiro do Paço) e Barreiro, no dia 19 de Outubro, por ocasião do desafio de futebol «CUF-BENFICA», ao preço de 10$00.

HORÁRIO

Partida de Lisboa (Terreiro do Paço)	13-15
Chegada a Lavradio	14-10
Partida de Lavradio	18-00
Chegada a Lisboa (Terreiro do Paço)	18-55

Bilhetes á venda na Secretaria do «Sport Lisboa e Benfica» e nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Terreiro do Paço).

Em ALMADA o «DIARIO DE LISBOA» é vendido por Amadeu & Veríssimo, Praça da Restauração, 12.

CCN companhia colonial de navegação

PARTIDAS	DESTINOS

LINHA DE ÁFRICA

«PORTO» a sair em 19 de Outubro

Com escala por **LEIXÕES**, para: **LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA**, Carrega — Porão: de 14 a 16 de Outubro; Frigorífico: em 18 de Outubro.

«AMBOIM» a sair em 20 de Outubro

Para: **S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO e MOÇÂMEDES.** Carrega — Porão: de 14 a 17 de Outubro; Frigorífico: em 18 de Outubro.

«BAILUNDO» a sair em 30 de Outubro

Com escala por **LEIXÕES**, para: **LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA** (se necessário). Carrega de 17 a 21 de Outubro

«INFANTE D. HENRIQUE» a sair em 31 de Outubro às 12 horas

Com escala por **FUNCHAL**, para: **LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA.** Carrega — Porão: de 23 a 28 de Outubro. Frigorífico: em 29 e 30 de Outubro.

«LUANDA» a sair em 12 de Novembro

Com escala por **LEIXÕES** para: **S. TOMÉ** (se necessário), **LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA** (se necessário). Carrega em Lisboa de 4 a 8 de Novembro.

«GANDA» a sair em 18 de Novembro

Com escala por **LEIXÕES** para: **CABINDA, SAZAIRE, LUANDA, PORTO AMBOIM, NOVO REDONDO, LOBITO, MOÇÂMEDES e PORTO ALEXANDRE** (se necessário). Carrega de 10 a 14 de Novembro.

«PÁTRIA» a sair em 21 de Novembro às 12 horas

Com escala prévia por **LEIXÕES** para: **FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA.** Carrega de 11 a 14 de Novembro.

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA» a sair em 17 de Outubro e 21 de Novembro às 18 h.

Com escala por **VIGO e FUNCHAL**, para: **TENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAU e PORT EVERGLADES (MIAMI).**
Carrega em 16 de Outubro e 20 de Novembro.

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens.

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Telef. 36 96 21/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Telef. 2 33 42

TV dia a dia

HOJE PODE VER ...

Noite de cinema: «Sob a Bandeira da Coragem»

Cerca das 22 horas aparece a rubrica «Noite de Cinema», exibindo-se a película de longa metragem realizada por John Huston, «Sob a Bandeira da Coragem», com um dos actores mais condecorados pelo governo de Washington pela sua bravura durante o conflito mundial: Audie Murphy.

Ao seu lado contracenam Bill Mauldin, Douglas Dick, Royal Dane e Tin Durant.

«Em 1862, durante a guerra civil americana, um soldado muito novo e inexperiente, em vésperas de tomar parte no primeiro combate, sente-se apreensivo e cheio de medo. Mas acaba de vencer o seu receio e torna-se um herói...»

TV CLUBE: INTRÓITO

Pelas 21 horas a R. T. P. apresenta um TV Clube de características especiais. Cânticos espirituais negros e religiosos, interpretados por um grupo de quatro jovens que se estrearam num dos passados programas Zip-Zip e que o Serviço de Programas de Variedades entendeu (reconhecendo o seu valor) contratar para uma das suas rubricas, Ana, Isabel, Nuno e Pedro resolveram, para a sua estreia nos estúdios da R. T. P., adoptar o título «Intróito» (inspirado num dos passos da missa) para o seu conjunto vocal.

O BOM GIGANTE: «UM PASSO DE GIGANTE»

A série juvenil de televisão, que o cinema também já adaptou, «O Bom Gigante», no original «Gentle Ben», estará no ar pelas 19 e 45, na história intitulada «Um Passo de Gigante». «Janie, um amigo de Mark, julgando que seu pai não gosta dele, resolve fugir de casa e refugia-se num velho barco abandonado que está meio enterrado na areia junto ao mar...»

2.° PROGRAMA

«O BARÃO», «CARTAS DE ESPANHA»

Práticamente a emissão do 2.° programa começa com a repetição de mais um filme da série de aventuras «O Barão», intitulado «Imunidade Diplomática». «O Barão» perito em antiguidades, é também especialista em judo e karate. Para recuperar uma jóia que fora roubada numa das suas lojas de Londres penetra num país da Cortina de Ferro.

Segue-se «Carta de Espanha» e «Convergência», com que termina a emissão.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.° **Programa** — 451 m — 665 kc/s. — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Canconetas por David Garrick; 16 e 15: Tradições, Costumes e Turismo dos Açores, pelo dr. Carreiro da Costa «Às Sa.o.as»; 16 e 30: Roteiro Musical Português; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; 17 e 40: Evocação de Coimbra; 18 e 10: As Grandes Figuras do Mundo Português, pelo dr. Caldeira Pais; 18 e 40: Jovens académicos; 19 e 45: Rádio Rural — Mus ca só mus ca; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Um solista... Uma orquestra, 20 e 40: 12.° Episódio do Folhet.m «O Grande Industrial»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: O guitarrista Laurindo Almeida; 21 e 40: Tempo de Jazz, por Rau Ca.ado; 22 e 10: Espectáculo, magazine de Teatro, Cinema e Ba.ado; 22 e 30: Fados, por Ada de Castro; 22 e 50: O p.anista Peter Nero; 23 e 05: Programa da noite; 1: Fecho.

2.° Programa — 397 m — 755 kc/s. — Às 16 e 20: Quarteto N.° 1, op. 2 (Zoltan Kodaly) — Quarteto Roth; 17: Discos Raros — I nterpretações do tenor Lauri-Volpi; 17 e 30: Perspectivas da musica mexicana; 18 e 30: Rádio Educativa (Auditório Juvenil); 19: Horizonte Literário, por Amando César e Mário António; 19 e 15: Musica de câmara — «Barroco Italiano»; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: O violinista Jacques Chestem. Ao piano Raoul Gola; 20 e 30: Noite de Teatro: «Tio Simplício», de Almeida Garrett, numa adaptação de Leopoldo Araujo; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

2.° Programa (Cultural MF 2) — 94,3 mc/s. — Às 23: Musica Portuguesa — Obras de António Fragoso; 0 h.: O barítono Detrich Fischer-Dieskau — acompanhado pela pianista Gerald Moore; e 10: Ciclo «A Sonata» — «Os Mestres de Viena» — Sonata n.° 32 op. 111 em dó menor (Beethoven), por Claudio Arrau; 1: Fecho.

RÁDIO UNIVERSAL — 451 m — 665 kc/s. — Às 19 e 10: Abertura; 19 e 15: Panorama das ideias contemporâneas; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Momento Texentel; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 07: Momento ABC; 20 e 12: Musicalmente quase tudo; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Eles cantam para si; 21 e 03: Hora alemã; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Musica tradicional e palestra religiosas; 23 e 22: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural, 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência—97,4 mc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 03: Banda sonora; 2: Fecho.

Emissor de Miramar—383,6 m — 782 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: A voz de...; 19 e 30: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia-a-dia; 21 e 03: A Voz de Coimbra; 21 e 15: Só-rádio; 21 e 30: Rádio Placard; 21 e 45: Musica tradicional e palestra religiosas; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Musica tradicional e palestra religiosas; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da juventude.

RADIO RENASCENÇA—233,2 m — 1286 kc/s. — Às 16: Radioramo; 18: Uma voz, um conjunto; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Aguarela mexicana; 21 e 15: Vozes de ontem e de hoje; 21 e 30: Guitarradas; 21 e 45: Canções que o cinema tornou famosas; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s. — Às 16: Radioramo; 18: O quarto de hora infantil; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 30: Página 1; 20 e 30: Chamadas musicais; 22: A musica é boa companhia; 23: A 23.ª hora: 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s. — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 19 e 30 ás 22; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 12 ás 14 e 30 e das 17 ás 19 e 30; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 8 ás 10 e das 14 e 30 ás 17; **Rádio Graça** — Das 10 ás 12 e das 22 ás 2.

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — Às 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: «O Bom Gigante»; 20 e 15: Sangue na estrada; 20 e 30: Tempo internacional; 20 e 55: TV Clube; 21 e 30: Telejornal; 22: Portugal de hoje; 22 e 10: Noite de Cinema; 23 e 30: Marcha do mundo; 23 e 45: Fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22: Portugal de hoje; 22 e 05: «O Barão»; 22 e 55: Carta de Espanha; 23 e 10: Convergência; 23 e 34: Fecho.

AMANHÃ — **I Programa** — Às 14 e 40: Ciclo Preparatório; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Desenhos animados; 20 e 15: Conheça o Portugal desconhecido; 20 e 30: No mundo da Arte — Vieira da Silva; 20 e 55: Olho Vivo; 21 e 30: Telejornal; 22: Portugal de hoje; 22 e 10: Noite de Teatro «Trágico á Força», de Tcheckov, 22 e 35: «A Brigada Especial»; 23 e 35: Marchado Mundo, 23 e 50: Fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22: Portugal de hoje; 22 e 5: Imagens da Poesia Europeia; 22 e 20: «O Maiora!»; 23 e 35: Fecho.

canal da crítica

ZIP-ZIP: CANSAÇO BAÇO, MARCA O PASSO

Afirmou ontem Raul Solnado que «a juventude pode ir até à morte». Oxalá isso se verificasse mesmo quando a morte acontecesse em Dezembro, como será o caso de «Zip-Zip». Oxalá «Zip-Zip», que chegou a ser (ou a parecer?) uma promessa de primavera (de juventude...) nos pudesse, ao menos manter nessa ilusão até ao fim do ano...

Duvidamos. Há cansaço, no programa do Villaret. E nem me refiro já a cansaço de temas, de ritmo, de iniciativas. Há cansaço físico. O único que se mantém relativamente em forma é Carlos Cruz. Solnado, esgotadas as reservas, e porque não se pode defender permanentemente com a mímica para evitar cair nos tiques em que já caiu demasiado, remete-se a um silêncio que distancia o publico, enquanto busca socorro na sebentinha. Fialho Gouveia, estoirado, é a figura exacta da apatia. Contam-se as palavras que ontem pronunciou. Ainda não há «doping» para os animadores de programas...

O mal pode encobrir-se quando nos surge, pela proa, um barco de socorros a náufragos, tripulado por Rui Mendes, João Lourenço e Morais e Castro. Como devem estar lembrados, estes foram os jovens que com Irene Cruz levaram á cena «Knack», uma bela, juvenil aventura do teatro em Teatro. No «Zip-Zip», Rui Mendes e Morais e Castro contaram essa aventura, disseram como vão continuá-la com uma nova peça, lembraram como na base dos ultimos êxitos no teatro está o publico jovem e esclareceido. Eles fizeram toda a despesa da conversa. Solnado pregou o cartaz da nova peça do grupo. Foi pouco? Foi muito? Foi o que melhor podia fazer.

UM FAME OPORTUNISTA...

O mal pode encobrir-se quando estamos na presença de um Fame (pesadão, pesadão...) capaz de fazer convergir para si próprio todo o interesse de uma plateia. Fame não interpretou aquelas canções que o publico esperaria ouvir. A interpretação em inglês afastou grande parte do publico zipzipesco, não habituado a estas melodias «bárbaras» — e tanto mais estarará quanto mais fadinhos granjolas lhe impingirem. Ao «Zip-Zip» resta a «glória» de haver pretendido remar contra a maré ao trazer até nós um canconetista que, se outros méritos não tiver, tem o de demonstrar que a musica ligeira não dispensa o trabalho aturado e sério, a permanente luta contra as dificuldades e a rotina.

A IDA À LUA E OUTRAS COISAS...

Mas nem todos são Rui Mendes e Fame. Nem todos tripulam salva-vidas. Lá vem uma instrutora de automóveis falha de todo o interesse; lá vem um pobre homem da Ericeira, confrangedor na alegria da sua alienação, a esfarrapar-se todo para dar de comer a uma data de «gambozinos» que lá tem casa — engraxador, massagista, árbitro videirinho, cantador de fados para turista ouvir. Lá vem um entalhador muito vaidoso dos seus trabalhos de que a câmara não conseguiu nunca dar uma imagem correcta, com a cabeça cheia de confusão, a declarar que depois da ida á Lua «há uma modificação total na arte...»

As dificuldades da equipa do «Zip-Zip» foram notórias na entrevista com o aguadeiro da turística Alfama. Não há dúvida que a simples presença do sr. «Pintainho» revelou uma sub-humanidade e denunciou a injustiça de uma situação. Mas Solnado e Cruz não foram capazes de encontrar uma plataforma de entendimento: houve perguntas (algumas repetidas...), não houve convívio; houve constrangimento, não houve adesão.

(Continua na página seguinte)

3.ª FASE DA REBOLEIRA

VISTA PARCIAL DA REBOLEIRA

Iniciada a 3.ª fase

J. PIMENTA, S. A. R. L.

oferece-lhe as garantias de sempre, dentro de uma melhor e maior gama de Apartamentos Mobilados

180 Contos rendem-lhe 1.125$00 Mensais

200 Contos rendem-lhe 1.250$00 Mensais

3.000 Clientes dar-lhe-ão as melhores referências

Apartamentos em exposição: REBOLEIRA, AMADORA, PAÇO DE ARCOS (Espargal), CASCAIS (por detrás do Hotel Baía).

PROPRIEDADES A VENDA EM: REBOLEIRA, AMADORA, VENDA NOVA, PAÇO DE ARCOS, PARede, CASCAIS E LISBOA

LISBOA: R. Conde Redondo, 53-4.º-E.—Tels. 45843/47843
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21/22
REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 93 36 70

canal da crítica

(Continuação da pag. anterior)

...E NÃO HOUVE ALENTEJO

A grande desilusão da noite consistiu na apresentação do coro alentejano de Pias. A presença das mulheres, reunidas ao grupo na véspera «para lhe dar cor e vida», logo sugeriu dúvidas quanto á pureza, á autenticidade, á verdade do grupo de Pias. Essas dúvidas aumentaram quando ouvimos dizer que, ao lado dos trabalhadores rurais, cantavam industriais e lavradores.

Aquele grupo está muito longe em qualidade de outros que os telespectadores já conhecem — de Vidigueira e Ferreira do Alentejo, por exemplo. Foi notória a falta de conjunto, a ausência de associação. Há muito tempo que não ensaiavam...

Por outro lado, algumas letras transpiram mas de literatice. Repare-se:

Meu Alentejo querido
cheio de Sol e calor
és meu torrão preferido
meu lindo Alentejo
és pra nós encantador.

És pra nós encantador
pra outros desconhecido
cheio de Sol e calor
meu lindo Alentejo
meu Alentejo querido.

Não foi, em resumo, boa propaganda dos cantares alentejanos. Apenas se salvou a acção da câmara que percorreu roscos, indumentárias, pormenores pitorescos.

POIS É...

...Pois é, cansaço. Recordo-me das palavras do «Grupo Quatro» quando enalteceram as vantagens do colectivo sobre o individual. «Zip-Zip», eis o exemplo das desvantagens do individual sobre o colectivo. A rubrica é exageradamente Raul Solnado, o Solnado, vocês sabem, aí é um fartar de rir com aquele homem, eu cá, quando ele abre a boca..., tem pilhas de graça, o «Zip-Zip» não prestou, hoje não houve Solnado, etc., etc. O excelente actor cómico chegou a uma altura em que terá de escolher: ou se dedica ùnicamente á exploração industrial da gargalhada e nesse caso nunca mais falará a sério, ou falará a sério e nesse caso muda de profissão. Isto porque é desagradável, é dramático, ouvir risos na plateia apenas porque Solnado prestou justiça a Fernando Gusmão quando afirmou: «considero Fernando Gusmão um dos nossos melhores directores de Teatro.»

A encruzilhada não é apenas de Solnado: é também do «Zip-Zip». Este poderá dizer como a personagem histórica: «Mal com o cómico, por amor do sério, mal com o sério, por amor do cómico...» E tudo porque nem no cómico, nem no sério, nada foi levado ás razoáveis consequências.

MÁRIO CASTRIM

SENHORES CAÇADORES

A partir de agora a LINDE põe ao dispor de todos aqueles que se dedicam a este salutar desporto uma gama de doze congeladores diferentes e de várias capacidades.

Todos os senhores caçadores têm agora resolvido o problema da conservação das suas peças de caça, podendo guardá-las num congelador LINDE por tempo indeterminado e sem perigo de contaminação ou de deterioração.

Mediante uma mensalidade a partir de 102$50, sem fiador e sem entrada inicial, adquira hoje mesmo o seu congelador LINDE. Peça uma demonstração à

Vapedrone

54, Rua da Vitória, 56
Telef. 33323
17, Rua dos Fanqueiros, 19
Telef. 320376

VIDOR
a pilha inglesa de qualidade

ASSISTÊNCIA TÉCNICA ESPECIALIZADA
RÁDIOS E ALTA FIDELIDADE A TRANSISTORS
Rua Rodrigo da Fonseca, 31, 1.º
Telef. 43464 — LISBOA

D. AMÉLIA MARIA XAVIER DE LIMA

MISSA DO 45.º DIA E AGRADECIMENTO

ANTÓNIO XAVIER DE LIMA e mais família participam que mandam celebrar missa do 45.º dia, amanhã, dia 15, pelas 19 horas, na Igreja de Vila Nogueira de Azeitão, pelo seu eterno descanso.

Agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto, bem como a todos que por qualquer forma lhes testemunharam o seu pesar e a quem o não fizeram directamente por desconhecimento de moradas.

CÂMARA MUNICIPAL DE VENDAS NOVAS

EDITAL

António José da Silva, vice-presidente da Câmara Municipal do concelho de Vendas Novas:

Faz público que até às 17.30 horas, do dia 14 de Novembro próximo, se recebem propostas em carta fechada e lacrada, para o concurso público da empreitada de «Construção do Posto de Transformação e rede de baixa tensão de S. Pedro de Bombel», que depois serão abertas perante a Câmara, a levar a efeito em conformidade com estabelecido no programa de concurso e caderno de encargos, bem como o projecto da obra e seu respectivo orçamento.

A base de licitação é de 288 973$00.

Para ser admitido ao concurso é necessário apresentar documento comprovativo de ter feito o depósito provisório de 7224$00, na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações e à ordem do Presidente da Câmara.

O depósito definitivo será de 5 % sobre o valor da adjudicação.

Os concorrentes deverão estar inscritos como empreiteiros de obras públicas na categoria correspondente, a que se refere o Decreto-Lei n.º 40 623, de 30 de Maio de 1956, e respectivo Regulamento, de 22 de Julho de 1957

Os elementos elucidativos e constantes do concurso estarão, todos os dias úteis, durante as horas de expediente, patentes na Secretaria da Câmara Municipal e na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos — Repartição de Licenciamento — sito na Rua de S. Sebastião da Pedreira, n.º 37, em Lisboa.

Paços do concelho de Vendas Novas, aos 11 de Outubro de 1969.

E eu, Sidónio José Afonso Ferreira, Chefe da Secretaria, o subscrevi.

O Vice-presidente da Câmara,
António José da Silva

PIANOS
VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Industria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

MANUEL AUGUSTO JOSÉ DE MELLO (Cartaxo)

MISSA NO 3.º ANIVERSÁRIO DO SEU FALECIMENTO

Sua Família participa que amanhã, quarta-feira, pelas 12,30 horas, na Igreja de Santa Catarina, será rezada missa pelo seu eterno descanso, agradecendo a todos que a queiram acompanhar neste piedoso acto.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

Para Francisco Romãozinho
a vitória no III Rallye da TAP e a consagração no Casino Estoril

Conforme se previa, depois de anunciada a provável desclassificação de Tony Fall, a vitória no «III Rallye da TAP» coube a Francisco Romãozinho.

Ontem no Casino Estoril, cerca de oitocentos convidados assistiram ao jantar de encerramento e à correspondente distribuição de prémios.

Presidiu ao acto o eng.º Mendes Barbosa, presidente do conselho de administração da TAP e, na mesa de honra, além de outras altas individualidades, sentaram-se os srs. dr. Elmano Alves, subsecretário de Estado da Juventude e Desportos; general França Borges e eng.º Azevedo Coutinho, respectivamente presidentes das Câmaras Municipais de Lisboa e Cascais; eng.º Álvaro Roquete, director-geral de Turismo, em representação do secretário de Estado da Informação e Turismo; eng.º Themudo Barata, director-geral adjunto da Aeronáutica Civil, em representação do director-geral, eng.º Vítor Veres; e José António Pereira Forjaz, vice-presidente da Câmara Municipal de Sintra. Presentes, ainda, directores-gerais dos Transportes Terrestres, dos Serviços Florestais e Aquícolas, presidentes da Corporação de Transportes e Turismo, comandantes gerais da P. S. P. e da P. V. T., eng.º Duarte Calheiros, comandante Soares de Melo, Luís Forjaz Trigueiros, embaixador Xara Brasil e comandante Júlio Schultz, membros do conselho de administração da Tap; prof. Jaime Rios de Sousa, delegado do Governo junto da Tap, representantes da Imprensa, Rádio e Televisão e concorrentes à prova.

Aos brindes, falou em primeiro lugar o dr. Isaias Gautier, presidente da direcção do Grupo Cultural e Desportivo da Tap, entidade organizadora do «Rallye», que começou por agradecer as presenças e a colaboração de todas as entidades que tornaram possível, a efectivação de tão imptortante prova, não esquecendo, naturalmente, os concorrentes.

Falou, depois, o director da corrida, Alfredo César Torres, seguindo-se no uso da palvra o eng.º Mendes Barbosa, que afirmou:

«Só temos que nos felicitar vivamente pela grande jornada que o «Rallye» constituiu para o automobilismo nacional e pelo prestigio de que já desfruna Europa e no Ultramar».

E mais adiante:

«Um dos grandes fenómenos do nosso tempo é que os povos precisam cada vez mais uns dos outros e que procuram conhecer-se amplamente para partirem desse conhecimento para as desejáveis coordenadas de estima ou do respeito recíproco. Os transportes e a comunicação conduzem-nos a essas coordenadas...»

O eng.º Mendes Barbosa acrescentou ainda:

«O desporto automobilistico que se insere nos transportes é um grande factor para essas relações...»

Falaram ainda o major Enes Ferreira, comandante geral da P. V. T., António Peixinho, em nome dos concorrentes, e o dr. Elmano Alves.

Por fim, procedeu-se à entrega dos valiosos troféus aos automobilistas que os conquistaram.

Classificação final

1.º, F. Romãozinho-Jocames (Citroen DS 21), 104759 pontos; 2.º, José Lampreia-Melville (Datsum), 113 476; 3.º, Chavam-R. Lopens (Datsun), 113 945; 4.º, Heitor Morais-J. Bernardo (MG), 191 085; 5.º, C. Albino-A. Morais (Saab), 193 875; 6.º, A. Peixinho-Lampião (Alfa-Romeo), 194 629; 7.º, R. Maunsell-N. Henderson (Sunbeam), 194 763; 8.º, Fernando Baptista-Nani (BLMC Cooper), 195 141; 9.º, Colaço Marques-B. Tomé (Porsche), 196 832; 10.º, J. Barter-D. Kirkham (Ford Cortina), 196 394; 11.º, V. Pedrosa-Moreira Jorge (Datsun), 196 975; 12.º, Américo Nunes-F. Fonseca (Porsche), 197 974; 13.º, H. Bein-H. Utz (B. M. W.), 199 329; 14.º, Couto Fragoso-C. Branco (B. M. W.), 199 903; 15.º, John Bloxham-R. Harper (Ford), 200 147; 16.º, F. Jansen-W. Seelinger (Simca), 200 259; 17.º, Lamy Viçoso-B. Almeida (N. S. U.), 200 262; 18.º, R. Bochnicek-D. Keinmaper (Citroen DS 21), 201 151; 19.º, C. Sclater-M. Wood (Ford Escort), 203 157; 20.º, F. Lucas Martins-V. Martins (N. S. U.), 204 198; 21.º, Nascimento Costa-V. Silva (Datsun), 204 281; 22.º, C. Bourgoignie-N. Kerchoue (Alfa-Romeo), 205 256; 23.º, Nunes Baptista-E. Saraiva (Fiat), 206 672.

Os futebolistas das selecções nacionais regressaram a Lisboa. Alegres, felizes, satisfeitos pelo dever cumprido: os componentes do «onze» de «esperanças» que bateu a França, em Paris. Soturnos, tristes, apagados, os jogadores que o dr. José Maria Antunes apresentou em Bucareste e não conseguiram contrariar o superior espírito de luta dos romenos. Note-se o contraste: mais acentuado pelas expressões carregadas de Alexandre Baptista, José Maria, Nelson, Conceição e Jacinto João

Acontecimentos DE ONTEM

HÓQUEI EM PATINS

Efectuaram-se mais quatro jogos respeitantes ao campeonato de Lisboa de hóquei em patins, verificando-se os seguintes resultados:

Cuf-J. Salesiana	*3-0*
E. Física-Parede	*2-6*
H. Sintra-Benfica ...	*1-5*
P. Arcos-C. Ourique	*8-4*

A classificação passou a ser comandada pelo Oeiras e pelo Benfica (ambos com 48 pontos), seguidos pela Cuf (47) e Paço de Arcos (46) que contam menos um jogo.

HOJE À NOITE

ANDEBOL — Campeonato de Lisboa da I Divisão (reservas): Almada-C. Ourique, ás 20 e 30; Benfica-Passos Manuel, ás 21 e 45 e Sporting-Técnico, ás 23, no Pavilhão de C. Ourique.

BASQUETEBOL — Campeonato de Lisboa Feminino da I Divisão: Encarnação-A.-Benfica e Nacional-Sintra, ás 21; Sporting-C. I. F.-A e Física-Algés, ás 22, no Pavilhão da Ajuda.

Campeonato de Lisboa Feminino de II Divisão: Série A — Ferroviários-Entroncamento-B ás 1, na Azinhaga do Alfinetes; Atlético-Queluz, ás 21 e 30 e C. D. U.-L.-A.-Moscavide, ás 20 e 30, no Estádio Universitário, Série B: C. L. F.-B-Combatentes, ás 20 e 30; e Ateneu-Oeiras, ás 22 e 30, no Estádio Universitário.

Reunião de delegados na Associação de Lisboa, para elaboração da lista dos novos dirigentes, ás 21 e 30.

BILHAR — Campeonato de Lisboa de 2.ª categoria, na Associação dos Amadores, ás 21.

FUTEBOL — Posse dos corpos gerentes da Associação de Faro, ás 21 e 30, na sua sede.

RAGUEBI — Curso de árbitros na sede da Federação, ás 21.

TÉNIS DE MESA — Torneio aberto internacional no Porto, com a participação de jogadores iugoslavos, ás 21 e 30.

ATLETAS DE LISBOA VENCERAM O «TRIANGULAR» DAS ANTAS

Está próximo a cair o pano de cena da época de 1968-69 — mais uns dias e eis-nos no defeso, aliás merecido para uns tantos atletas, já que a maioria parece não ter compreendido que, sem trabalho, não se pode alcançar o que se deseja.

Os atletas lisboetas (masculinos e femininos) foram até ao Estádio das Antas para enfrentar as equipas de Vigo (onde militam grandes figuras do atletismo espanhol) e do Porto, numa competição que em boa hora a Associação Portuense de Atletismo organizou.

Apesar de desfalcada (as tais faltas que se deram no decorrer da temporada e que em boa verdade custam a compreender e até a aceitar) a equipa de Lisboa dominou largamente, ao ponto de, no final, apresentar os seguintes numeros: 146 pontos, 12 vitórias, contra 116 pontos e 3 vitórias da equipa de Vigo e 73 pontos e 1 vitória do conjunto portuense.

E' claro que isto dá-nos uma ideia que de há muito se mantém na modalidade — uma concentração em força e qualidade na Associação de Atletismo de Lisboa, mercê, bem entendido, de um trabalho profícuo e a todos os títulos louvável, dos principais clubes nela filiados: Sporting, Benfica, Belenenses, C. D. U. L., C. U. F., Vitória de Setubal e Atlético de Moscavide.

Apesar de o momento não ter sido o mais adequado para uma competição ao nível internacional (selecções regionais), que esperamos, entretanto, que elas possam vir a ser efectivadas na próxima temporada e, então, em momento propício, alguns dos atletas em despique não deram má conta de si. Salientamos, até, o caso da benfiquista Branca Seabra (uma esperança na modalidade em corridas de fundo-rápido) que bateu o seu próprio «record» (que é nacional) dos 1500 metros, com 5 m e 0,4 s.

E' curioso assinalar que Branca Seabra já bateu no espaço de um mês o «record» nacional do quilómetro e meio, por três vezes: 6-9-69 — 5 m e 3,6 s; 7-9-69 — 5 m e 3 s e 12-10-69 — 5 m e 0,4 s.

Uma outra faceta, desta feita cometida pela portuense Isolina Pinhel, não pode passar despercebida, pelo que ela encerra de excelente — a conquista do «record» do Norte», naquela distancia, com 5 m e 0,8 s. Apenas 4/10 de segundo de diferença do máximo nacional. Bela proeza.

Entre as senhoras estiveram, ainda, em evidência Maria de Lurdes Henriques (Lisboa), que saltou 1,45 m ficando, apenas, a 2 cm do máximo português; e Maria do Céu Lopes (Lisboa) que venceu os 400 metros, em 6 m e 0,1 s (menos 2 s do que o «record» nacional).

No sector masculino, no cômputo dos melhores, dois espanhóis quedaram-se na vanguarda — Alvarez Salgado e Carlos Perez — internacionais de renome, excelentes fundistas, campeões nos 5000 e 10 000 metros. Mas, os portugueses, também tiveram actuações de interesse, obtendo até alguns «tempos» de considerar em fim de época.

Assim, Carlos Tavares (Lisboa) portou-se dignamente nos 3000 m obstáculos (9 m e 11,6 s); José Diogo (Lisboa) nos 1500 m (3 m e 57,1 s); Fernando Mamede (Lisboa), nos 800 m (1 m e 57,2 s); António Salsinha (Lisboa), nos 400 m (50,8 s); Carlos Eufrásio (Lisboa), no dardo (59,55 m); Vital Silva (Porto), no peso (14,01 m); e António Saavedra (Porto), no dardo (54,27 m).

Pela tabela portuguesa de pontuação os melhores quedaram-se do seguinte modo:

1.º, Alvarez Salgado (V.), 14 m e 44,4 (5000 m), 855; 2.º, Carlos Tavares (L.), 9 m e 11,6 s (3000 obst.), 849; 3.º, Carlos Perez (V.), 14 m e 48,4 s (5000), 847; 4.º, José Diogo (L.), 3 m e 57,1 s (1500 m), 845; 5.º, Ruben Sanmartin (V.), 9 m e 18,6 s (3000 obst.), 830; 6.º, Fernando Mamede (L.), 1 m e 57,2 s (8000 m), 817; 7.º, António Salsinha (L.), 50,8 s (400 m), 802; 8.º, Eduardo Simões (L.), 9 m e 30,2 s (3000 obst.), 801, e 9.º, Carlos Eufrásio (L.), 59,55 m (dardo), 800 pontos.

Benfica-Sporting (reservas) amanhã à noite

Benfica e Sporting travam amanhã á noite no Estádio da Luz o seu primeiro encontro em território metropolitano, referente á temporada de 1969-1970.

Com efeito, assim decidiu a Associação de Futebol de Lisboa marcando para aquele dia o desafio de reservas entre os dois clubes, a contar para o Campeonato Distrital da categoria da 1.ª divisão.

A equipa de Lisboa, que triunfou no embate com as representações do Porto e de Vigo

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

AUTOCARROS
EMPRESAS, COLÉGIOS, FÁBRICAS, ETC.
Vendem-se 4 em bom estado. Pode facilitar-se pagamento.
Trata e mostra: Av. João XXI, 9-A — LISBOA.

Comunicado das Forças Armadas em Moçambique

LOURENÇO MARQUES, 14 — É o seguinte o texto do Boletim Informativo do Comando das Forças Armadas em Moçambique, relativo ao mês de Setembro:

«Apresentação em Nangade de quatro antigos e importantes chefes de Cabo Delgado, afectos a Lázaro Cavandame, que se encontravam detidos no campo de Dodoma, na Tanzania.

No Niassa, com o apoio da população, foi aniquilado um grupo de terroristas e abatidos o seu chefe e outros elementos.

Foram colhidas mais referências demonstrativas da instabilidade do triunvirato, em razão da ambição do poder dos seus constituintes e da luta pela hegemonia de influências.

Mantém-se em ritmo significativo o fluxo de apresentações da população que se acolhem á protecção das nossas autoridades, vindos de países limítrofes, onde sofrem todas as privações e vicissitudes. São estes, os pontos mais salientes do período.

O triunvirato estabelecido precáriamente após a morte de Mondlane, para a chefia da FRELIMO, começa a dar sinais de certa desagregação, que as notícias referentes a subornos e depurações no seio do partido põem em evidência, denunciando a luta que se trava. Por outro lado, e apesar do esforço que o inimigo mantém sobre as populações que pretende controlar, o fluxo de apresentações mantém-se em ritmo significativo. De assinalar entre os apresentados a presença com frequência crescente de antigos chefes («Chairmen») da FRELIMO, que, desiludidos de falsas promessas e saturados de luta sem significado para eles, se acolhem á nossa protecção.

A actividade das nossas forças, em estreita colaboração com as autoridades civis, manteve assinalado ritmo em acções gerais de contra-subversão. As acções de contra guerrilha foram particularmente intensas nas zonas de fronteira.

Neste período, as nossas forças obtiveram os seguintes resultados:

Apreendidas 45 armas na totalidade provenientes de países comunistas. Do restante material, foi significativo o numero de munições e de granadas apreendido.

Foram abatidos 22 terroristas, além de outras baixas não especificadas.

Foram assaltados e destruídos vários locais de refugio.

As nossas forças sofreram nove mortos em combate, cujos elementos de identificação foram oportunamente divulgados.

No distrito do Niassa o inimigo manteve as características da actividade desenvolvida ultimamente, esforçando-se por diminuir o ritmo do nosso esforço na redução progressiva da área afectada. Para isso continuou a recorrer principalmente ao emprego de minas e armadilhas, tentando afectar a mobilidade das nossas tropas e exercer influência sobre o seu moral. De realçar a pronta e leal colaboração da população e das forças administrativas com as forças militares na perseguição movida a um pequeno grupo inimigo infiltrado na área do Niassa Sul e de que resultou várias baixas para resultaram várias baixas para os terroristas entre elas a apreendido diverso armamento. Este grupo fôra responsável por alguns crimes e várias acções violentas contra a população. Foi particularmente rendosa a acção das nossas forças e de destacar pelos resultados obtidos as operações «Centuriões fronteiros» e «Cavalo fogoso».

No distrito de Cabo Delgado, a actividade do inimigo situou-se na sua maioria no planalto de Mueda e consistiu, sobretudo, no emprego de minas e armadilhas.

Por outro lado, a actividade das nossas forças foi particularmente intensa na região, sendo de destacar, pelos resultados as operações «Tempestade 1», «Ciclone 2» «Furão bigodes 4» e «Jupiter 22». Em Tete, a actividade do inimigo foi principalmente caracterizada pelas acções de tentativa de aliciamento e intimidação de populações nas regiões fronteiriças com a Zambia.

A actividade das nossas forças em estreita colaboração com ás autoridades administrativas, continua a ser especialmente orientada para a protecção e melhoria das condições de vida da população.

No período em análise, foram particularmente rendosas as operações «Furão» e «Gato Bravo».

Nos restantes distritos, mantém-se o clima de confiança e tranquilidade propício ao desenvolvimento socio-económico.

Sobre automóveis

Particular empresta 5 a 100 contos

em 1/2 hora com ou s/ hipoteca, mesmo que estejam em dívida ao Stand, ou hipotecados, sem alterar o seguro. Sem fiador. Prazos de 40 meses. Tel 66 36 97.

Rua Arco a S. Mamede, 18, 2.º-F (ao Rato)

Sindicato Nacional dos Empregados Bancários do Distrito de Lisboa

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

Ao abrigo do n.º 1.º do artigo 22.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral para reunir, em sessão extraordinária, no dia 16 do corrente, às 20.30 horas, no Salão da Sociedade de Instrução e Beneficência «A Voz do Operário», Rua da Voz do Operário, 9-15, com a seguinte ordem de trabalhos:

1. **Informações;**
2. **PROPOSTA DA REVISÃO DO CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO APRESENTADA AO GRÉMIO NACIONAL DOS BANCOS E CASAS BANCÁRIAS EM 31 DE MAIO DE 1969 — Comunicação e discussão sobre o seu estado actual.**

Nos termos do § único do artigo 19.º dos Estatutos, a Assembleia só poderá funcionar à hora marcada com a presença de, pelo menos, um quarto dos sócios do Sindicato, funcionando meia hora depois com qualquer número de sócios.

De acordo com o determinado no artigo 20.º dos Estatutos, só podem tomar parte na reunião da Assembleia Geral os sócios com mais de doze meses de inscrição, ou seja até ao n.º 13 670, inclusive.

Lisboa, 13 de Outubro de 1969.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
a) JOSÉ DE ANDRADE SOARES

Conferência de George Langrod

No prosseguimento das suas actividades, o Instituto Português de Ciências Administrativas promove, em colaboração com o Secretariado da Reforma Administrativa, uma sessão geral de trabalhos que decorrerá no Instituto de Estudos Sociais (Campo Grande, 185), amanhã, ás 17 e 45.

O tema desta reunião é o seguinte: «Contribuição de um Código de Processo Administrativo Gracioso para a reforma da Administração pública». Será orador o prof Georges Langrod, director científico do Centro Nacional de Investigação Científica de Paris e especialista de ciências administrativas de renome internacional, que se encontra em Portugal ao abrigo do programa de cooperação técnica da O. C. D. E.

Nova escola em Moncorvo e aumento da população escolar

MONCORVO, 14 — Começaram as obras de construção de um edifício, de oito salas, para as escolas primárias desta vila, situadas no sítio da Romãzeira, em frente da Escola Técnica. Entretanto, falta a abertura da rua que lhe dará acesso.

Principiaram os trabalhos escolares com a seguinte frequência: Colégio Campos Monteiro, 160 alunos; Escola Industrial, 350 e escolas primárias cerca de 300, o que dá um certo movimento a vila. Dado o aumento de alunos na Escola Técnica houve necessidade de construir dois pavilhões na respectiva cerca; e é de grande urgência a construção de um edifício para as suas instalações, pois, de ano a ano, o numero de alunos vai crescendo.

Melhoramentos

Quando se resolverá a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais a mandar reparar o adro da igreja matriz?

— A Câmara Municipal enviou, em tempo, á Direcção de Urbanização, um projecto para a abertura de um caminho municipal da Lousã na margem direita do rio Douro, em frente da estação de Freixo de Numão, aguardando que lhe seja concedida a respectiva comparticipação para o início das obras. Este caminho é de grande importância para aquela região e facilitaria o escoamento dos seus produtos, pois trata-se de uma zona rica em amendoa vinho, azeite cereais, etc.

Muito vinho

Estão a decorrer nesta região as vindimas. Os vinhos são de óptima qualidade e a colheita é muito superior á do ano findo.

Missa por alma de Vitória Eugénia

Por iniciativa dos condes de Barcelona, é celebrada amanhã, ás 18 horas, na igreja de Santo António do Estoril missa por alma da rainha Vitória Eugénia, de Espanha.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	—	—	518$
Consolidado 3%	540$	—	540$
Consolidado 3 1/2%	632$	—	632$
Centenário 4%	—	—	1.500$
Obrigs Tesouro 5%	1.004$	1.003$	1.005$
Externo 1.ª Série	—	—	760$
Externo 2.ª Série	—	830$	—
Externo 3.ª Série	—	732$	—
Externo 3.ª Série	—	870$	890$
Cautelas 3.ª Série	165$	160$	170$
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	—	490$
A P I 5% 56	—	—	—
A P I 5% 58	—	—	—
C P 4 1/2% 65	—	—	900$
C P 5 1/2% 67	—	980$	—
C U F 6%	—	1.008$	—
C U F 6% 68	—	—	1.000$
Gás Elect 4% 48	—	795$	825$
Gás Elect 4 1/2% 51	—	800$	—
Gás Elect 5% 54	—	—	890$
Gás Elect 5% 58	—	—	890$
Gás Elect 5% 59	—	—	890$
Gás Elect 5% 62	—	920$	940$
Gás Elect 5% 63	—	906$	940$
Gás Elect 5% 65	—	900$	—
Gás Elect 6% 67	—	1.011$	—
H E A Alentejo 5%	—	820$	—
H E Cávado 5%	—	—	—
H E Cávado 6%	—	1.005$	—
H E Douro 5%	810$	805$	815$
H E Douro 6%	1.005$	1.005$	1.006$
H E Norte Port 5%	—	—	—
H E S Estrela 6%	—	—	1.000$
H E Zêzere 5% 55	—	—	850$
H E Zêzere 5% 57	—	—	850$
Lisnave 6%	1.020$	1.015$	1.020$
Metropolitano 4%	890$	885$	895$
Metropolitano 5 3/4%	—	—	1.005$
Moçambique 5%	—	775$	—
Nac Electr 5%	840$	830$	—
Nitratos 5%	800$	790$	810$
Nitratos 5% 60	—	—	815$
Petroquímico 5%	—	—	860$
Port Celul 5%	—	950$	—
Sacor 5% 54	—	—	—
Sacor 5% 60	—	—	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	828$
Sonefe 5%	—	850$	860$
T A P 4%	950$	950$	960$
Termoelect Port 5%	—	—	—
U E P 3 3/4%	—	84$	—
U E P 4%	—	85$	86$
U E P 4 1/2%	—	—	—
U E P 5%	—	82$	83$
U E P 5% 60	—	—	—
U E P 5% 63	—	—	—
ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	1.565$	1.560$	1.570$
Alentejo	900$	897$	905$
Angola	3.190$	3.190$	3.195$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	3.700$	3.700$	3.800$
E Santo	—	18.000$	19.500$
E Santo n.	—	—	—
Fonsecas S. p	—	20.000$	—
L G Açores p.	—	7.110$	7.200$
L G Açores n.	—	—	—
P Atlântico p.	6.500$	6.480$	6.500$
Portugal n	—	3.225$	3.300$
Portugal p	—	4.300$	4.500$
Totta Aliança	6.300$	6.300$	6.400$
Ultramarino n.	2.830$	2.830$	2.845$
Ultramarino p.	3.160$	3.150$	3.170$
Seguros			
Alentejo	—	74$	76$
Douro	—	1.400$	—
Mundial	630$	630$	635$
Sagres	—	1.450$	1.600$
Tranquilidade	—	47.500$	60.000$
Ultramarino	—	15.000$	30.000$
Ultramarinos			
Açúcar de Angola	855$	855$	—
Ag Cassequel	865$	860$	870$
Ag Incomati	—	1.980$	—
Ag Neves	—	—	—
Ag S Tomé e Príncipe	—	—	300$
Boror	—	200$	250$
Buzi	87$	87$	87$5
Cabinda	220$	216$	225$

	Efec	Compra	Venda
Ultramarinos			
Diamantes Angola	2.090$	2.090$	2.100$
H E Revue	—	—	—
Ilha do Príncipe	—	—	—
Moçambique	189$	188$	190$
Sonefe n	—	—	—
Sonefe p	—	390$	400$
Zambézia	91$	90$	91$
Angolano	—	—	—
Diversos			
Cidla	1.700$	1.600$	—
Cim Leiria	4.020$	4.000$	4.050$
Cim Tejo	—	6.050$	—
Col Navegação	1.570$	1.550$	—
C U F	1.430$	1.420$	1.450$
Ing Aliança	—	—	650$
Nac Navegação	—	3.700$	3.800$
Petroquímica	2.250$	2.250$	2.270$
Port e Colónias	—	1.470$	1.520$
Port Celulose	4.600$	4.600$	4.800$
Port Pesca	—	1.150$	—
Port Tabacos	768$	765$	768$
Sacor	—	—	4.820$
Siderurgia Nac	1.710$	1.700$	1.710$
Sonae	2.980$	2.970$	3.000$
Tabacos de Portugal	—	1.530$	1.600$
Tabaqueira	—	—	—
U E Azote	860$	850$	960$
Aguas Electr e Gás			
Aguas Lisboa p	—	405$	425$
Aguas Lisboa 34	—	420$	430$
Aguas Lisboa 36	—	395$	400$
Eléct Beiras	—	1.660$	1.750$
Gás Electr	426$	425$5	426$
H E Alto Alentejo	160$5	160$5	161$
H E Cávado	—	1.245$	1.250$
H E Douro	320$	315$	325$
H E Norte Portugal	1.245$	1.245$	1.247$
H E S Estrela	—	—	1.850$
H E Zêzere	—	1.280$	1.290$
Nac Electricidade	—	1.250$	—
Termoeléctr Port.	1.245$	1.245$	1.250$
U E P	195$	194$	—
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
Atlântico	—	194$2	200$
D E S	—	120$3	123$9

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez 65 100)

	7/10/69	13/10/69	14/10/69
GERAL	140,5	141,9	142,2
METRÓPOL	135,7	136,5	136,6
ULTRAM.	175,6	181,2	183,1

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul:		
— Rands de 1 e 2		
— Rands de 5 e 20	36$00	38$00
América.		
— Dollars de 1 e 2	28$35	28$75
— Dollars de 5 e 000	28$55	28$95
Canadá — Dollar	26$20	26$70
Alemanha — Marco	7$45	7$80
Austria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$20	7$20
Espanha — Peseta	$40	$41,5
Holanda — Florim	7$80	8$10
Inglaterra — Libra	68$00	70$00
Itália — Liro	$04,4	$04,65
Bélgica — Franco	$52	$56
França — Franco	4$80	5$30
Suíça — Franco	6$60	6$80
Marrocos — Dirham	4$50	5$10
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Noruega — Coroa	3$90	4$20
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	310$00	325$00
Inglaterra — 1/2 Libra	255$00	275$00
Ouro fino — Barra	37$50	39$00

J. BURNAY, L.DA Notas estrangeiras
RUA DO OURO, 72 Papéis de crédito Tel. 321273

COMPARTICIPAÇÕES DO GOVERNO ÀS AUTARQUIAS DE PONTA DELGADA

PONTA DELGADA, 14. — (A. N. I.)—Ascendem a 3 689 700 escudos as comparticipações concedidas pelo ministro das Obras Publicas, á Junta-Geral e ás Câmaras Municipais do Distrito de Ponta Delgada, durante a sua recente estada nesta cidade.

O ministro prometeu ainda uma comparticipação de 1200 contos para a construção do novo quartel dos bombeiros.

OS IRMÃOS FUGITIVOS AINDA NÃO FORAM APANHADOS

CONTENÇAS, 14 — Continuam fugidos os irmãos Manuel e Domingos Jesus Diogo Costa que se escaparam da cadeia de Mangualde, furtando uma pistola e 400 escudos ao carcereiro.

As autoridades iniciaram a caça ao homem e investigam o roubo de um automóvel que parece estar ligado á fuga. No entanto, uma vez que os fugitivos não sabem conduzir, presume-se que haja um cúmplice nesta fuga e foi posta a circular por diversas pessoas a versão de que um primo dos irmãos Diogo Costa estaria envolvido na escapada.

É de admitir que ambos procurem alcançar a fronteira. Os dois fugitivos e um irmão mais novo, que se encontra entregue á tutoria, cometeram uma série de assaltos a estabelecimentos que ficou célebre nesta região, pela sua actividade, os irmãos Diogo Costa fazem lembrar os famosos irmãos Dillinger, que nos fins do século passado espalhavam o terror nos E. U. A. com os mais audaciosos assaltos.

CARTAZ DOS CINEMAS

TIVOLI
(M. 17 anos) Tel. 50595
Às 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
O filme que obteve
3 PRÉMIOS DA ACADEMIA
com PETER O'TOOLE e Katharine Hepburn
O LEÃO NO INVERNO

SÃO LUIZ
(M. 12 anos) Tel. 327172
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Franscope — Color
O CÉREBRO
com David Niven, Bourvil, Silvia Monti, Jean Paul Belmondo e Eli Wallach

ALVALADE
(M. 12 anos) Tel. 763080
Às 15.45 e 21.45
Franscope — Color
O CÉREBRO
com David Niven, Bourvil, Silvia Monti Jean Paul Belmondo e Eli Wallach

MUNDIAL
(M. 12 anos) Tel. 538743
Às 15.15, 18.30 e 21.45
Finalmente em Portugal o famoso filmé com Gary Cooper e Ingrid Bergman
POR QUEM OS SINOS DOBRAM
Inspirado no célebre romance de Ernest Hemingway
Metro — Estação Picoas

ODEON
(M. 12 anos) Tel. 326283
Às 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
Um vibrante romance de paixões proibidas e pecados escondidos
AMOR SELVAGEM
com Julio Aleman, Angelica Maria e Teresa Velazquez
NOTÁVEL REALIZAÇÃO DE TITO DAVINSON
(Eastmancolor)

EDEN
(Adultos) Tel. 820768
Às 15.15, 18.30 e 21.45
A mais desesperada conspiração para alcançar a liberdade!
2.ª SEMANA
O MOTIM
TECHNICOLOR
com JIM BROWN — GENE HACKMAN e os presos da prisão estadual do Arizona

IMPERIAL
(M. 12 anos) Tel. 45933
NOITE DE VIOLÊNCIA
OS 7 HOMENS DE OURO ATACAM DE NOVO

SÃO JORGE
(M 17 anos) Tel. 54253
Às 15.15, 18.15 e 21.45
EM 2.ª SEMANA
A INAUGURAR A NOVA TEMPORADA
O DIABO À SOLTA
com Yves Montand — Maria Schell
Um filme de Philipe de Broca

IMPÉRIO
(M. 12 anos) Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30 h.
Panavison — Color
Duas civilizações, duas mentalidades em choque!
Um filme de JOHN BOORMAN
DUELO NO PACIFICO
com Lee Marvin e Toshiro Mifune

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.30, 18.30 e 21.45
9.ª SEMANA
A obra fundamental de Roman Polanski
REPULSA
com Catherine Deneuve e Ivonne Furneaux

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
Às 15.30, 18.30 e 21.45
4.ª SEMANA
O mais discutido filme de Alain Resnais
AMO-TE, AMO-TE
com Claude Rich, Olga Georges-Picot

CONDES
(Adultos) Tels. 322523-326710
Às 15.15, 18.15 e 21.30
7.ª SEMANA
OS COMEDIANTES
70 mm
Richard Burton, Elizabeth Taylor, Alec Guiness e Peter Ustinov
(Ar condicionado)

EUROPA
(M. 12 anos) Tel. 661016
Às 15.15 e 21.30 h.
70 m/m — Moscolor
DE NOVO O MAIOR MONUMENTO DO CINEMA!
GUERRA E PAZ
1.º Episódio AUSTERLITZ

RESTELO
(Adultos) Tel. 610375
Às 21.30
O filme que revelou Sharon Tate
O VALE DAS BONECAS
com Barbara Parkins e Patty Dake

VOX
(M. 21 anos) Tel. 720808
Às 18.30 e 21.45
12.ª SEMANA DE ENCHENTES
HELGA
(O segredo da maternidade)
Comentado em português
(Ar condicionado)
AVISO:
É indispensável a apresentação do bilhete de identidade, quando haja duvida da avaliação da idade.

[illegible]
(M. 17 anos) Tel. 555131
Às 15.15 e 21.30
2.ª SEMANA
Fane Dunaway e Marcello Mastroianni
Longe do mundo, longe de todos, tudo fizeram em nome do amor!
UM LUGAR PARA AMAR

AVIS
(M. 12 anos) Tel. 47163
Às 21.45
A MAIS EXPLOSIVA AVENTURA DE SIMON TEMPLAR
O SANTO E A VENDETTA
ASTMANCOLOR
com ROGER MOORE

POLITEAMA
(M. 12 anos) Tel. 326305
Às 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
SENSACIONAL ÊXITO
A mais formidável proeza da guerra no Norte de África
A BATALHA DE EL ALAMEIN
A derrota de Rommel perante os exércitos de Montgomery
(Col.) — Um elenco excepcional!

LIDO
Praça D. João I — AMADORA
15.30 e 21.30 (M. 17 anos)
Cinema jovem para publico... de todas as idades!
RAPARIGAS MODERNAS
com Jonhnny Halliday e Sylvie Vartan

CASINO ESTORIL
(M. 12 anos) Tel. 260729
Às 17 e 21.30 horas
A LUZ É PARA TODOS
com Gregory Peck e Dorothy McGuire

CHIADO TERRASSE
(Adultos) Às 15 e 21 h.
COLORIDO
A PISCINA
ESCOLA DE BEM GOZAR A VIDA

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
Às 21.45
A COMEDIA DO ANO
CASEI CONTIGO POR ALEGRIA
TECHNICOLOR
com MONICA VITTI

LIZ
(Adultos) Tel. 48560
Às 21 horas
O VALE DAS BONECAS
O 3.º SEGREDO

OUTROS ESPECTÁCULOS

CIRCO
COLISEU — Às 21 e 30: «Grande Companhia Internacional».

TEATROS
A B C — Às 20 e 45 e ás 23: «Ena já fala» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23: «Esperteza saloia» (17 anos).
MONUMENTAL — Às 20 e 45 e ás 23 h.: «Ri-te, Ri-te» (17 anos).
VARIEDADES — Às 21 e 45: «Os direitos da Mulher» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e ás 23: «Amor ás riscas» (17 anos).

CINEMAS
MOSCAVIDE — Às 21: «Testemunha suspeita» (17 anos).
OLIMPIA — Às 21: «Uma alma entre mil» (17 anos).
ARCO IRIS — Às 21: «Ringo e a sua pistola de oiro» (12 anos).
PARIS — Às 21: «A chamada»
JARDIM — Às 21: «Serviço Secreto Italiano» (17 anos).
CINE-ORIENTE—Às 21 h.: «10 000 dólares para um massacre» (17 anos).
IDEAL — Às 21 h.: «Armadilha Istambul» (12 anos).
VOZ DO OPERÁRIO — Às 21 h.: «O alto, o baixo e o gato» (12 anos).

Linha de Cascais
ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «Emboscada na sombra» (12 anos).
PAÇO DE ARCOS — CINE-TEATRO — Às 21 e 30: «Granada adeus» (12 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «A luz é para todos» (12 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Espião por acidente» (17 anos).

Linha de Sintra
DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «À margem da Lei» (12 anos).
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21: «Raquel, Raquel» e «A Paz voltou á cidade» 17 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Bonança e C.ª» e «Maria Papoila» (12 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «O segredo do meu sucesso» e «Mulher sem cara» (17 anos)
MEM MARTINS — CINE-CHABY — 21 e 30: «F. B. I. contra Cosa Nostra» (17 anos)
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 35: «Uma mulher no cimento» (17 anos)

Outra Banda
ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: Ninguém foge para sempre» (12 anos)
BARREIRO — GINÁSIO — Às 21: «Quando o peixe saiu do mar» (12 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA — Às 21 e 15: «A felicidade da Senhora Blossom» (12 anos).

NATURA

FOI POSTO À VENDA O N.º 181 REFERENTE A OUTUBRO

Se desejais evitar a doença e curar-vos dos vossos males pelos meios puramente naturais assinai já esta utilíssima revista de Higiene Geral e Alimentar de Saúde e Cultura Integral, podendo estar certos de que pelos seus ensinamentos recuperais mais Bem-Estar e Alegria de Viver.

Director e proprietário: DR. INDIVERI COLLUCCI

Do sumário destacamos os seguintes artigos:

— A MORTE DO DR. BLAIBERG
— FUNGOS E DOENÇAS POR ELES CAUSADAS
— LUTANDO DESESPERADAMENTE POR UM MUNDO MELHOR
— ÁCIDO ÚRICO — ARTRITISMO E GOTA
— A CORRENTE SANGUÍNEA É NA VERDADE A CORRENTE DA VIDA
— CONTRIBUIÇÃO PARA A MEDICINA NATURISTA
— CONSELHOS PARA VIVER BEM AS 24 HORAS DE CADA DIA
— CONCEITOS NATURISTAS
— SER VEGETARIANO
ETC.

Todos os pedidos devem ser dirigidos a esta administração: RUA ANTERO DE QUENTAL, 35, 1.º, DT.º (ao Intendente) — TELEFONE 55 64 98

Assinatura Anual, 65$00; Semestral, 35$00; Estrangeiro e Ultramar, 80$00. Número avulso, 7$50

SE ADQUIRIR UM NÚMERO A TÍTULO DE EXPERIÊNCIA FICARÁ LOGO NOSSO ASSINANTE

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Em Lisboa — Turno C
ALVALADE — Sanex, Av da Igreja, 3-C (776905) • Aeroporto Av Gago Coutinho, 101-D (á Av D. Rodrigo da Cunha) (722384) • Rio de Janeiro, Av Rio de Janeiro, 4-C (á Av Estados Unidos da América) — (721409).
ALCÂNTARA — Vieira Rosa, Rua Prior do Crato, 74 (660182).
ALMIRANTE REIS — Castro, Av Almirante Reis, 76-A (44373)
ALTO DO PINA — Ibéria, R. Barão de Sabrosa, 235-A (á Alameda) (728277).
AVENIDAS NOVAS — Campo Pequeno, Av. da Republica, 58-D-E (771661) • Figueiras, Av. Marquês de Tomar, 20 (44995) • Cruz Nunes, Pr. Duque de Saldanha, 14 (41845) • Novais, Av. Luís Bivar, 11-13 (44324).
ARCO DO CEGO — São Jorge, Av Rovisco Pais, 52-A-B (534027)
AREEIRO — Algarve, Av de Roma, 7-B (777478).
ARROIOS — Bastos, Rua Morais Soares, 91-F (844350).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R. 27, n.º 41 (311210)
BAIXA — Silva Carvalho, R. dos Fanqueiros, 126 (326575).
BELÉM — Bom Sucesso, R. Bartolomeu Dias, 63-A (611454).
BENFICA — Santa Cruz, Av. Gomes Pereira, 34-A (704828) • Vitex, Est de Benfica, 373-B (780548) • J. Ribeiro, Estrada da Luz 199-A (780969).
CAMÕES — Sanitas, Pr. Luís de Camões, 24 (322798).
CAMPO DE OURIQUE — Pinheiro, R. de Campo de Ourique, 131-133 (686640) • Elma, Rua D. Maria Pia, 358-A (686176) • Urbano, de Freitas, Rua Silva Carvalho 1-9 (662838)
CAMPO DE SANTANA — Silmar, R. de S. Lázaro, 128 (42829).
ENTRECAMPOS — São Miguel, Pr. Francisco de Morais, 1 (771469)
ESTRELA E LAPA — Tagus, Praceta da R. Possidónio da Silva, 62-A (669485) • Mota Capitão, Rua de São Félix, 45-A (660720)
CAMPO GRANDE — Cabrita, C. Grande, 220-222 (772397).
CHARNECA — São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 — Galinheiras (790969)
CAMPOLIDE — Júdice de Oliveira, R. de Campolide, 54-A (684424)
GRAÇA — Silva, Calçada de St.º André, 6 (862074) • Branquinho, Rua dos Sapadores, 87 (842725).
ESTEFÂNIA — Pancada, R. Rebelo da Silva, 9 (43340).
JANELAS VERDES — Reis Garrido, R. das Jan. Verdes, 90 (662327)
LUMIAR — Central do Lumiar, R. do Lumiar, 17 (790480)
MARQUÊS DE POMBAL — Liberal Av da Liberdade, 219 (43641)
OLIVAIS — Central dos Olivais, Rua Alferes Barrilaro, Ruas 7-C Olivais-Norte (315539) • Antunes Rosas, R. C 1 para a Praça Cidade do Luso, Olivais-Sul (313610)
PICHELEIRA — Luzmar, R. João do Nascimento Costa, 16-A (728395-720703).
RATO — Vicente de Jesus, Largo do Rato, 3-C-D (681947).
REGO — Laranjeiras, R. Filipe da Mata, 60-162 (761035).
RESTELO — Belém, R. Tristão Vaz 10-A (á Encosta do Restelo) (612248)
SANTO AMARO — Gomes, Sucs., R. da Junqueira, 326 (638193). • Costa, R. dos Lusíadas, 32 (636704) • Dilena, R. Aliança Operária, 49-A-B (636620).
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Conceição, Calç. D. Gastão, 30-32 (381279).
S. BENTO — Fenix, R. da Cruz dos Poiais, 52 (678531).

Linha de Cascais
ALGÉS — Branco — Av. Comb. da Guerra, 29 (Tel 212081).
CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva, Avenida Patrão Lopes, 4 (2432089).
OEIRAS — Central — R. João Teixeira Simões, 18 (Tel. 2430058).
PAREDE — Alsir — Av. Gago Coutinho — B. das Caixas de Previdência (Tel. 2472948).
ESTORIL — S. João — S. João do Estoril (Tel 261186).
MONTE ESTORIL — Lopes — R. Haufor, (Tel. 260008).
CASCAIS — Misericórdia — Rua do Regimento 19, 4) (Telefone 280141). Cascais — R. Conde de Monte Real — Bairro Caixas (Tel. 282407)

Linha de Sintra
AMADORA — Cavaco — R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019); Fleming — R. Elias Garcia, 78-B (Tel 932485); Confiança — Av.ª D. Nuno Álvares Pereira 5-A (Tel. 938149)
DAMAIA — Damaia — P. Alexandre Gusmão, 9-A (T. 970523)
QUELUZ — Correia, L. do Mercado, 3 (950905) • «Zélia», R. da Republica, 83 (950048)
CACÉM — Central — R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940084).
MEM MARTINS — Quimia — Est. Mem Martins 285 (Tel. 2990012).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel. 980456
SINTRA — Simões, R. Heliodoro Salgado 16 (980832
VENDA NOVA — Nova — Rua Elias Garcia, 10 (Tel. 933920).
COLARES — Abreu (299088)

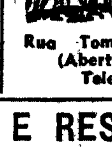
Outra Banda
ALCOCHETE — Nunes — L. Coronel Ramos da Costa 10 (Tel. 234 37)
ALHOS VEDROS — Portugal — Av.ª da Bela Rosa, 8 (Tel 224250).
ALMADA — Algarve, R. Fernão Lopes, (270271)
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima — Estrada Nacional, 221-B (Tel. 224141)
BARREIRO — Avenida, Av.ª Alfredo da Silva, 88 (2273212)
COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 270121)
MOITA — União Moitense — Av.ª Dr Teófilo Braga (Tel 239025).
MONTIJO — Moderna, Rua Bulhão Pato 60 (230156)
SESIMBRA — Leão — Av.ª Salazar (Tel. 229471)
SETUBAL — Normal do Sul, Praça do Bocage (22216)
SEIXAL — Soromenho — R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 22 8560)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones
ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas 861358 • Companhias Reunidas, 537011 • Gazcidla 538821 • Gazcidla idem e feriados, 382069
BOMBEIROS — Sapadores, 322222 • Voluntários, 538524.
POLICIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 • Segurança Publica, 866141 • Judiciária, 535380 • Marítima, 326456 • Internacional, 362721 • Viação e Trânsito, 42205 • G.N.R. (área rural), 36865
SAÚDE — Cruz Vermelha, 865348 • Enfermagem permanente, 766161 • Enfermagem de urgência, 43738 • Hospital de Santa Maria, 775171 • Hospital de S. José, 860131 • Sangue, exigénio e soros, 771168 • 771169 • Transfusões, soros e exigénio, 538524 • Centro de Intoxicações (informativo), 767777, 761176 e 763456.

BOM APETITE

NOVO RESTAURANTE
SALÃO DE CHÁ
NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA - SETUBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZIVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ


VIRIATO
RESTAURANTE
CERVEJARIA
SNACK-BAR
COZINHA PORTUGUESA
Rua Tomás Ribeiro, 55-57
(Aberto até ás 2 h.)
Telefone 530759

CHOUPAL
CERVEJARIA E RESTAURANTE
SERVIÇO REQUINTADO
AMBIENTE SOSSEGADO
AR CONDICIONADO, MUSICA GRAVADA
ABERTO ATÉ ÀS 3.30 DA MADRUGADA
RUA DO SALITRE 9 (junto ao Parque Mayer)
Telef 42963

POPFADO
Encerrado aos domingos
UM RESTAURANTE EM QUE SE OFERECE QUALIDADE
BAR-BOITE
(M. 17 anos)
A PARTIR DAS 23 HORAS
COM O CONJUNTO DE HELDER REIS
Rua Ferreira Lapa, 38-D
(à Av. Duque de Loulé)

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

Diário de Lisboa
DL
Propriedade da Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

TEATRO FOI O TEMA VERSADO NA REUNIÃO DO ROTARY CLUBE DE LISBOA

Realizou-se hoje a habitual sessão do Rotary Clube de Lisboa, presidida pelo sr. dr. Angelo de Almeida Ribeiro, a qual reuniu numerosos sócios e convidados. Dirigiu o protocolo o sr. Eric Leça Rasmussen e leu o expediente o sr. prof. Erasmo Chaves.

Foi palestrante o conhecido actor e dramaturgo dr. Costa Ferreira, que o presidente apresentou em termos de grande elogio, assinalando o facto de terem sido condiscípulos na Faculdade de Direito de Lisboa e colegas na advocacia, antes de aquele passar a dedicar-se à grande paixão da sua vida, que sempre foi o Teatro.

O orador da sessão abordou o tema «Teatro e a compreensão humana», dizendo que «no prazer de comunicar entre seres humanos, para além dos contactos impostos pela vida, podemos sempre descobrir três momentos de duração variável, mas sempre distintos uns dos outros, definidos e definíveis no seu significado, valoráveis no seu conteúdo. O primeiro, a que podemos chamar o tempo do acontecimento, alarme deflagrador de atenção, no qual desde logo se marcam as funções de actor e de espectador, ou seja o deflagrante próximo do acontecimento, portador da acção transformativa, objecto actual da atenção e o observador atento, crítico consciente e, finalmente, donatário do valor ideológico, emocional e social da acção humana a que o acontecimento vai dar origem. O segundo, a transformação do acontecimento em consequências humanas — psicológicas, sociais, filosóficas e políticas. O terceiro, a aceitação ou a recusa das consequências do acontecimento; adesão ou rejeição das afirmações a que se chegou; modificação do espectador pela assinalação, ou revelação, do seu autêntico estado cultural e emocional pela recusa da transformação. A importância relativa de cada um destes momentos varia no fenómeno da comunicação consoante o ambiente histórico em que se pretende realizá-lo. Assim, numa sociedade de fraca consciência social e cívica, o acontecimento deflagrador da atenção que desvie da autocontemplação os indivíduos egoístas, dessacralizados, alienados, pode, e deve, revestir a força do choque instintivo dos festivais dionisíacos das origens do teatro, ou dos «chappenings» modernos das sociedades técnicas, despolitizadas de hoje. O segundo momento, o da acção dramática, virá ao primeiro plano nas sociedades emotivas, idealistas, românticas, como as de ontem. O terceiro, ou seja o da consciencialização da alegria despreconcebida de viver, da comunicação humana deliberada como necessidade primária da vida, será o grande momento teatral da sociedade de amanhã. Se forças estranhas a este fenómeno, sectàriamente interessadas, portanto intelectualmente desonestas, perturbarem o normal funcionamento destes três momentos, falsificam-se os valores, e acaba por se destruir o teatro (ponto n.º 1 da comunicação humana), que agonizante dá ainda testemunho do fim de uma sociedade onde a solidariedade se transformou em coexistência forçada.»

O orador foi muito aplaudido pela numerosa assistência, e o sr. dr. Almeida Ribeiro, ao agradecer-lhe, dirigiu uma saudação especial ao actor e empresário Igrejas Caeiro, que se encontrava presente, felicitando-o pela próxima inauguração do seu Teatro Maria Matos.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava geralmente muito nublado e o vento era fraco e caíam aguaceiros em alguns locais.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE máxima: Tavira, 22°,5; mínima: Penhas da Saúde, 3°.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Coimbra, 14°; Faro, 17°; Funchal, 20°; Lisboa, 17°; Penhas Douradas, 6°; Portalegre, 12°; Porto, 15°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL—Na atmosfera: 18°; na água do mar: 17°.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado; vento fraco a moderado de Sudoeste; períodos de chuva ou aguaceiros, em especial nas regiões do Norte e Centro.

Amanhã:
Nascer ás 7 e 46
Ocaso ás 19

Dia 18 Dia 25 Dia 2 Dia 9

MARÉS:

PREIA-MAR: Dia 14 — 5 e 36 (4,1 m); 17 e 58 (4,0 m). Dia 15 — 6 e 14 (4,0 m); 18 e 40 (3,8 m). Dia 16 — 6 e 58 (3,8 m); 19 e 30 (3,6 m). BAIXA-MAR: Dia 14 — 11 e 31 (0,9 m); 23 e 50 (1,0 m). Dia 15 — 12 e 12 (1,1 m). Dia 16 — 0 e 28 (1,2 m); 13 (1,3 m).

Este casal pode vir aumentar o número dos alemães que se casaram por terem sido escolhidos por um computador. O ano passado, os encontros propostos pela «máquina da felicidade» proporcionaram 2000 casamentos. Não foi mau

PREJUÍZO GRANDE PARA O MESTRE DA «MOTORA» QUE ENCALHOU

O encalhe da lancha «Luísa Paula» no areal de Algés, quase junto á linha férrea, constituíu grande prejuízo para o seu mestre e proprietário sr. Aníbal Nunes Pereira, morador na Rua da Verónica, em Lisboa.

A embarcação, registada na praça de Cascais e tendo como tripulação os pescadores Carlos eVntura e Fernando Fragoso, fundeara ao largo daquela zona devido a avaria na máquina, mas garrou por se ter partido a amarra no fundeadouro, encalhando naquele local e rasgando o casco.

A água que então invadiu o porão quase submergiu a motora e a corrente levou todo o pescado conseguido, no valor de 1800 escudos, bem como roupas e outros pertences da tripulação.

Durante o dia um barco-guindaste vai tentar safar a «Luísa Paula», depois das tentativas em vão da traineira «Raul Silva», de Setubal e da lancha «Cinco Primas».

A motora, avaliada em cerca de 150 contos, não está no seguro.

«UM FURACÃO DESABOU SOBRE A IGREJA»

—escreve o cardeal Garrone

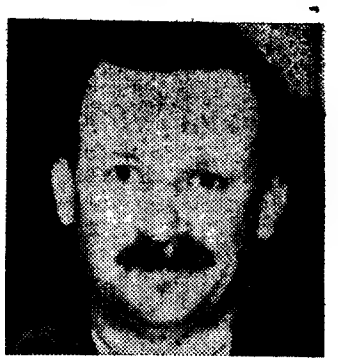
VATICANO, 14 — (F. P.) — «Um furacão desabou sobre a Igreja, depois do Concílio. A euforia inicial já passou», escreveu ontem no «Osservatore Romano» o cardeal francês Gabriel-Marie Garrone, prefeito da Congregação da Educação Católica.

«A autoridade do Pontífice, duramente contestada por modos até hoje desconhecidos, bem como documentos de extrema gravidade que foram postos á discussão pública», são factos angustiosos para aquele prelado, que denuncia a «profusão das ideias, das teorias e das doutrinas no meio das quais o fiel dificilmente consegue manter o equilíbrio».

Entretanto, os trabalhos do segundo dia do Sínodo Episcopal começaram hoje, ás 9 horas. Deviam a palavra durante a manhã uns 19 padres que iriam falar do aspecto doutrinal da colegialidade que ontem foi objecto de um relatório introductivo do cardeal jugoslavo Franjo Seper.

GERÊNCIA DA SOPONATA

O comandante João Sales Henriques, administrador da Companhia Nacional de Navegação, deixou, a seu pedido, a gerência da Soponata, cargo que passou a ser desempenhado pelo sr. Rui Maurício Correia Henriques (Seisal).



ONGANIA, cujo regime é posto em causa pelos sindicatos

CAMPANHA CONTRA O GOVERNO NA ARGENTINA

BUENOS AIRES, 14 — (R.) — Facções dissidentes da Confederação Geral do Trabalho da Argentina anunciaram uma campanha militante contra o Governo e pediram uma greve de 38 horas a realizar ainda este mês.

Os dissidentes afirmaram num comunicado emitido anteontem, após uma conferência no fim da semana na cidade industrial de Córdoba, que a campanha contra o Governo, apoiada pelos militares, do presidente Juan Carlos Ongania continuaria até os operários e o povo se tornarem o Governo».

ALVES REDOL

Está no Hospital de Santa Maria, por ter sido acometido de aguda crise hepática, o escritor Alves Redol, figura marcante na moderna literatura. Desejamos-lhe prontas melhoras.

O embaixador da Venezuela apresentou as suas credenciais

O sr. Presidente da República recebeu, esta manhã, em audiência solene, no Palácio Nacional de Belém, o sr. Nicolas Parasso, que foi fazer-lhe entrega das cartas pelas quais fica acreditado como embaixador extraordinário e plenipotenciário da Venezuela em Portugal.

A cerimónia decorreu na sala Luiz XV, onde o sr. almirante Américo Thomás se encontrava com os srs. dr. Ruy D'Espinay Patrício, subsecretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e embaixador José Luís Archer, secretário-geral do respectivo Ministério, e, ainda, pelo dr. Luís Pereira Coutinho, secretário-geral da Presidência da República, e general Humberto Pais e mais componentes da Casa Militar do Chefe do Estado.

O Museu Gulbenkian abre amanhã ao público

O Museu Calouste Gulbenkian abre amanhã as suas portas ao público. Será o seguinte o seu horário: ás terças, quintas e domingos, das 10 ás 17 horas; ás quartas e sábados, das 14 ás 20.

O preço de entrada foi fixado em cinco escudos, excepto aos sábados e domingos, em que a entrada é gratuita.

Por outro lado, a entrada será livre, em todos os dias, para grupos de estudantes de qualquer grau de ensino, desde que acompanhados por professores; e também em todos os dias para os estudantes, a partir do 5.º ano do liceu ou equivalente, em visitas individuais, desde que devidamente identificados.

O encerramento semanal do museu será ás segundas-feiras.

INSTITUTO SUPERIOR DE LÍNGUAS E ADMINISTRAÇÃO
Sacramento à Lapa, 16 - Duque de Loulé, 126-1.º
República, 25-1.º Dto.

ESCOLA SUPERIOR DE TRADUTORES E INTÉRPRETES
ESCOLA SUPERIOR DE SECRETARIADO
ESCOLA SUPERIOR DE ORGANIZAÇÃO CIENTÍFICA DO TRABALHO
ESCOLA PORTUGUESA DE TURISMO

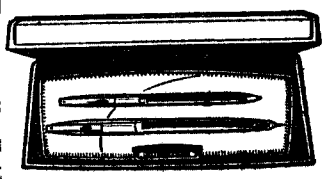
INGLÊS - FRANCÊS - ALEMÃO
para todos e a todos os níveis a começar em Outubro

Folhetos e informações nas três secretarias e pelos telefones:
676396 - 673766 - 539641 - 533318

Um presente inesquecível

Só a Sheaffer poderia fabricar uma caneta de tão superior qualidade. O aparo em ouro de 14 quilates é embutido a fim de aumentar a sua beleza e resistência. A tampa hermèticamente fechada conserva o aparo molhado, pronto a escrever imediatamente. O clip, munido de uma mola interior, evita que a caneta se perca, pois ajusta-se com firmeza a qualquer tecido. A primeira vez que fizer a sua assinatura com uma caneta Sheaffer, ficará convencido da sua inigualável superioridade.

SHEAFFER



AGENTES EXCLUSIVOS
AZEVEDO & DUARTE, LDA.
RUA DO CRUCIFIXO, 76-1.º — LISBOA-2
DEPOSITÁRIO NO PORTO: ELIO AMORIM

O dr. Henrique Barrilaro Ruas no uso da palavra, durante a primeira sessão de propaganda da C. E. M.

Iremos até ao fim iremos às urnas

—afirmou no Vasco Santana um candidato da C. E. M.

«Não somos oposição, somos afirmação; não vimos destruir, queremos construir. Camaradas e amigos: Viva Portugal!

Foi com estas palavras que o sr. dr. Manuel Bettencourt Galvão terminou o breve discurso de abertura da primeira sessão de propaganda dos candidatos da Comissão Eleitoral Monárquica de Lisboa, ontem á noite realizada no Teatro Vasco Santana, com a presença de algumas centenas de pessoas. Ao tomar a presidência da mesa, o dr. Bettencourt Galvão aludiu aos *«soldados que defendem as fronteiras portuguesas que recebemos como herança inalienável e que nos cumpre transmitir aos vindouros»* e, sobre a C. E. M., afirmou: *«Estamos isolados no campo da luta: de um lado, a democracia organica, do outro, outras democracias»*.

O primeiro orador, o candidato dr. Henrique Barrilado Ruas, situou a candidatura proposta pela C. E. M. e acentuou a independência de todos os candidatos, ao mesmo tempo que teceu considerações sobre a situação dos monárquicos na sociedade portuguesa: *«Não vimos carregados ou sobrecarregados de um passado histórico (...) A tradição monárquica só é legítima se for viva (...) Somos independentes porque procuramos pensar serenamente a Pátria, sem preconceitos ideológicos (...) Nós restituímos ao ser monárquico o sentido pleno da liberdade: ser livre e independente não é ser contra este ou contra aquele»*.

O dr. Henrique Barrilano Ruas debruçou-se ainda sobre o conceito de Pátria e, referindo-se ao momento actual, afirmou: *«A Pátria está desfeita, entre outras razões pelo equívoco feito á volta da palavra que perdeu o conteudo e a que é preciso restituir a dignidade perdida»*.

QUATRO MÃOS DE QUATRO CORES

Foram sublinhadas por muitos aplausos as primeiras palavras do orador seguinte, o candidato dr. Fernando Sylvan *(«Trago comigo a experiência de um homem de cinquenta anos que viveu mais de quarenta convosco na semiprisão do meu País»)* que serviram de ponto de partida e, em alguns casos, de «leit-motiv» para novas considerações sobre o conceito de Pátria e a necessidade de *«meditar sobre a Pátria»*. Também Fernando Sylvan se referiu ao actual momento político e, sobre cartazes de propaganda afixados em Lisboa, afirmou: *«Tenho visto cartazes espalhados aos milhares pela cidade e nos quais aparecem quatro mãos de quatro cores. Mas como é possível que, em 1969, para assinalar homens, se distingam ainda as cores?»*

Continuou: *«Esperamos que a data da publicação desse cartaz seja assinalada como o fim dessa época»*.

(Continua na ultima página)

MESA REDONDA

especial eleições

EM TORNO DO ENSINO DE BASE

VITORINO MAGALHÃES GODINHO

O espírito que tem informado os ensinos primário e secundário está bem explícito na alínea 5 das Observações da disciplina de Moral e Religião do ciclo complementar da instrução primária: «Não esqueçam que a verdadeira e sólida formação moral e religiosa dos alunos terá de fazer-se a propósito de todas as disciplinas, e não apenas nos tempos destinados à aula de Religião. Procurem, por isso, impregnar de espírito religioso todas as matérias escolares, de tal modo que a Religião seja o fundamento e a coroação de todo o esforço educativo.» Não está o princípio tão claramente enunciado nos programas do ciclo elementar, mas não oferece dúvida de que é ele que nos norteia: basta ler, nas Observações à mesma disciplina: «Para a formação espiritual converge todo o esforço de quantos educam a criança, bem como todas as actividades escolares e mesmo circum-escolares.» Pois a sequência mostra inequivocamente que por formação espiritual se entende a «vida cristã integral», e é até como mero florescimento desta que é apresentada a vida cívica. Quanto ao ciclo preparatório do Ensino Secundário, a alínea *f)* do parágrafo *Métodos e normas didácticas* também da mesma disciplina prescreve: «O professor enquadrará o seu ensino, tanto quanto possível, nos planos de coordenação adoptados na escola, de modo a fazer incidir a luz da Fé e as lições de Moral sobre a formação obtida nas outras disciplinas. Por outro lado, procure também servir do ensino ministrado nestas disciplinas para esclarecer e confirmar as verdades de carácter religioso.» A tal ponto o ensino inteiro é subordinado a essa perspectiva, que na 6.ª classe do ciclo com-

(Continua na pág. 10)

A mesa que presidiu á sessão da C. E. U. D. realizada no Porto

Temos de conseguir uma política para já e não só para o futuro

—afirmou-se na sessão de propaganda da C. E. U. D. do Porto

A sessão de propaganda eleitoral da Comissão Eleitoral de Unidade Democrática realizada ontem á noite no Teatro Constantino Nery, em Matosinhos, foi presidida pelo sr. Adelino Casebre que tinha a ladeá-lo a sr.ª D. Sophia de Mello Breyner Andressen e o coronel Hélder Ribeiro. No palco, sentaram-se ainda alguns dos candidatos propostos por aquela comissão e, ainda, os srs. drs. António Macedo, da comissão executiva; Vilhena de Andrade e Luís Caseiro.

Falou em primeiro lugar o sr. dr. António Macedo que depois de saudar o povo de Matosinhos denunciou a sua tristeza por ver aquela sala tão mal guarnecida de público, o que o

(Continua na 11.ª pág.)

Encontro Nacional da Oposição em Coimbra

COIMBRA, 14 — Na sede da Comissão Democrática eleitoral de Coimbra, á Avenida Fernão de Magalhães, reuniram-se, ontem á tarde, os delegados de quase todas as comissões eleitorais oposicionistas do País, para apreciarem alguns aspectos de carácter jurídico relacionados com a presente campanha.

Presidiu á reunião o candidato por Coimbra, prof. dr. Orlando de Carvalho. A todos os delegados havia sido fornecido um projecto de tomada de posição das Comissões Democráticas, sobre problemas jurídicos, designadamente sobre o problema da censura e da fiscalização do acto eleitoral, documento esse elaborado pela C. D. E. de Coimbra.

Assim, cada delegado fez a sua crítica e apresentou sugestões ao referido documento.

Finalmente, foi confiada á Comissão Democrática de Coimbra, o encargo de elaborar o texto definitivo da exposição a enviar ao Governo.

O dr. Armando Bacelar, da C. D. E. do Porto, apresentou também uma proposta no sentido de que todas as comissões presentes se solidarizem com as disposições tomadas e a tomar pelos candidatos de Coimbra.

Esta proposta foi aprovada por unanimidade.

Que pensa da actual Lei Eleitoral?

Mesa-redonda em que tomaram parte José Magalhães Godinho, José Vasconcelos Abreu e Manuel Jorge de Magalhães e Silva.

(LER NA PÁGINA CENTRAL)

espelho da imprensa

Politizar sempre

Recortados sobre fundo de uma sociedade em crise, os movimentos oposicionistas procuram nitidamente — para além dos objectivos imediatos da campanha — dinamizar as massas populacionais, de há muito totalmente divorciadas da política, que é o mesmo que dizer, da vontade de actuar sobre o seu futuro.

O mesmo tem afirmado, uma ou outra vez, o Regime, quer pela boca de algum governante quer por via de declarações públicas de responsáveis pela organização de tipo político que o representa.

Na procura deste objectivo pareceria, portanto, convergirem as actuações de tão diferenciados sectores políticos. Acontece, porém, que politizar o Povo é uma atitude de carácter vincadamente democrático, afastando-se, em consequência, da linha de interesses geralmente seguida por organizações de tipo aristocrático. Aliás a história das sociedades é disso irrefutável prova. Através dos tempos, os movimentos de democratização assentaram sempre nas massas populares, nelas mergulhando as raízes e delas auferindo a força necessária para suportar os embates dos adversários.

Analisando a abundante documentação saída desta campanha eleitoral não pode a ninguém ficar dúvidas sobre de que lado está o desejo real de politizar.

Lembremo-nos que o processo politizante exige diálogo aberto, exige encontro, exige liberdade. O resto virá por acréscimo. Portanto, o que é necessário, o que é imperioso, é politizar, politizar sempre, agora e amanhã.

(Mário Alexandre, «República» 11-10-69)

A palavra de ordem

«A Oposição vai alegar, com certeza, que, ao pronunciar-se sobre o problema ultramarino, na cerimónia de transmissão de poderes no Ministério dos Negócios Estrangeiros, o sr. Prof. Marcello Caetano estava a fazer propaganda eleitoral. Por vontade da Oposição, a máquina do Estado deveria parar durante este período de eleições, pois tudo quanto o Governo fizer desde a mais simples inauguração, às alterações dos quadros públicos, tudo proporcionará aos senhores oposicionistas ocasiões oportunidades para erguer o dedo e acusar: vejam como o Governo está a fazer propaganda eleitoral! Se algum dos membros do Governo, no exercício das suas funções, define o rumo desde sempre seguido pela política governamental, neste ou naquele sector, também se encontrará a fazer propaganda eleitoral! (...) Estas palavras (as do Presidente do Conselho) não constituem um apelo, mas uma ordem. Não se traduzem numa opção; representam uma certeza; uma certeza que vive funda no coração de todos os portugueses verdadeiros, que nunca conheceram o significado das palavras traição, abandono, entreguismo.»

(*«A Voz», 9-10-69*)

«Perfeita ortodoxia constitucional»

1. No actual sistema constitucional português o primeiro ministro desempenha um papel primordial na condução dos negócios nacionais, imprimindo a gestão deles a marca da sua personalidade, da sua formação e concepção políticas e do seu estilo particular de governar — de tal modo que, nos quadros e limites da Constituição, e sem a atraiçoar, se pode orientar a governação em termos que perfeitamente individualizem uma chefia. Não é, assim, de surpreender que o estadista que o sr. Presidente da República veio a designar para suceder ao Doutor Salazar como chefe do Governo tenha dado á condução de tais negócios, com perfeita ortodoxia constitucional, uma orientação de características suficientemente vincadas para dela se poder falar como de algo novo na história do Regime instituido pela Constituição Política de 1933.

Não quero aludir, simplesmente, a um novo dinamismo, a um novo entusiasmo, a uma nova mística, a uma nova fé, patentes na equipa governativa orientada e dirigida pelo Doutor Marcello Caetano — que se repercutem nos vários escalões da administração e fazem que esta se tenha tornado simultâneamente mais humana e mais empreendedora.

Quero referir-me também á «abertura» e á «liberalização» que Marcello Caetano iniciou na vida do Regime, a contrastar com as disciplinas e limitações julgadas até há um ano atrás, indipensáveis a uma pacífica, ordenada e progressiva marcha dos negócios públicos e que eram aliás coerentes com a própria personalidade e modo de ser do Doutor Oliveira Salazar — um homem cujos méritos não são para ser medidos pelos padrões actuais e dominantes e requerem do julgamento um profundo e afinado sentido da história e uma especial sensibilidade dos valores políticos.

(...)

2. Tendo tido até hoje uma discreta actuação política, encontro-me entretanto suficientemente «comprometido» para se poder esperar que vote em lista diferente da que é submetida a sufgrágio, no círculo onde resido, pela União Nacional.

Com isto não pretendo significar, nem que esteja de acordo com toda a obra do Regime nem que repudie todos os pontos dos programas das Oposições — até porque não há notícia de alguma vez se ter apresentado aos eleitores um programa político que, tomado á letra e sem referência á sua génese contexto e implicações, nada tenha de sedutor e não mereça parcialmente aplauso. Todos os programas têm bom e têm mau. Não é, porém, pelo seu melhor lado que podem ser apreciados e valorizados; é pelos seus aspectos negativos, pelo que têm de explícita ou implícitamente (tantas vezes só implicitamente) reprovável, que haveremos de os avaliar e julgar.

Ora, postas as coisas neste pé, não pode, desde logo, deixar de me impressionar o facto da própria unidade sem restrições ou discriminações com que as Oposições se apresentam no círculo onde resido e na maioria dos restantes. Essa unidade representa qualquer coisa de muito anómalo, quando comparada com o que se passa, no plano eleitoral e da ordinária vida política, na generalidade dos países do Ocidente e até, neste momento, em dois ou três outros círculos do nosso País. Essa unidade chegaria para me levar a negar á sua lista o meu voto. Há alianças que comprometem...»

(De um depoimento do prof. Afonso Queirós, director da Faculdade de Direito de Coimbra, na «Tribuna livre» do «Diário Popular», 11-10-969.)

ASSIM VAMOS NÓS

Esclarecer o eleitorado

Numa das sessões de esclarecimento do eleitorado efectuada pela União Nacional — precisamente a de anteontem na Nazaré — o dr. Amilcar de Magalhães, depois de se referir ao assalto ao barco «Santa Maria» cujo nome os ocupantes mudaram para «Santa Liberdade», continuou:

«Não será esta a liberdade e a democracia que pretendem implantar entre nós? Nestas circuntâncias, quais deles nos garantem que se alcançassem o poder o povo desta terra não viesse a andar um dia com o templo da Senhora da Nazaré transformado em clube literário e exibindo em parangonas o nome pomposo «Senhora da Democracia»?

Ambiente

Em Lisboa, como em todo o País, as eleições para deputados têm despertado verdadeiro interesse. Interesse interior, que resulta das esperanças ou curiosidade dos cidadãos.

Mas o ambiente da cidade é o de sempre. Não ha, exteriormente, sinais de agitação ou propaganda. Lisboa parece viver dias vulgares. O sol ilumina a «cidade de mármore e granito», calmamente debruçada sobre o Tejo.

Como vai sendo hábito.

A autodeterminação não implica o regresso dos brancos

—foi afirmado numa sessão da C. D. E. em Vila Franca de Xira

VILA FRANCA DE XIRA, 14—Realizou-se anteontem na Quinta do Palyard, nos arredores desta vila, a primeira sessão de propaganda promovida pela C. D. E. neste concelho.

A mesa era presidida pela candidata D. Rosalina Pinho, ladeada pelos candidatos D. Glória Marreiros, José Tengarrinha e Francisco Pereira de Moura.

Usou primeiramente da palavra D. Glória Marreiros, que falou sobre a guerra, criticando a política governamental, que considerou contrária ao povo português, e expôs a posição da C. D. E. face ao problema, terminando por exigir o fim do conflito, na base de negociações com os representantes dos movimentos de libertação, explicando que a autodeterminação não implica o regresso da população branca.

Falou, seguidamente, o dr. Francisco Pereira de Moura, que se debruçou sobre a situação dos trabalhadores, desmascarando a política governamental, segundo a qual os aumentos de salários provocam necessáriamente aumentos de preços. Acrescentou que as empresas portuguesas beneficiam da maior margem de lucros da Europa. Focou também os planos de fomento, como instrumento de uma política que não resolve os interesses dos trabalhadores. A terminar disse que só com a participação dos trabalhadores nos negócios publicos Portugal poderá recuperar o atraso económico e social.

Para falar da «Situação política portuguesa», usou, depois da palavra o dr. José Tengarrinha, que fez uma breve análise do primeiro ano de Governo do prof. Marcello Caetano.

O dr. Tengarrinha terminou apelando para a luta pela instauração da Democracia em Portugal.

A ultima oradora foi a candidata D. Rosalina Pinho, que falou da situação da mulher em Portugal e do papel que ela pode desempenhar na libertação do povo português.

No final, as várias centenas de pessoas presentes cantaram de pé, o hino nacional.

Agenda das sessões de propaganda eleitoral

HOJE

DA OPOSIÇAO

BRAGA — Às 21 e 30, no Teatro Circo, da C. E. U. D. de Braga.

LISBOA — Às 21 horas, no Teatro Vasco Santana, da C. D. E. de Lisboa..

LISBOA — Às 21 horas, no Palácio Marquês da Fronteira, da C. D. E. de Lisboa.

LISBOA — Às 21 horas, no Centro Republicano José Estêvão, Alameda das Linhas de Torres, 232, da C. D. E. de Lisboa.

MATOSINHOS — Às 21 e 30, no Teatro Constantino Nery, da C. E. U. D. do Porto.

OLHÃO — Às 20 e 30, no Cinema-Teatro de Olhão, da C. D. E. de Faro.

RIBA DE AVE — Às 20 e 30, no Cine-Teatro, da C. E. D. de Braga.

RIO TINTO — Às 21 e 30, no Cine-Teatro Vitória, da C. D. E. do Porto.

VALADARES — Às 21 e 30, no Cine-Teatro Brazão, da C. E. U. D.

VALE DE CAMBRA — Às 21 e 15, no Cinema de Vale de Cambra, da C. D. E. de Aveiro.

DA U. N.

ABRANTES — No Cine-Teatro de Abrantes.

SETUBAL — No Cine-Teatro Setubalense.

AMANHÃ

DA OPOSIÇAO

FUNDÃO — Às 21 horas, no Cine-Teatro Gardunha, da Comissão de Oposição Democrática de Castelo Branco.

PÓVOA DE VARZIM — Às 21 e 30, no Cine-Teatro Garrett, da C. D. E. do Porto.

LISBOA — Às 21 e 30, no Centro Escolar Republicano Boto Machado, da C. D. E.

ODIVELAS — Às 21 horas, na delegação da C. D. E., no Largo da Memória, 2, 1.º, da C. D. E. de Lisboa.

OEIRAS — Às 21 horas, na Sociedade União Musical Escolar de Oeiras, da C. D. E. de Lisboa.

PERO PINHEIRO — Às 21 horas, na R. D. Afonso Henriques, 30, da C. D. E. de Lisboa.

SETÚBAL — Às 20 e 30, no Casino Setubalense, da C. D. E. de Setúbal.

Diário de um candidato

ARMANDO BACELAR

8/10 — Leio estas palavras num comunicado da União Nacional: «A expressão tradicional de «campanha eleitoral» é preciso que seja corrigida. É conceito antiquado e perturbador. Trata-se de «esclarecer o eleitorado». Isto é muito importante para a vida do País. Não se trata de proporcionar ao País e ao estrangeiro um espectáculo de «batalha», em que o menor mal seria o de se perder tempo com fantasias lúdicas.»

E não posso deixar de pensar que a U. N., quanto à primeira parte, teria até razão se o jogo normal, fora dos períodos eleitorais, das instituições que nos governam e da sua prática, fosse o da possibilidade efectiva da expressão de quaisquer opiniões e correntes de pensamento, de reunião e de associação. Claro que em todos os povos em que esses elementares direitos são reconhecidos, existem «campanhas eleitorais», isto é, períodos especiais em que a opção dos cidadãos em relação aos problemas é feita em função da escolha de programas ou de candidatos. Sòmente, aí, as posições são muito mais clarificadas, aquilo que, em Portugal, faz assumir características próprias aos períodos eleitorais é a precaridade e a falta de normalidade no exercício dos direitos humanos fora desses países.

Se o «esclarecimento do eleitorado» fosse, como devia ser possível, com carácter de permanência, não haveria as improvisações, a agressividade, os ressentimentos, a vazão dos recalcamentos acumulados, a expressão de fundas queixas que convergem para esses períodos como de válvula de escape.

Comprometa-se a U. N. a obter (se lhe for possível e não for antes, uma emanação do Poder do que o organismo orientador dele) a possibilidade de esclarecimento autêntico na pluralidade e na contraditoriedade plenas dos portugueses, para além desta «campanha», e logo se verá como as próximas campanhas já serão bem diferentes.

De resto, como pode pretender o esclarecimento e o diálogo quando rejeitou todos os convites que lhe foram dirigidos para o esclarecimento de debates públicos acerca de quaisquer problemas nacionais?

10/10 — Isto de se dizer que nós, em Portugal, somos «retaguarda», «frente interna», como leio numa colectânea de alocuções recém-publicada, não será a mais rotunda negação da liberdade que nos prometeram?

Oficialmente, nós não estamos em guerra. Os acontecimentos de Angola, Guiné e Moçambique seriam puros incidentes de fronteira, operações de policiamento, incursões isoladas, fomentadas por uma conjura exterior.

Mas, se assim for, para que insistir em qualificar-nos de «retaguarda» e «frente interna»? Estas expressões, de cariz militar e só próprias do estado de guerra, destinam-se evidentemente a sufocar liberdades, a impedir a expressão livre de opiniões e a troca de pontos de vista, a criar suspeitas relativamente a qualquer desvio de uma posição monolítica, inteiramente coincidente com a oficial.

Outro núcleo de de ideias entorpecedoras, traços característicos de um pensamento tradicional das direitas — segundo a lúcida análise de Simone de Beauvoir —, é também sustentado na mesma colectânea de que todos os acontecimentos do imobilismo, todas as contrariedades ou insucessos de monta são o produto de conspirações, conjuras ou cabalas urdidas por aqueles a quem se pode chamar, segundo o gosto de cada um, os «traidores à Pátria», os «serventuários a soldo do estrangeiro», os «elementos subversivos», etc.

Podemos considerar estes bodes expiatórios, que têm a nobre função de abcessos de fixação para as dores das populações derivadas dos insucessos dos governantes e de justificação para tantos fracassos políticos oficiais, numa expressão genérica. Eles são os «inimigos do serviço», que apenas variam de nome e conteúdo com cada período histórico.

A História de Portugal, desde a fundação da nacionalidade, é particularmente rica a tal respeito. Tivemos sempre o nosso inimigo de serviço, de sentinela às instituições e a permitir aos nossos expoentes canalizarem para ele as iras populares. No tempo dos afonsinos, o inimigo de serviço era o mouro. Depois, quando já não havia mouros, passou a ser o judeu, o cristão-novo, contra o qual se organizaram matanças e se acenderam as fogueiras da Inquisição.

Extinta esta santa instituição, entraram de serviço os «malhados», os «pedreiros-livres». Sucederam-lhes os maçónicos, nos fins do século XIX e princípios deste. E o facho passou depois para os «comunistas» e os «estrangeiros de dentro». Enfim, trata-se do «inimigo hereditário», jocosa expressão de Ignazio Silone, nas páginas ainda hoje tão vivas do seu «Fontamara».

ACTUALIDADE ELEITORAL

SESSÃO OPOSICIONISTA EM ILHAVO — No próximo sábado, pelas 21 e 30, deve realizar-se no Cine-Atlantico de Ilhavo, uma sessão de propaganda dos candidatos da C. D. E. de Aveiro. Usarão da palavra, entre outros, os candidatos da Oposição, srs. drs. Alvaro Seiça Neves, Carlos Candal e Almor Viegas.

A U. N. EM BRAGANÇA — A comissão eleitoral de apoio aos candidatos da União Nacional pelo círculo de Bragança, promove hoje, pelas 17 horas, na sede da U. N. daquela cidade, uma conferência de Imprensa, para a qual convidou os órgãos da Informação do País.

SESSÃO OPOSICIONISTA NO FUNDÃO — Amanhã, pelas 21 horas, efectua-se no Cine-Teatro Gardunha, no Fundão, uma sessão de propaganda eleitoral da Oposição Democrática. Preside o sr. dr. Alfredo Gil e são oradores os srs. António Paulouro, padre António Morão e os candidatos pelo círculo de Castelo Branco, srs. José Rabaça, drs. António Alçada Baptista, Domingos Megre e Manuel Vieira. Os bilhetes podem ser requisitados na sede da comissão democrática, no prédio «Etra», Avenida Salazar, 1.º andar, no Fundão.

OPOSIÇÃO EM FAFE — No próximo dia 16 efectua-se uma sessão de propaganda eleitoral da C. D. E. de Braga, de apoio aos candidatos da lista D. A sessão terá lugar no Teatro-Cinema de Fafe, com início ás 21 horas. Serão oradores os candidatos srs. dr. Santos Simões, D. Margarida Malvar, Eduardo Ribeiro, dr. Lino Lima, dr. José Sampaio e dr. Marinho Dias.

A NOTÍCIA DO ANO !

BREVEMENTE VÃO ABRIR AS 5 PRIMEIRAS lojas Lanidor

Um sensacional empreendimento em Portugal! Directamente de suas fábricas, as lojas **Lanidor** venderão fios de tricotar, malhas, novidades e pronto a vestir para homem e senhora.
Modelos em rigoroso exclusivo!
ALTA QUALIDADE A PREÇOS DE FABRICANTE
Novidade!
Todos os artigos à venda nas lojas **Lanidor** têm uma garantia de qualidade concedida através do controle feito em laboratório próprio. Sistema único no país.
Lanidor — Self-service um verdadeiro acontecimento no dia-a-dia do público português!

LISBOA: R. DA PRATA, 268 a 272
R. SARAIVA DE CARVALHO, 171 — R. TOMAZ DA ANUNCIAÇÃO, 1-A
AMADORA: R. ELIAS GARCIA, 366-B
ALMADA: R. DA OLIVENÇA, 4-A, 4-B

Fixe, peça, use, Fios, Malhas, Confecções
Lanidor
...qualidade peça por peça
1-1/69

A bacia do Mondego continua sem obras de aproveitamento hidroagrícola

— afirmou um candidato da C. D. E. na sessão de Condeixa

CONDEIXA, 14 — «A comissão a que presido não pede votos, pois o que quer é que o povo vote em quem deseje, mas em plena liberdade e em boa consciência» — afirmou o sr. João Pimentel das Neves, presidente da Comissão Eleitoral Democrática concelhia, a abrir a sessão de propaganda que anteontem á noite se realizou nesta vila, para apresentação dos candidatos oposicionistas pelo círculo de Coimbra.

A sessão foi presidida pelo sr. João Pimentel das Neves e, na mesa, além dos restantes membros da comissão concelhia, viam-se os candidatos drs. Orlando de Carvalho, Rui Clímaco, António Dias Arnaut, Mário Torres, regente agrícola António de Campos e, ainda, um representante da autoridade.

Nas palavras de abertura, o sr. Pimentel das Neves justificou a ausência do prof. Henrique de Barros e fez a apresentação de todos os candidatos, resumindo as suas biografias e garantindo que, se eles forem eleitos, a Assembleia Nacional passará a ser uma autêntica assembleia onde os problemas nacionais se estudam e discutem.

O candidato dr. António Arnault começou por dizer que era «um candidato do povo» e que aqueles que, por fortuna, puderam atingir estudos superiores, têm, mais que ninguém, responsabilidades para quem o não pode fazer, explicou em linguagem acessível o conceito e a mecanica do Governo Democrático

O orador seguinte, candidato dr. Rui Clímaco, que se apresentava um tanto rouco («é devido á falta de hábito e á pressa de dizer num quarto de hora o que devia ter podido proclamar ao longo de toda a vida») convidou a assistência a meditar bem no modo como o povo tem sido tratado nas ultimas décadas. Afirmando, depois, que não seria seguido o caminho da U. N. que, nestas alturas, tudo promete, garantiu apenas que, se a Oposição for eleita, tudo fará para que os problemas da Assistência, do Ensino, da Lavoura, do Ultramar, etc., se resolvam a contento de todos e não apenas em proveito de minorias privilegiadas. Terminou, confessando que não tem nesta campanha outra ambição além de trabalhar para que os seus filhos possam viver num país livre.

O regente agrícola sr. António de Campos disse que o seu convívio com o povo lhe permite concluir que o que esse povo quer é o direito á liberdade, á saude, á educação, á assistência, á promoção social e económica.

Focando problemas da sua especialidade, o candidato António de Campos sublinhou, depois, que a bacia do Mondego, com os seus muitos milhares de pequenos proprietários marginais, continua sem obras de aproveitamento hidroagrícola, enquanto certa obra de irrigação do Alentejo se fez com dinheiro de todos, para beneficiar propriedades que constituem, em 70 por cento, latifundios. Comentando a recente concessão do abono de família ao trabalhador do campo, considerou tratar-se de uma medida demagógica, visto serem raríssimas as casas de lavoura com rendimento anual de 60 contos.

O ultimo orador, dr. Orlando de Carvalho, fez o diagnóstico da cortina de medo que se abateu sobre a sociedade portuguesa e que terá impedido muita gente de apresentar-se naquela sessão.

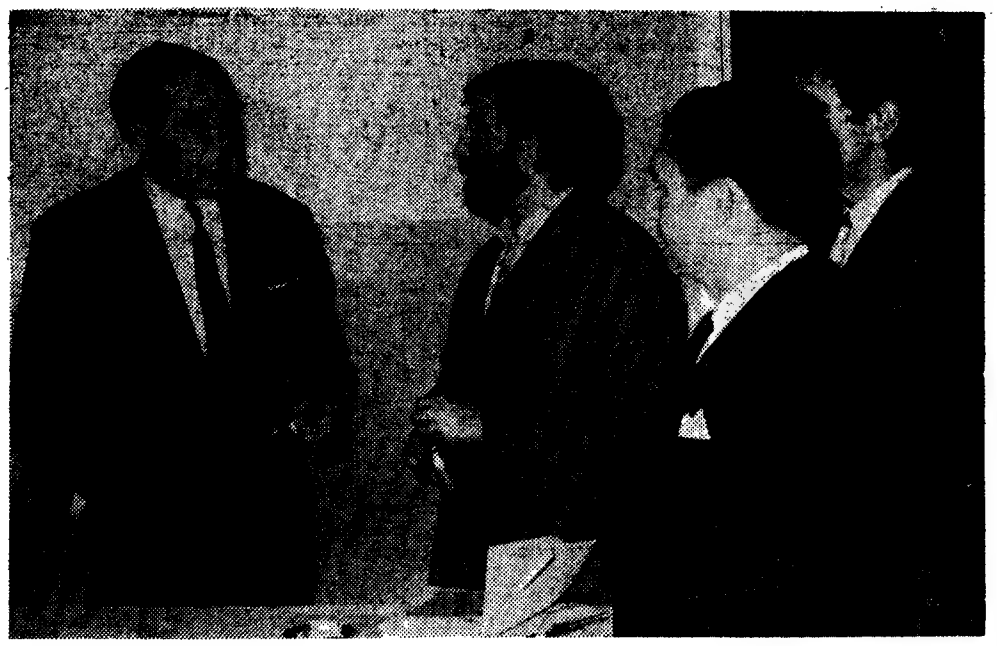
Afirmou depois que o medo só rende mais medo e que para quebrar esse círculo vicioso é que os candidatos democráticos se afoitaram nesta campanha, que visa combater a técnica do medo e convencer a sociedade portuguesa a unir-se e reorganizar-se.

Seguiu-se um colóquio com a assistência e, no final, foi cantado o hino nacional.

ACTUALIDADE ELEITORAL

● 45 MIL ENVELOPES! — Num comunicado que nos remeteu, a C. E. U. D. do Porto «apela para os democratas seus simpatizantes e aderentes no sentido de se apresentarem na sede da candidatura, na Rua Santo Ildefonso, 307-1.º, a fim de se enquadrarem na equipa que endereça os sobrescritos destinados á entrega ou envio das listas «B» a todos os cidadãos recenceados da cidade do Porto (numero superior a 45 000)».

● SESSÕES DA C. D. E. DE LEIRIA — A C. D. E. de Leiria vai promover sessões de propaganda eleitoral nos próximos dias 16, 17, 18 e 19, respectivamente, em Nazaré, Marinha Grande, Peniche e Alcobaça.



O dr. Borges Terenas, dos Serviços de Candidatura da Oposição Democrática, na Covilhã, presta esclarecimento ao nosso redactor

AMANHÃ NO FUNDÃO

Primeira sessão de esclarecimento da Oposição Democrática pelo Círculo de Castelo Branco

FUNDÃO, 14 — A primeira «sessão de esclarecimento» da Oposição Democrática de Castelo Branco realiza-se amanhã á noite (21 horas) nesta vila, onde também funciona a Sede Distrital da Candidatura. A lotação do Cine-Teatro Gardunha pode considerar-se desde já esgotada.

Deverão usar da palavra os quatro candidatos oposicionistas pelo círculo (drs. António Alçada Baptista, Domingos Megre e Manuel Vieira, e industrial José Rabaça, este para dissecar a grave crise que afecta a industria têxtil na região, e mais oradores, entre os quais António Paulouro, director do nosso prezado codega «Jornal do Fundão».

Estão marcadas outras duas sessões de esclarecimento ao eleitorado: sexta-feira na Covilhã (21 horas, Teatro-Cine) e domingo Castelo Branco (15 horas, Teatro-Cine). Uma quarta sessão será a de Tortosendo, prevista em principio para segunda-feira, dia 20.

«NÃO TENHA MEDO DE VIR»

A propósito da sessão inaugural da campanha foram distribuídos ontem dois textos impressos pela Comissão Eleitoral Concelhia do Fundão.

São ambos dirigidos ao eleitor potencial e o mais extenso precisa o seguinte:

«Com certeza deve ter interesse em conhecer pessoalmente quem está disposto a representá-lo na Assembleia Nacional. Ver as pessoas tem uma importancia enorme: fica a conhecê-las; deixam de ser simples nomes para se tornarem rostos familiares e a quem amanhã poderá dirigir-se para serem os porta-vozes das suas exigências, dos seus anseios de progresso, a presença da Beira Baixa junto do Governo da Nação.

Preocupa-o de certo o futuro do seu País, preocupa-o a justiça em todos os campos da actividade dos portugueses está empenhado em ajudar a criar um clima de entendimento nas relações publicas quer sentir-se um cidadão completo na sua aldeia, na sua vila, na sua profissão. Mas não pode ignorar dentro dos limites da sua vida o que se passa no País, neste momento. Ouviu já muita coisa, leu nos jornais muitas notícias. Vindo á sessão do Fundão tomará contacto com outras pessoas que também estão convictas de que é preciso renovar a nossa região e renová-la com homens novos, inteligentes, capazes de fazer algo por nós.

Não tenha medo de vir. Ninguém o ameaça, ninguém o persegue, ninguém o intimida Vem porque quer, porque se convenceu de que vindo, afirma a sua personalidade, a sua independência, a sua coragem».

O segundo texto promete que a reunião será «legal, isenta de ódios, de facciosismos, de questões pessoais» e convida os eleitores a procurarem saber «as razões que levaram os candidatos da Oposição a aceitarem, em tão flagrante desigualdade, a batalha eleitoral.»

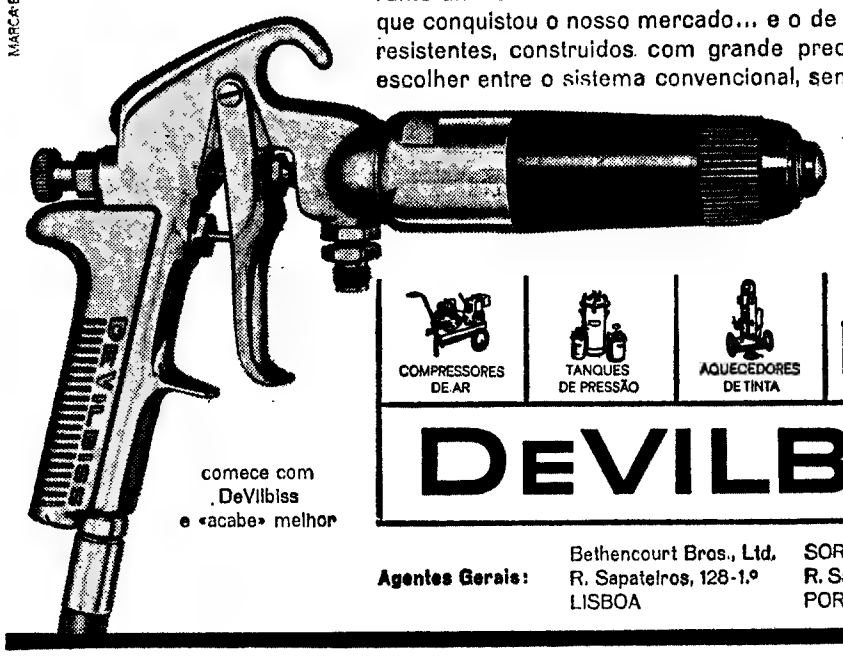
O trabalho que está a fazer-se na Sede Distrital da Candidatura, instalada em moderno edifício do centro desta vila, mobiliza muitos democratas. (Aliás, o mesmo pudémos testemunhar na Covilhã, onde as condições materiais de organização parecem no entanto mais precárias, e naturalmente na capital do distrito.)

Trabalho todas as horas, trabalho tão difícil como sério — acentuaram vários responsáveis. Problemas imediatos? A cópia dos cadernos eleitorais, o contacto com o maior numero possível de cidadãos recenseados (ou não), a organização das sessões e a redacção de comunicados e outros textos oficiais. Com isto entra-se pela noite dentro.

Em contraponto são de citar dois pasquins surgidos a propósito da campanha, verberando um deles, unico que nos veio á mão, os «senhores do Largo Trindade Coelho», ou seja a Comissão Distrital da U. N. Assina uma pretensa Liga de Defesa Social de Castelo Branco, que «irá divulgando o que souber das nosas desgraças» e «em breve dará a conhecer os seus objectivos e chamará a uma colaboração activa os homens que queiram desinteressadamente o progreso das nossas pobres terras.»

MARCA-B DV1-69

Esta é a nova pistola manual electroestática de segurança absoluta e que lhe garante um rendimento de trabalho muito superior ao normal. DeVilbiss — a pistola que conquistou o nosso mercado... e o de todo o mundo, apresenta equipamentos resistentes, construidos com grande precisão, eficiência e simplicidade. Poderá escolher entre o sistema convencional, sem ar (airless), ou de tinta aquecida (hot spray)... DeVilbiss ajudá-lo-á na escolha do melhor sistema para o seu trabalho e garante-lhe um serviço de assistência de acessórios e de sobressalentes. Peça uma demonstração.



COMPRESSORES DE AR | TANQUES DE PRESSÃO | AQUECEDORES DE TINTA | AIRLESS E BOMBAS DE TINTA | CABINES DE PINTURA | MÁQUINAS AUTOMÁTICAS

DEVILBISS

comece com DeVilbiss e «acabe» melhor

Agentes Gerais: Bethencourt Bros., Ltd. R. Sapateiros, 128-1.º LISBOA — SORIA, Lda. R. Sá da Bandeira, 214-216 PORTO

NOVO SISTEMA REGISTADO

30% de lucro sobre o custo do sistema clássico CHALETS e BUNGALOWS de forma revolucionária. Estas construções totalmente mobiladas e decoradas em 80 dias. INTERESSA-NOS vender patente para Portugal ou nomear delegado-geral para promoção de vendas.

INMOBILIARIA MIRASOL, S. A.

C/ Aribau, 114

BARCELONA-

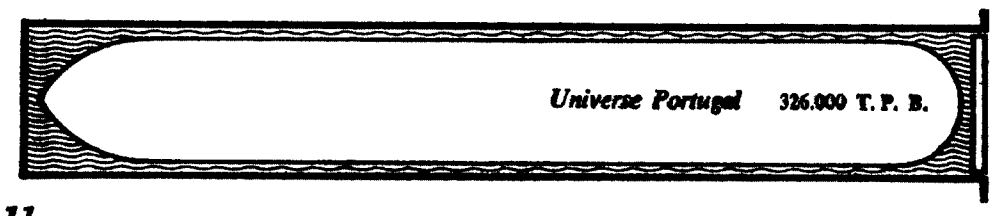
LISNAVE ESTALEIROS NAVAIS DE LISBOA, S.A.R.L.

Ainda os petroleiros gigantes de mais de 300 mil tons. não se encontravam em actividade, já a Lisnave tinha construído a doca capaz de os receber

Também agora – antes de se projectarem os petroleiros gigantes do futuro, cujas dimensões se antevêem – já a Lisnave está a construir a doca necessária para a sua manutenção e reparação

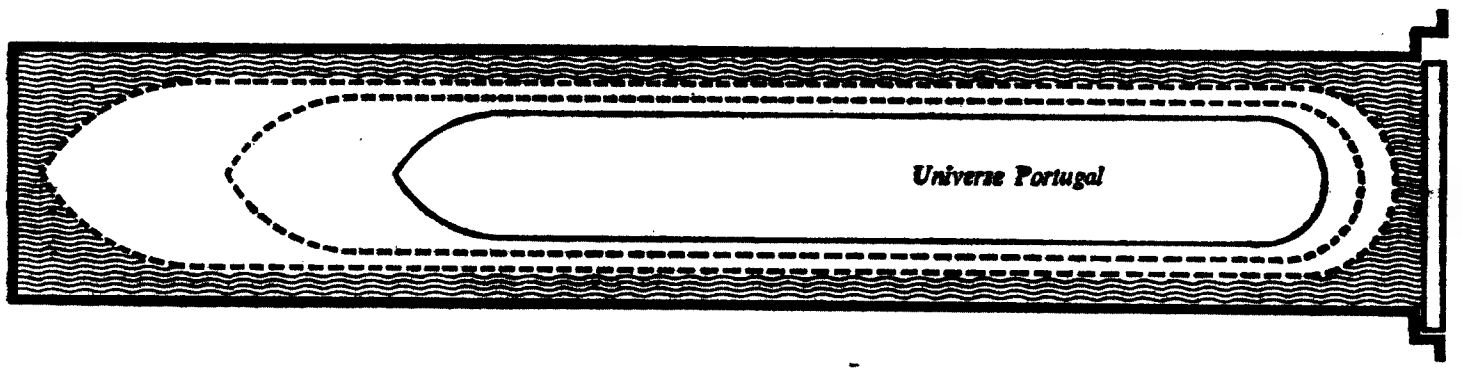
DOCA N.º 12

desde 1967, com a construção desta doca, todos os navios portugueses passaram a ser docados em Portugal



DOCA N.º 11

os maiores navios actualmente em actividade podem ser docados no Estaleiro Sul da Lisnave



DOCA N.º 13

Capacidade de Docagem - superior a 750 000 toneladas de porte bruto

Que

Mesa-redonda em que tomaram parte José Magalhães Godinho (C.E.U.D.), José Vasconcelos Abreu (C.D.E.) e Manuel Jorge de Magalhães e Silva (C.E.M.). Interveio como moderador o nosso camarada de Redacção Manuel de Azevedo.

MODERADOR — A lei eleitoral de um país constitui um problema importante porque, embora não seja tudo, é porém, um dos eixos fulcrais que determinam o funcionamento prático do Estado, possibilitando melhor ou pior a representatividade popular, através da eleição dos órgãos políticos ou de administração fundamentais. Portanto, a análise e a crítica da lei eleitoral portuguesa revestem-se neste momento de importancia particular. Portanto, vou pedir aos participantes desta mesa-redonda que vão sucessivamente dando a sua opinião sobre este problema. Propunha dois pontos, como fórmula de ordenar as intervenções: numa primeira fase seria discutida a lei eleitoral no seu conjunto; como segundo ponto, seriam analisadas as alterações á lei que recentemente foram introduzidas, na intenção de partir já dessas alterações para um acto eleitoral que imediatamente se iria realizar.

VASCONCELOS ABREU — A legislação eleitoral, como qualquer outro tipo de legislação, é uma imagem do regime em que vivemos, reflecte o sistema económico, social e político deste País. Eu penso que nós não podemos fazer-lhe uma análise, desligando-a das condições em que se insere, do sistema em que estamos enquadrados e sem ter em consideração aquilo que ela se destina servir. Em relação a esse mesmo sistema, pode ter-se uma perspectiva de crença na evolução gradual das suas estruturas, em que as modificações legislativas têm importancia, ou uma perspectiva, mais radical, não acreditando que os problemas possam ser resolvidos com simples modificações parciais, assentando-se numa transformação das estruturas não pelas vias normais dentro de um processo democrático tradicional. Para os que partilham essa posição, óbviamente que não tem interesse uma discussão sobre as alterações á lei eletioral. Eu penso, que não é aqui, numa mesa-redonda destas, que se podem considerar estas duas facetas, visto que a mesa-redonda é já por si compartimentada á análise das alterações. No entanto, é bom que se previna que as opiniões expandidas são formuladas dentro deste condicionalismo e sem querer ter como assente uma definição por uma via ou por outra.

MODERADOR — Podemos, então, entrar na análise da lei eleitoral na generalidade?

VASCONCELOS ABREU — Há que fazer ressaltar, dentro dum estudo da legislação eleitoral, que esta se destina a servir um determinado regime. Deste modo há sempre que colocar um problema: uma verdadeira modificação nessa mesma legislação, ou até mesmo qualquer modificação na própria Constituição, visto que vamos entrar numa Assembleia Constituinte, poderão vir a ser um avanço em relação á democratização do País? Olhando o que nos rodeia verificamos, no dia-a-dia, que o texto constitucional está esquecido. Essa simples constatação deveria levar a uma revisão profunda, na legislatura que vai entrar, do texto fundamental que é a Constituição. Acho mesmo que o esquecimento em que está o artigo 8.º, o desprezo a que tem sido votado o conteudo dessa norma fundamental, exigem uma alteração constitucional, de forma a que as pessoas possam sentir uma vida cívica que neste momento está deteriorada, já que nem os adeptos do regime se lembram do estatuido na própria Constituição. Além do mais, considerando esta, a eleição do Presidente da Republica através duma fórmula organica, não alicerçada numa representatividade autêntica, não pode satisfazer democráticamente o País. Haveria portanto que rever essa mesma fórmula e actualizar o texto constitucional ás necessidades mais instantes. Por outro lado não podemos pensar apenas numa alteração da lei eleitoral no que se refere á eleição dos deputados á Assembleia Nacional, pois qualquer modificação deverá abranger disposições legais relativas á eleição do Presidente da Republica, á eleição dos deputados e á eleição das Juntas de Freguesia. Um outro aspecto que há a considerar é que não só há que colocar vias democráticas no texto Constitucional, como enquadrar numa dessas vias a legislação eleitoral, até agora utilivias a legislação eleitoral.

No entanto, vindo talvez um pouco atrás, parece-me que há que reconsiderar um problema fundamental e de interesse básico e primordial, tanto para aqueles que tenham uma concepção que se baseia numa perspectiva da evolução gradual, como para os outros que não aceitam esse mesmo ponto de vista: no estádio de evolução política em que nos situamos o que podem ser estas eleições? Não terão uma base de interesse comum, qualquer que seja a perspectiva em que nos coloquemos?

As vias que nos servimos, ou podemos vir a servir, na movimentação política portuguesa, resultantes do aproveitamento da legislação eleitoral, que vigora durante este curto período, constituem veículos importantes para a mentalização política das pessoas. A necessidade no momento presente de intensa mentalização política do povo português e do aproveitamento do período eleitoral para esse efeito, permitem-nos concluir que qualquer explanação ou debate, informativo ou formativo, ainda que sobre a legislação eleitoral, tem interesse e importancia.

MODERADOR — Depois da intervenção do dr. Vasconcelos Abreu, no sentido de mostrar uma incompatibilidade entre os movimentos políticos portugueses e a lei eleitoral, por esta não corresponder ás necessidades dos movimentos eleitorais deste momento...

VASCONCELOS ABREU — No entanto, como uma das formas de que esses movimentos se podem servir para dinamizar a vida política portuguesa...

MODERADOR — ...parece-me que poderemos generalizar o debate.

MAGALHÃES E SILVA — Queria desde já acentuar um dos aspectos focados pelo dr. Vasconcelos Abreu e que me parece particularmente importante.

A análise duma determinada previsão legal tem de ser sempre enquadrada dentro da estrutura em que se insere. Quanto mais repressiva for essa estrutura — e porque estamos na análise de um diploma legal que se destina essencialmente a conferir um conjunto de garantias —, maior tem de ser o numero de disposições que impeçam as arbitrariedades que no espírito da lei, se pretende afastar. Tem de se ser, pois, particularmente rigoroso na análise da nossa lei eleitoral...

A legislação eleitoral, com as alterações que lhe foram recentemente introduzidas pelo decreto de 10 de Setembro, não satisfaz qualquer das oposições que apresentaram candidaturas á Assembleia Nacional. E não satisfaz, porque temos a estranha sensação, quando lemos a lei eleitoral, de que ela se estrutura contra o espírito que normalmente a deveria informar, isto é, a lei eleitoral parece destinar-se, essencialmente, a colocar nas mãos das autoridades o conjunto de meios indispensáveis, para que as posições que não sejam as que ela abençoa com a sua tutela, sejam impedidas de se expandir livremente, garantindo a verdade de todo o processo eleitoral.

Um outro aspecto que gostaria de tocar apenas marginalmente, seria a referência que o dr. Vasconcelos Abreu fez ao artigo 8.º da Constituição. Não creio que o Regime, na aplicação fiscalizada que tem feito da Constituição, tenha esquecido o artigo 8.º. Tem-no, pelo contrário, aplicado rigorosamente. E tem-no aplicado rigorosamente, porque o artigo 8.º tira com uma mão aquilo que dá com a outra, isto é, o seu parágrafo 2.º permite que a regulamentação legal dos preceitos constitucionais, no que diz respeito aos direitos, liberdades e garantias dos cidadãos portugueses, possa ser feita de tal maneira que a regulamentação desses mesmos direitos, liberdades e garantias se torne práticamente proibitiva. Isto é apenas uma nota marginal que pretende situar, de um modo mais real, o problema tal como foi posto em relação ao artigo 8.º, pelo dr. Vasconcelos Abreu.

Gostaria ainda, e apenas por questão de princípio, de considerar que me parece não impedir essencialmente uma forma democrática de Estado, um tipo de eleição por sufrágio organico, nomeadamente no que diz respeito ao Presidente da Republica. Evidentemente que esse é um problema que me não interessa. Na minha qualidade de monárquico, não estou interessado em problemas inerentes á Presidência da Republica e portanto qualquer referência que julguem ter interesse fazer no decurso deste debate, constituirá um problema a que me manterei alheio.

Evidentemente que não me custa nada reconhecer que nos ultimos meses, houve na vida publica uma certa descompressão, até por um determinado efeito de substituição. Mas liberalização não houve. As Oposições que neste momento quiseram empreender a aventura heróica de fazer uma campanha eleitoral sabem, em termos muito exactos, o que é que significa essa liberalização. Mas não me alongo mais, até porque não quero deixar de ouvir a opinião do dr. Magalhães Godinho que entre nós é o especialista de lei eleitoral.

MAGALHÃES GODINHO — Eu estou de acordo em que o problema é essencialmente de estruturas. É claro que para mim o sufrágio é a essência do próprio sistema democrático, para o Estado Novo é o seu drama. Não pode um regime que nasceu para ser antidemocrático fazer estruturas democráticos. Eu não conheço outra maneira de participar que não seja realmente estudar, debater os problemas nacionais e poder emitir uma opinião sobre eles. Ora, não é na complexidade da vida actual em que realmente nenhum de nós pode ser tão enciclopédico que possa abarcar todos os variadíssimos problemas, que são os problemas de um país, que se pode intervir na vida nacional se não for possível a livre discussão entre os cidadãos e a organização depois nas correntes que melhor sirvam o pensamento político geral de cada um. Eu não posso ser simultaneamente, sob pena de me apresentar como um charlatão, um conhecedor profundo de problemas de política geral, de política internacional, de política económica, de política social, de política sindical, de toda a gama que hoje é a vida de um país. E para participar nela, portanto, eu preciso de ouvir as opiniões dos outros, preciso de ser esclarecido e esclarecer por minha parte naquilo que eu seja capaz de esclarecer. Ora, se me impedem o direito de reunião para esclarecer e ser esclarecido, se me impedem o direito de associação para eu poder, com os outros homens meus concidadãos, estabelecer uma linha política comum, de actuação, como é que eu posso participar na vida nacional? É absolutamente impossível, portanto. Esta é a crítica de ordem geral e essencial que eu tenho que fazer á lei eleitoral. Claro que, podia ao menos, o Estado Novo, disfarçar a coisa um pouco melhor. E então ainda que não modificasse totalmente as estruturas, ao menos deixaria organizar as correntes de opinião quanto mais não fosse em: os que apoiam o Estado Novo, uma Oposição Democrática. Ao menos isto, mas nem isto se fez, porque nem através dos movimentos de unidade que têm existido até hoje foi possível a qualquer deles a sobrevivência para além do acto eleitoral. Assim, não há possibilidades de falar em democratização do País.

...e pensa da actual lei eleitoral?

E, por isso, estas campanhas eleitorais que surgem, que a União Nacional pretenderia que fossem de esclarecimento eleitoral e que eu desejaria também que assim fossem; só podem ser de esclarecimento eleitoral quando existir um regime democrático, porque enquanto ele não existir são verdadeiras campanhas eleitorais, porque são uma luta pela conquista desse regime democrático que nós não temos. Mas, essas campanhas desde 1945 para cá, serviram para ajudar realmente a desmistificar o que é o sistema eleitoral de que o Estado Novo tem lançado mão e para procurar interessar, politizar, mentalizar o povo português. Isto realmente tem de se fazer. É uma aventura heróica, como dizia o Magalhães e Silva, concorrer a actos eleitorais, com uma legislação eleitoral, com uma legislação, mesmo sem ser eleitoral mas que tem uma ligação directa com as eleições que não serve absolutamente para nada e que não dá quaisquer garantias. É, mas é sobretudo, uma lição de civismo e de verdadeiro amor pátrio que todos nós damos aos portugueses. É isto que não quero deixar de dizer; acrescento, todavia, que se fôssemos a olhar só a uma crítica da legislação eleitoral, na sua generalidade, havia de começar pelo seguinte: porque é que se continua a legislar aos bocadinhos? Porque é que não se ouve o povo português sobre o projecto duma lei, se não põe esse projecto á discussão publica, para depois realmente se tornar em lei do País, mormente quando essas leis, esses projectos, são os de natureza eleitoral? E porque é que a lei que foi feita, se não estou em erro ainda em Outubro de 1968, modificando a capacidade eleitoral, e a de Setembro ultimo, e todas as anteriores se fazem sempre em períodos em que a Assembleia Nacional está encerrada, e nem sequer essa simples discussão na Assembleia Nacional se facilita? Ora, eu não posso deixar de acentuar aqui que o Governo tinha tido tempo de fazer uma lei eleitoral capaz. O Governo tinha tido tempo de apresentar esse projecto á discussão publica, e o Governo podia depois apresentar-nos codificada toda uma legislação eleitoral que abarcasse todos os aspectos que ela deve efectivamente encarar. O Governo podia e devia ter aceitado a colaboração, porque ou um anseio meu, que ao menos o Governo deixe que haja de um lado quem apoie o Governo, de outro lado quem não apoie, com idênticos direitos. Não é isso. Por outro lado, queria ainda em relação á generalidade dizer o seguinte, visto irmos entrar depois na especialidade: é que é indispensável, penso assim e sempre tenho pensado, que realmente para que haja uma legislalação eleitoral capaz é que essa legislação comece por criar aquilo que se poderia chamar por exemplo um Conselho Superior da defesa das libredades fundamentais, que funcionaria como tribunal para julgar os próprios funcionários, os próprios representantes da administração, pelas violações das libredades fundamentais, e que deveria ser constituído por pessoas estranhas ao governo e representando todas as correntes de opinião. Seria essencialissimo que se criasse um tribunal eleitoral, para retirar das mãos da autoridade publica, do Governo, todo o trabalho eleitoral, tudo o que se refere a recenseamento, aos actos próprìamente eleitorais, de ilegabilidade de candidatos, apresentação de candidaturas, julgamento da eleição, julgamento de reclamações sobre o recenseamento, tudo isso devia ser constituído, a meu ver, pelo tribunal eleitoral, com ramificações no País, no qual se fizessem representar todas as correntes de opinião. Porque senão vamos continuar como agora. Entrando numa particularidade: nesta ideia que se dá que se vai dar uma certa fiscalização porque se criaram os delegados eleitorais, esquecendo-se que os delegados eleitorais não têm assento na mesa, mas simplesmente num lugar perto da mesa que lhe indicarem, do qual podem não ver coisa nenhuma, podem ser tapados constantemente pelas pessoas que lhes passem pela frente ou que se instalem propositadamente na sua frente, mas mesmo que assim não seja sem a possibilidade duma fiscalização eficaz, indo-se contra a tradição da nossa legislação eleitoral, em que efectivamente as mesas eram constituídas por escrutinadores representantes de todas as listas que estivessem em disputa. Princípio que foi respeitado pela própria monarquia constitucional e que foi depois mantido e restabelecido com a República, com a lei de 3 de Julho de 1913. E que só pela lei de 3 de Outubro de 1949, fase já adiantada de processo de eleição dos deputados na Assembleia Nacional. Lamentàvelmente, mas como era de esperar, escolheu o Governo o caminho mais simplista e menos inovador, preferindo sancionar legislativamente certas interpretações jurisprudenciais em uso do que proceder a alterações de fundo, em matéria relativamente à qual existem imensos espaços vazios. Em 1.º lugar cumpre apontar a grave lacuna que consiste em se ter procedido a alterações da lei eleitoral sem que nada se tenha inovado em relação aos aspectos relacionados com o recenseamento. Disse o sr. ministro do Interior que temos o maior colégio eleitoral: 1 816 148 eleitores, mas só 27 998 requereram voluntàriamente o recenseamento. Por aqui se infere o valor desse mesmo recenseamento, sabendo nós que 1 215 933 transitaram do anterior e 572 207 foram inscritos oficiosamente. Lamentou-se o senhor ministro do Interior que a população se não tivesse recenseado e que mais uma vez, oficiosamente, se tivesse de proceder ao recenseamento, em número tão elevado. É de relembrar, a S. Excelência que o comportamento das pessoas é, sem duvida, em larga medida o produto das condições materiais em que vivemos e que nos são criadas. O sr. ministro do Interior não tem que se lamentar pois contribulu para que o recenseamento não fosse aquilo que devia ser, ao proibir as Comissões Promotoras de Voto. Estas teriam sido preciosa ajuda para o Governo em relação ao recenseamento se não fossem proibidas. Imperou mais uma vez o sentido paternalista do Governo em relação aos eleitores que levou à proibição dessas comissões promotoras de voto e à criação de obstáculos a essa mentalização, que óbviamente lhe era prejudicial. Aqui se revela a concepção polítitca, do regime que detém o poder político: «os indivíduos não têm qualquer valor em si mesmos, são apenas um elemento do todo nacional». A legislação eleitoral serve os que estão no poder e é por estes considerada meio impeditivo a que os outros o alcancem.

Para além dos aspectos ligados ao recenseamento, deveria ter-se procedido a uma alteração da idade de eleitor e das condições de elegibilidade. Aqui lembro, o livro do dr. Magalhães Godinho que propõe que a idade de eleitor seja a de 18 anos e que um cidadão possa ser candidato desde que tenha capacidade eleitoral. Por esta forma não só se alarga o numero de eleitores, como também se presta justiça a indivíduos que são chamados a deveres para com a Pátria, porque têm já 18 anos, mas a quem não se reconhece os direitos que lhe competem. Não há duvida nenhuma que a juventude de hoje é das mais consicentes se considerarmos que é necessário ter-se 21 anos para se poder ser eleitor ou para se ter capacidade eleitoral, é não só preconizar uma medida reaccionária, retrógada, como criar obstáculos ao desenvolvimento político deste País, colocando á margem uma juventude que devia ser ouvida. É de notar que o numero de eleitores pertencentes ás classes menos favorecidas no País, que são os trabalhadores rurais e operários, é muito atingido com esta medida e o Governo, teve receio desses jovens, trabalhadores rurais, operários e estudantes. Portanto, o facto de não se ter mexido no recenseamento, altera totalmente o significado normal de todo o processo eleitoral. Daqui há que tirar as necessárias conclusões. No que diz respeito a alterações introduzidas há que relembrar que surgiram tardiamente e que o diploma tendo sido anunciado a 1 de Setembro, veio publicado a 10 de Setembro, mas só para entrar em vigor a 15 desse mês. Merecem comentário as seguintes alterações: a consulta ás cópias dos cadernos eleitorais, a organização das comissões eleitorais e delimitação das respectivas esferas de competência e responsabilidade, o endosso das despesas feitas com a impressão das listas e a fiscalização das assembleias de voto e respectivo apuramento. Quanto á consulta dos cadernos eleitorais, embora seja uma satisfação que se procura dar a uma exigência de todos os candidatos em anteriores eleições, com excepção da União Nacional que nunca teve problemas, há uma grave lacuna. Primeiro que tudo a consulta para ser válida deveria poder ser feita pelos próprios interessados. O mandatário, por si, não poderá fazer uma consulta conveniente. Ainda que se admita que os governadores civis tenham a largueza de espírito suficiente para considerar que o processo de cópia dos cadernos eleitorais não pode ser feito através de simples mandatários das listas, no entanto, numa legislação que tem apenas uns dias é triste verificarmos que contém uma disposição de impossível aplicação prática: só os mandatários podem ter acesso aos cadernos eleitorais. A lei não fala de quaisquer processos mecanicos e, portanto, é mais um ponto que se deixa ao arbítrio dos governadores civis, das instruções ministeriais, que podem ser umas para um lado e outras para outro, como se tem verificado durante esta campanha eleitoral, e sobretudo é uma lacuna num dos aspectos fundamentais, a consulta e o conhecimento dos cadernos eleitorais. Quanto ás comissões eleitorais, o Decreto n.º 49 229 é de facto inovado. No entanto, o valor dessa criação depende do significado que se possa atribuir a esse artigo 25. A criação das comissões eleitorais deve constituir um passo em frente, na medida em que elas podem ser um elemento dinamizador da vida política portuguesa que em outras eleições nunca existiu. Mas é necessário que se reconheça a essas comissões eleitorais personalidade jurídica e se revoguem os parágrafos 2.º e 3.º desse mesmo artigo 25, que determinam a caducidade ou a extinção dessas mesmas comissões eleitorais, ou quando acabar a campanha eleitoral, ou quando o governador civil entender que devem extinguir-se. As comissões eleitorais só poderão preencher um espaço válido no vazio político português desde que possam continuar para além do período de campanha eleitoral.

José Magalhães Godinho

José Vasconcelos Abreu

Magalhães e Silva

Manuel de Azevedo

MAGALHÃES GODINHO — Eu queria apenas clarificar um pouco melhor o meu pensamento porque não gosto de qualquer duvida. Eu não quero como um pedido meu era uma colaboração que lhe prestavam as Comissões Promotoras de Voto, o Governo podia e devia ter olhado para aquilo que as Comissões Promotoras de Voto lhe apresentaram, nem sequer lhes respondeu. Todavia, era uma colaboração que se prestava ao Governo porque se lhe indicava o mínimo indispensável para o começo de seriedade num acto que tem de ser, que deve ser o mais transcendente da vida portuguesa, porque é aquele em que os portugueses que não devem ser continuados a ser tratados como cidadãos diminuídos, possam efectivamente escolher as pessoas que legítimamente os representem.

VASCONCELOS ABREU — As alterações recentemente introduzidas pelo decreto-lei 49 229 de 10 de Setembro de 1968, são puramente formais e dizem respeito a uma é que o Governo veio modificar, acabando com os delegados eleitorais, porque antes limitava-se a dizer que não havia, que não havia, e a impedir a sua existência, mas o que é certo é que a lei de 3 de Julho de 1913 só foi revogada pela lei de 3 de Outubro de 1949.

MODERADOR — Depois de analisada nos seus vários aspectos e na generalidade a Lei Eleitoral, os seus condicionalismos e a sua própria ligação à estrututra do regime, parece-me que era altura de entrarmos na análise da especialidade, particularmente tendo em conta as recentes alterações a essa mesma lei.

Publicaremos amanhã a segunda parte desta mesa-redonda.

PERFIL DOS CANDIDATOS

Amílcar da Costa Pereira Mesquita

Eng.º Gabril da Costa Gonçalves

José de Mira Nunes Mexia

Manuel Artur Cotta Agostinho Dias

Da U. N. de Évora

De acordo com os elementos fornecidos pela União Nacional, publicamos, em seguida, as biografias dos candidatos daquela organização pelo círculo de Évora:

Amílcar da Costa Pereira Mesquita

Natural de Vila Nova de Famalicão, o sr. dr. Amílcar da Costa Pereira Mesquita tem 37 anos e é licenciado em Filosofia pela Universidade de Salamanca e em Direito pela Universidade de Lisboa.

É professor do Instituto Superior de Sociologia e Economia de Évora.

Em 1959 foi nomeado chefe da Missão de Acção Social da Junta da Acção Social do Ministério das Corporações e Previdência Social e mais tarde chefe da Repartição de Missões de Acção Social daquela Junta.

Em 1962 foi nomeado adjunto do director do Instituto de Formação Social e Corporativa. Em 1963 passou a ocupar funções directivas numa empresa privada.

Em 1966 regressou ao Ministério das Corporações e Previdência Social para desempenhar as funções de conselheiro profissional do Serviço Nacional de Emprego, em Évora. No desempenho destas funções foi designado para tomar parte no Seminário Ibero-Americano de Orientação Profissional, realizado em Madrid em 1967.

Em 1968 foi nomeado Adjunto do Chefe de Divisão Regional de Évora do Serviço Nacional de Emprego e em 1969 tomou posse do cargo de chefe da mesma Divisão Regional, funções que exerce.

Colaborou, ainda, em programas radiofónicos, de televisão e em publicações da mesma Junta.

Candidata-se a deputado pela primeira vez

Eng. Gabriel da Costa Gonçalves

O sr. eng.º Gabriel da Costa Gonçalves tem 49 anos possui o curso de regente agrícola e é engenheiro silvicultor chefe da Circunscrição Florestal do Sul, funções que desempenha desde a criação deste serviço em 1964. É vogal do Conselho Técnico Florestal e da Comissão Venatória do Sul e presidente do Albergue Distrital de Évora.

Foi administrador florestal de Castelo Branco e vogal da Comissão Distrital da União Nacional do distrito de Castelo Branco durante vários anos. Prestou serviço na Circunscrição Florestal de Lisboa e colaborou nos trabalhos de campo efectuados no Alentejo para a elaboração da Carta de Solos e da Carta de Capacidade de Uso do Solo do Plano de Fomento Agrário. Foi vice-presidente da Comissão Técnica Regional do Distrito de Évora.

Colaborou intensamente no reconhecimento das bacias hidrográficas das ribeiras de Terges e Cobres e na elaboração do respectivo relatório para a Câmara Corporativa, e na execução de uma dezena de planos de arborização de baldios e propriedades particulares.

Publicou vários artigos e trabalhos da sua especialidade. É detentor da Medalha Florestal (prata).

É esta a primeira vez que se candidata á Assembleia Nacional.

José de Mira Nunes Mexia

O sr. eng.º José de Mira Nunes Mexia nasceu em Arraiolos, em 1924, e formou-se em enegenharia electrotécnica no Instituto Superior Técnico.

Tem exercido a sua actividade no sector da Lavoura, exercendo os cargos de director do Grémio da Lavoura de Mora; de presidente da Assembleia Geral da Casa do Povo do mesmo concelho; de representante das Casas do Povo do distrito de Évora no Conselho da Corporação da Lavoura de que é vice-presidente. Foi procurador á Câmara Corporativa.

Representou o círculo eleitoral de Évora na anterior legislatura da Assembleia Nacional.

Manuel Artur Cotta Agostinho Dias

Nasceu em Évora, no ano de 1929, licenciou-se em Direito, em 1952, pela Universidade de Lisboa, concluindo no ano seguinte o curso complementar de Ciências Jurídicas, obtendo sempre elevadas classificações.

Exerceu funções directivas em diversas instituições de Previdência Social. Em 1958 foi nomeado vice-presidente da Junta Nacional da Cortiça, de que seria presidente de 1961 a 1967. Neste organismo de coordenação económica, promoveu e dirigiu o trabalho da Comissão de Estudo e Reorganização das Actividades Corticeiras. Igualmente promoveu a criação da Confederação Europeia da Cortiça, com sede em Lisboa.

Em Fevereiro de 1967 foi nomeado presidente da Junta Nacional do Vinho desempenhando, por inerência, as funções de Administrador Geral do Alcool.

Como membro de missões económicas ou presidindo a elas tem visitado quase todos os países da Europa.

É vogal do Fundo de Fomento Florestal, da Comissão Revisora de Contas do Fundo de Abastecimento, e da Comissão Consultiva dos Serviços Sociais do Ministério da Economia.

Possui a Comenda da Ordem de Cisneros (Mérito Político)

Pela primeira vez é candidato á Assembleia Nacional.

Comunicados

A U. N. nega que tenha havido «conversações encetadas com os movimentos de libertação do Ultramar»

Com o pedido de publicação, recebemos da Comissão Eleitoral da União Nacional do Distrito de Lisboa o seguinte comunicado:

«1 — Bem avisou o Chefe do Governo de que vinha aí, com a campanha eleitoral, uma enxurrada de palavras e acusações. Quem estiver atento á oratória das sessões e colóquios da Oposição, não pode deixar de começar a sentir-se cansado e quase asfixiado, tantos e tão contraditórios são os «slogans» lançados ao público. Palavra, palavras, só palavras. Palavras que podem ter os mais sonoros efeitos, mas que denunciam, ao espírito, e aos olhos do português moderno, a falta de ideias, quando não as maiores contradições e falsidades.

2 — Na reunião da C. E. U. D. de Lisboa, no dia 11, um dos mais fogosos oradores desafiou o embaixador Franco Nogueira a explicar ao povo as «conversações encetadas com os movimentos de libertação do Ultramar». Ora toda a gente sabe que o ilustre diplomata nunca fez qualquer referência a conversações com quaisquer chefes de movimentos de libertação do Ultramar, porque tais conversações, ou mesmo quaisquer contactos, nunca se realizaram nem podiam ter-se realizado. Quanto ás referências a «leaders» africanos, essas têm de entender-se como significando chefes responsáveis de países independentes da África negra e os contactos havidos foram sempre tornados públicos.

As palavras do orador puderam talvez arrebatar efeitos na sala onde foram proferidas. Não encerram, porém, a mínima réstia de verdade. Algumas pessoas têm efectivamente tido contactos com os inimigos da nossa Pátria, chefes dos movimentos terroristas que atacam algumas das nossas províncias africanas, mas esses foram os que se bandearam para o inimigo quer se fixem na Argélia ou no Senegal. Foi a esses que o orador da Oposição se referiu ao fazer o elogio da sua traição. A verdade é, portanto, completamente diferente do que se quis maldosamente insinuar.

3 — O Ultramar tem sido a causa das mais variadas e desvairadas opiniões dos oradores oposicionistas. Enquanto um dos candidatos pelo círculo de Leiria afirmou que a Oposição não é pelo abandono, «puro e simples» do Ultramar, um candidato de Lisboa declara que «os herdeiros de Salazar não têm autoridade para resolver o problema». «Somos nós, os democratas, que teremos que fazer a paz». (Sic.).

Mas então, em que ficamos? Não querem o abandono «puro e simples» e querem fazer a paz? Mas a paz, nas circunstâncias presentes, só pode efectivar-se se aceitarmos todas as resoluções propostas na O. N. U. pelos nossos inimigos e se cruzarmos os braços ás hordas de terroristas treinados e abastecidos do exterior dos nossos territórios. Em recente entrevista a um jornal de Lisboa, o embaixador Franco Nogueira declarou categòricamente: — «Será inacreditável que alguém possa debater a política ultramarina sem haver estudado as resoluções da O. N. U. contra Portugal, e, como os textos são bem claros, teremos de concluir que os que recomendam a nossa anuência ás decisões da O. N. U. aceitam as consequências da aplicação de tais textos: a entrega do Ultramar.»

Os oradores oposicionistas que *leram* os textos votados em Nova York são capazes de rebater a categórica afirmação?...

E, todavia, esses textos foram amplamente publicados em toda a Imprensa portuguesa e também difundidos pela estrangeira. A própria O. N. U. possui um vasto sector de informação e documentação, onde os candidatos a deputados oposicionistas poderiam ter colhido quanto importasse para o estudo do problema. O que quase incomoda é ver estas personalidades falarem de matérias acerca das quais manifestam insuperável ignorância.

O que vale é que são apenas candidatos a deputados e que, por sagura e firme vontade dos eleitores, nunca outra coisa serão.

4 — Como se tem verificado ao longo períodos de campanha eleitoral, quem trabalha e está votado a tarefas de verdadeiro interesse começa a sentir a esterilidade do tempo que se perde e das energias que se dispensam numa luta que, afinal, cada vez mais se afasta dos sentimentos e das preocupações de cada um.

É o agricultor que agarrado á sua terra anseia por uma melhor remuneração do seu trabalho e dos seus produtos e que e que apenas ouve dos sectores da Oposição a exposição teórica de doutrinas que nada o ajudam para a resolução dos seus problemas e antes o faz duvidar da segurança da própria fazenda. É o industrial que sonhando com a expansão da empresa e a conquista dos mercados não encontra nos textos imensos da Oposição senão a ameaça de estéreis nacionalizações. É o comerciante que duvida do seu futuro perante semelhantes doutrinas quando pensou alguma coisa descobrir de útil para a sua actividade. É o trabalhador que sabe o que tinha de segurança e salário há trinta anos, sabe o que tem hoje e deseja que mais rápidamente se caminha no sentido duma maior segurança social, e sente que as oposições querem utilizá-lo.

É efectivamente pena que assim esteja sucedendo, mas há que cumprir o preceito constitucional e não cabe qualquer responsabilidade ao Governo ou á União Nacional que as oposições assim estejam a proceder.»

manifesto

Dos candidatos da Oposição ao povo do distrito de Setúbal

Os candidatos a deputados oposicionistas, cidadãos conscientes do dever que lhes incumbe de participar activamente nos problemas nacionais, dirigem-se neste momento a todo o eleitorado do distrito de Setubal para explicar porque *estão aqui e aonde desejam chegar.*

Nas precárias e difíceis condições em que têm vivido os democratas nestes ultimos quarenta anos em Portugal, privados dos mais legítimos e constitucionais direitos, só a força das suas convicções os tem unido e permitido resistir ás «ciclópicas» opressões impostas.

A validade dos princípios democráticos é tão profunda e está tão enraizada na consciência nacional que os constantes ventos da adversidade desencadeados pelo regime não têm conseguido extinguir a seiva vivificadora que pulsa nos nossos ânimos.

Com o sentido das responsabilidades que a actual conjuntura política reclama, as grandes massas democráticas não puderam nem quiseram calar o seu grito de presença. E surge numa impetuosa força cívica, no terreno arbitrariamente dominado pelo adversário, a apontar aqueles que consideram os autênticos representantes do Povo Português

Há nesta manifestação espontânea das massas o comando exclusivo dos mais vibrantes sentimentos patrióticos, que ninguém deverá ignorar ou pôr, honestamente, em duvida

Não podiam os democratas do distrito de Setubal ficar indiferentes a uma tomada de posição e logo aderiram a um «movimento» que traduz os anseios duma verdadeira «causa nacional»

Algumas vicissitudes e situações embaraçosas surgiram no processo de eleição dos candidatos, havendo a preocupação de escolher os mandatários dentro dos moldes que caracterizam a unidade democrática

POR ISSO ESTAMOS AQUI!

O nosso passado político é não nos identificarmos com aqueles que têm actuado nos quadros do regime; procuramos assentar na coesão e unidade democráticas o sentido da nossa acção declarando-nos, desde sempre, fiéis ao espírito que domina a Plataforma de S. Pedro de Muel, cujos pontos respondem aos mais instantes problemas políticos portugueses, e dos quais destacamos:

— exercício efectivo de todas as liberdades fundamentais (direito de reunião, associação e livre expressão de pensamento, direito ao trabalho, direito á habitação, direito á instrução e á cultura, direito á dignidade social);

— reforma das estruturas socioeconómicas que permita uma melhoria das condições de vida do povo português, com base num processo de desenvolvimento económico no qual participem efectivamente todas as classes trabalhadoras;

— combate aos monopólios e latifundios e á crescente penetração do capital estrangeiro;

— liberdade sindical, com reconhecimento do direito á greve:

— reforma e democratização do ensino e autonomia das Associações de Estudantes;

— extinção da P. I. D. E e dos tribunais plenários;

— libertação dos presos políticos e regresso dos exilados;

— direito dos povos das colónias á autodeterminação e consequente fim das guerras coloniais;

— política de amizade e estabelecimento de relações económicas com todos os povos

Vamos participar no acto eleitoral com a noção exacta do que nos é exigido e com a antecipada certeza de que o adversário dispõe de um arsenal de vantagens dificilmente ultrapassáveis Todavia — e isto para nós é fundamental! — o povo português é merecedor de todos os sacrifícios, encontrando-se nas expressivas atitudes de adesão, apoio e confiança, o mais forte estímulo e incentivo para luta tão desigual. Dum lado, toda a organização duma máquina burocrática e de repressão, a favor do adversário; do outro lado, a força da justiça, dos anseios, das legítimas reivindicações, de que somos os porta-vozes

Por isso mesmo estamos empenhados nesta dádiva patriótica de colaborar com as massas democráticas, certos ainda de que o eleitorado responsável virá connosco nesta cruzada de dignificação de Portugal

O acto eleitoral é apenas o início da longa jornada a percorrer: a meta final será a consciencialização política de todos os portugueses, até que obtenham o direito de cidadania. Ora, se esta tarefa é exigida, desde já, a todos os cidadãos, aos eleitores incumbe-lhes a obrigação de a tornar expressiva através do voto

Todos compreenderão que não podem ser definidas as linhas doutrinárias ou de actuação num simples «Manifesto» de natureza genérica Pensamos, mesmo assim, que o específico resulta, necessáriamente, da coerência dos princípios democráticos que defendemos. Em comunicados a distribuir pelo eleitorado tornar-se-á mais clara e concreta a posição perante os vários problemas nacionais

Defendendo e divulgando a orientação definida pelas Assembleias Plenárias da Comissão Democrática Eleitoral do Distrito de Setubal teremos sempre presentes as nossas responsabilidades perante as massas democráticas do distrito e do eleitorado em geral

Assim, conscientes, tentaremos agir e organizar, na certeza de que *«organizar é vencer!»* Eis, pois *onde desejamos chegar!*

A todo o eleitorado do distrito de Setubal as nossas saudações democráticas!

Álvaro Ribeiro Monteiro, Joaquim Palmeiro Gonçalves, José António Tavares da Cruz, e José Malheiro da Silva.

Manifesto dos candidatos da U. N. pelo Porto

Recebemos o seguinte comunicado dos candidatos da U. N. pelo círculo do Porto:

«1 — Ao dirigirem-se, pela primeira vez, ao eleitorado do distrito do Porto, os candidatos apresentados pela União Nacional sentem que um sério esclarecimento eleitoral lhes impõe a resposta a três perguntas fundamentais: Quem são, em que acreditam e que se propõem realizar se forem eleitos.

2 - *Quem somos?*

Provindos de várias correntes, cujo denominador comum é a aceitação incondicional dos supremos interesse da Nação como guia último de toda a actividade política — somos portugueses cuja liberdade e independência encontram, na tolerância e compreensão mútuas das divergências acessórias, o campo fértil para a afirmação de um pluralismo político válido e construtivo, sem a alienação insuportável daquela liberdade e independência à tutela de uma disciplina partidária.

Conscientes da gravidade da hora presente, não nos furtamos a assumir as nossas responsabilidades na modelação do Portugal de amanhã; a fazêmo-lo inteiramente livres de compromissos que não sejam os constantes assumidos perante as nossas consciências que dão sentido e dignidade à vida.

3 — *Em que acreditamos?*

Aceitamos e defendemos a nossa candidatura porque acreditamos que nenhum homem consciente pode furtar-se às responsabilidades reclamadas pelo seu País, sobretudo em fase delicada da sua vida política.

— Aceitamos e defendemos a nossa candidatura porque acreditamos que a unidade moral da Nação requer dos seus filhos a consciência e aceitação dessas responsabilidades numa sã e construtiva cooperação, independentemente das divergências não essenciais decorrentes das suas formações e orientações políticas

— Aceitamos e defendemos a nossa candidatura porque acreditamos que, no momento actual, uma das formas mais adequadas de responder ao apelo dessa exigência é esforçar-se por contribuir, através da representação nacional, numa obra de aperfeiçoamento e volução das políticas concretamente referidas ao progresso moral e material do País, em todos os aspectos que comporta.

— Aceitamos e defendemos a nossa candidatura porque acreditamos que essa obra é incompatível com uma acção revolucionária dirigida à destruição prévia das estruturas existentes; e, pelo contrário, exige, como condição primeira, um são ambiente de paz social

— Aceitamos e defendemos a nossa candidatura porque acreditamos que o pluralismo político da União Nacional garante a independência dos candidatos e basta para efectivar o plano de diálogo onde, pela via parlamentar, possamos contribuir para a promoção das reformas requeridas por aquele aperfeiçoamento e por aquela evolução, e obstando a que a paz social se confunda com imobilismo desinteressado.

4 — *Que nos propomos*

(Continua na 11.ª pág.)

Tem falta de pessoal na sua empresa?

Sente dificuldade em recrutar a mão-de-obra de que necessita?

O SERVIÇO NACIONAL DE EMPREGO pode ajudá-lo

Contacte (por escrito ou pelo telefone é suficiente) com a Divisão Regional ou Centro mais próximo

SERVIÇO PÚBLICO E GRATUITO

Em torno do ensino de base

(Continuação da 1.ª pág.)

plementar o programa de Ciências Geográfico-Naturais (repare-se bem), depois de «As actividades do homem perante o meio em que vive» (panorama geográfico sobretudo no quadro português), manda estudar «O homem como animal racional», e neste capítulo, além de breves referências à linguagem e aos sentimentos de solidariedade e fraternidade humanas (considerados as bases da constituição das sociedades), insiste em «A religião como necessidade transcendente (sic) do homem».

QUE PENSAR DE TAL ORIENTAÇÃO?

Não é, portanto, obscurecida por quaisquer equívocos a orientação que se tem pretendido imprimir. Mas cabe perguntar se será a melhor mesmo num País cuja população na esmagadora maioria se declara católica. Três ordens de dúvidas nos assaltam.

Insiste-se no espírito universalista dos portugueses, na sua capacidade de convivência com os mais variados povos e maneiras de sentir e pensar, através de todos os continentes e mares: essa fraterna atitude, que Jaime Cortesão tanto gostava de destacar. Ora tal unidade só pode assentar na aceitação sem restrições da pluralidade de crenças, modos de vida, formas de organização, ideias quanto ao homem, à sociedade e ao destino. A nação tem de viver da riqueza das suas diferentes famílias espirituais, sem exclusivismos que necessàriamente a mutilam. Mesmo que a quase totalidade dos portugueses professe o catolicismo, consoante se afirma nos programas (e tais questões de sociologia religiosa são extremamente delicadas — conviria que ao menos se meditasse nos trabalhos do sociólogo católico Gabriel Le Bras), não seria essa razão suficiente para impor uniformemente a todos um ensino transformado em simples instrumento de edificação teológica. Talvez nada sape tão desastrosamente a anelada unidade como a pretensão da unanimidade: é sempre o silêncio magoado daqueles que têm de a suportar. Para construir uma autêntica pátria não podem levantar-se discriminações entre os seus filhos, todos, quaisquer que sejam as suas convicções, têm jus a ser considerados cidadãos plenos, igualmente admissíveis a todos os cargos, e a sua voz deve ser escutada como a de todos os seus compatriotas

Estamos na época do ecumenismo, em que todas as confissões, sejam elas quais forem, se esforçam por entrar em diálogo e encontrar convergências. A própria Igreja católica, como as restantes, reconhece inclusivamente quanto contribuiu para a depuração da crença e para obrigar a teologia a uma obra séria de repensar as ideias e atitudes basilares a crítica feita pelo ateísmo. É, pois, amputar gravemente a floração espiritual, é empobrecê-la irremediàvelmente desses afluxos os mais diversos, reduzi-la a uma única das suas manifestações, qualquer que seja o seu valor. A prestigiosa colecção dos «Mestres espirituais» (Éditions du Seuil, Paris) não inclui, ao lado de Santo Agostinho, São Tomás de Aquino e São Vicente de Paula, para outros não nomear, Sócrates, Confúcio e Buda, como Epicteto e Maomet, o taoísmo, o hinduísmo e o mazdeísmo, etc.? Momentos de fulgor na evolução penosa da humanidade, como é possível escamoteá-los se queremos a formação integral dos homens? Ora no programa liceal de História (do 3.º ano), o capítulo respeitante à expansão árabe (sic — deveria dizer: islâmica, ou muçulmana) é o único em que se recomenda que o estudo «deve ser feito em síntese muito breve» — e isto sabendo-se qual a importância do Islame nas origens da nossa nação?! Das civilizações chinesa, indiana, japonesa, nem uma plavavra, e portanto nada sobre as grandes conquistas espirituais do Oriente — e isto sabendo-se que a expansão portuguesa entrou em íntimo contacto com tais civilizações e contribuiu poderosamente para as revelar à Europa, que nelas tanto foi haurir?!

Nem talvez na Idade Média tanto se subordinassem as diversas actividades humanas a esse fito único da edificação religiosa. Ora em nossos dias é inteiramente impossível reduzir a humanidade ao *homem crédulo*, ao crente. Que fazer então de todo esse prodigioso acervo de obras de civilização que são a ciência e a arte, a literatura e a filosofia, o direito e a técnica? O inconsiderado imperialismo da religião não pode deixar de a desprestigiar e fortemente. São aquelas, que citámos, actividades autónomas, com uma opulência de seiva que não se submete a transformarem-se em meras «servas da teologia»; mais: elas até é que definem melhor o humanismo do nosso tempo. Existe a humanidade há um milhão de anos, senão mesmo mais; construindo-se a si própria pelo fabrico de utensilagem e pela recíproca acção do cérebro e da mão; os primeiros vestígios de religiosidade, e ainda incertos, datam do Moustierense, há cerca de 80 000 anos (Bordes, *Le Paléolithique dans le monde*, Paris, Nouvelle Clio, 1968). Não pode privilegiar-se assim uma das manifestações que a humanidade veio a atingir, e muito menos encará-la em exclusivo.

OS FINS: A ALTERNATIVA DO NOSSO TEMPO

O processo educativo tem de formar homens na sua plenitude, com uma cultura integral. Cabe-lhe encaminhar cada qual para a realização de si próprio na dignidade do trabalho — graças a essa sempre inovadora coordenação da mão e do pensamento, que noutro nível passa a lógica da operatoriedade, e de outra maneira se objectiva na criação artística: inserção no meio técnico, que é a humanização do meio natural, mas também o permanente tecer da vida social em que todos sejam cidadãos cooperantes (não simplesmente anuentes); e ainda passagem da acção imediata sobre o meio à atitude científica, a esse espírito de incessante indagação, posição de problemas, aventar de hipóteses, aplicação metódica da dúvida, exigência de verificação e prova, imperativo de racionalidade que é a busca da perfeita comunicabilidade.

Num país, como o nosso, cujo problema fundamental é entrar na modernidade (ou continuar a recusá-la), afigura-se-nos que essa deve ser, inescapàvelmente, a finalidade da educação: visar o trabalhador e o cidadão, radicar o espírito científico (que não se coaduna com o espanto crédulo ante as «maravilhas da natureza» como caminho para um transcendente, tão do gosto dos actuais programas, mas que à explicação em ciência não é chamado), levar a comparticipar na fruição das criações artísticas.

A PROGRAMAÇÃO DOS ENSINOS PRIMÁRIO E SECUNDÁRIO

A dificuldade de organizar os primeiros graus de ensino foi bem exposta por António José Saraiva, já em 1947, em *A escola, problema central da Nação* (opúsculo que bem merece ser relido, ou lido pelos que o não leram, e para isso reeditado): as matérias são sempre organizadas consoante se apresentam ao adulto culto — em sistemas de conhecimentos (geometria, geografia, química, história...), mas o que para o adulto culto tem finalidade quase óbvia não a tem para a criança; esta, do brinquedo passa ao jogo, e com o jogo entra na fase das tarefas a realizar; é por tarefas, portanto, que o ensino tem de ser organizado, e de acordo com os interesses do educando: «a actual divisão do programa em matérias estanques separadamente e a cargo de professores estritamente especializados não se coaduna com este tipo de aprendizagem, visto que cada tarefa pode exigir o recurso a vários ramos da Ciência, e não é possível canalizar em disciplinas separadas a experiência quotidiana do aluno na vida complexa em que o integra a Escola. Em vez de uma especialização científica por matérias, exige-se antes do educador uma especialização pedagógica sobre uma larga cultura geral.» (pp. 28-9; cf. pp. 22-3)

Ora actualmente os programas quer da instrução primária elementar quer da complementar e ciclo preparatório estão arrumados inteiramente por «disciplinas»: Português, Aritmética e Geometria, Ciências geográficas-naturais, Desenho e Trabalhos Manuais, História, Moral e Religião, Educação musical, Educação Física, a que acresce, no Ciclo Preparatório, uma língua viva estrangeira. Neste Ciclo preparatório desligou-se a Geografia das Ciências da Natureza para a unir à História; mas nem numa nem noutra modalidade há verdadeira interpretação: o que acontece é, no caso do casamento História-Geografia, justaposição sucessiva de fatias de uma e de outra, sem o mínimo esforço de integração numa totalidade coerente. Desde logo ressalta, por outro lado, a ausência de educação artística: aprende-se desenho (e pintura), aprende-se rudimentos de música — mas o convívio com as obras de pintura, escultura, arquitectura, música, a criação das atitudes fundamentais para as poder apreciar? Nada está previsto, e seria primacial incluir, todavia. O electrofone, o rádio, o magnetofone, o projector, com uma razoável discoteca, colecção de diapositivos ou álbuns, tornam hoje possível levar a qualquer ponto esse conhecimento que deve ser convite a formas mais directas de intimidade. Continuam a reservar-se os meios audiovisuais para a aprendizagem de línguas. Não menos grave do que esta ausência da arte é a falsa presença da ciência. É que houve muito pouca preocupação de incutir o espírito científico. Em todos estes graus de ensino a intenção (expressamente declarada) foi provocar estados emotivos fortes. Ora, como já dizia Antero, se o entusiasmo é bom, porque eleva o espírito, a crítica é melhor ainda, porque o esclarece. Chega-se a expor que «Não se pretende fazer estudo científico de História e de Geografia (aliás incompatível com as mentalidade destes alunos)»! Pois é precisamente o estudo científico (não confundir com aborrecedor) da História e da Geografia o único que interessa fazer, e é a criação da mentalidade científica, nesses como noutros domínios, o que sumamente importa. É só na declaração de objectivos das Ciências da Natureza do Ciclo preparatório que se fala de desenvolver o espírito de observação e de investigação científica, e se visa uma iniciação no espírito científico; quando deveria constituir objectivo essencial da maioria das disciplinas. Além da finalidade edificante, os programas apenas reconhecem como fito assaz geral a sólida preparação em língua pátria. De louvar, sem dúvida. Tanto mais de louvar, quanto a leitura dos programas nos convence que é urgentíssimo e de primacial importância o acertado manejo do instrumento linguístico (fujo à tentação de transcrever — seria mil vezes pior...)

INDICAÇÕES SUMÁRIAS

Entendemos que a educação primária tem de seguir-se a uma boa educação infantil e deve abranger até os doze anos de idade, ministrada na mesma escola desde os oito. Discordamos da ramificação aos dez anos em ciclo primário complementar e ciclo preparatório ao ensino secundário; não é de mais querer para pá a escola única para todos os portugueses até essa idade, enquanto não pode estender-se ao grau seguinte, dos 12 aos 15anos. A ramificação acentuará a disparidade entre populações rurais e populações urbanas, e nas cidades a clivagem social entre classes operárias e burguesia. Os programas, tais como se apresentam, podem ser fàcilmente unificados; a única diferença séria é o ensino de uma língua viva estrangeira no Ciclo Preparatório Mas a ramificação ainda terá outro efeito: é que os melhores quadros docentes encaminhar-se-ão para o Ciclo Preparatório, e o Complementar fará o papel de parente pobre. Unificada, por conseguinte, a educação primária dos 8 aos 12 deve organizar-se em torno de tarefas a realizar, de planos formados com os próprios educandos e que se vão cumprindo; o propjecto global é que constitui o verdadeiro centro de interesse a motivar as actividades. Claro que convém que no termo o educando domine certas técnicas e seja capaz de utilizar um determinado cabedal de conhecimentos; o programa fixará esse conteúdo mas sem que estabeleça de tal modo a ordem de matérias a versar, apenas a meta a atingir. Cabe à escola principalmente proporcionar ao educando a manifestação das suas potencialidades, para que possa ser orientado.

Ao passar à escola de segundo grau, dos 12 aos 15 anos, há que contar com duas séries de trabalhos: uma ainda em volta de tarefas planeadas, a outra segundo ramo de actividade humana definidos (matemática, química, etc.); procurando estabelecer a conexão mais íntima possível entre uma e outra série, de modo a que não apareçam simplesmente justapostas. Sem esquecer que a escola tem de abrir ao educando o leque completo das actividades humanas, e portanto não escamotear a arte, nem a ciência, nem a vida cívica. A vida cívica encontra-se particularmente maltratada no nosso ensino, perdida como agulha em palheiro no dédalo da instrução católica, e mesmo aí incompletíssimamente abordada. Baste-nos frisar dois pontos: por um lado, matraqueia-se o educando com os deveres do cidadão para com o Estado, mas nunca se lhe ensinam os seus direitos; por outro, não há o mínimo ensejo de actividade cívica, ora não pode tratar-se de mais uma disciplina «a empinar», tem de ser forma efectiva de viver em sociedade.

Diz-se no programa do Ciclo Elementar do primário: «A criança é um ser livre, e se quer actuar com êxito na formação da sua personalidade, é preciso captar-lhe primeiro a simpatia, de maneira que a sua vontade se disponha livremente a receber os influxos da educação.» Não, senhores, não! Deitemos pela borda fora a pedagogia de cordelinhos, que pela persuasão visa a chegar à conformação; educar é permitir a cada qual construir-se a si próprio, e no exercício efectivo dos seus direitos e deveres na sociedade ser realmente livre.

VITORINO MAGALHÃES GODINHO

ELECTRO-OURO, L.DA

Calç. da Estrela, 80-C — Tel. P. P. C. A. 675919-677389-676670

Comunica que não se responsabiliza por qualquer assunto tratado pelo seu ex-colaborador Francisco Roque Raimundo, agradecendo a todos os Clientes que tratem directamente com esta firma.

3.º SALÃO DE EXPOSIÇÃO NSU

Todos os modelos NSU em exposição
e secção de carros usados provenientes de trocas

NOVO STAND
AV. DA REPÚBLICA, 84 (fronte à feira popular) TEL. 77 80 73 • LISBOA

A sessão eleitoral da C. E. U. D. no Porto

(Continuação da 1.ª pág.)

levou a fazer algumas considerações. Justificou, depois, a ausência, por doença, do sr. dr. Alberto França

Foi, dada, então, a palavra ao primeiro orador oficial, o sr. dr. Manuel Coelho dos Santos que fez uma análise crítica aos problemas ultramarinos. Citou, depois uma página do livro do nosso camarada de Redacção dr. Raul Rego — «Diário Político» — concluindo: «Nós reclamamos sindicatos livres e o direito á greve — que são necessários para que o País possa entrar numa fase de recuperação económica».

«TEMOS DE CONSEGUIR UMA POLÍTICA PARA JÁ»

Recebida com uma estrondosa salva de palmas, a sr.ª D Sophia de Mello Breyner Andressen começou por dizer:

«Entrei nesta campanha eleitoral para ajudar a modificar um sistema político e social que em minha consciência considero injusto

A situação portuguesa é grave e urgente. Por isso não podemos trabalhar apenas para uma política do futuro. Temos de conseguir uma política para já Temos de tentar conseguir já tudo aquilo que possa ser conseguido já. Porque os doentes que vão morrer por falta de tratamento não podem esperar mais. Porque os que vivem nos bairros da lata, e os que emigram por falta de trabalho, e os que vão morrer e matar em África não podem esperar mais. Porque as crianças que vão ser submetidas a um ensino absurdo não podem esperar mais. Porque os estudantes a quem é negado o direito á palavra não podem esperar mais. Porque os que ganham salários injustos e os que são perseguidos não podem esperar mais.»

«É por isso que pedimos ao povo português que se inscreva para votar e que use desta arma pacífica que é o voto, e é por isso que reclamamos eleições livres para que o povo português volte a ter confiança no sistema eleitoral».

Prosseguindo, afirmou: «É preciso exigir leis que garantam a liberdade de informação através de todos os meios de comunicação. Exigir leis que garantam a liberdade sindical e o direito á greve. Exigir leis que garantam a liberdade política a todos os Partidos. Assim, é necessário que o Partido Comunista possa ter em Portugal existência legal á luz do sol. Obrigar o Partido Comunista a uma existência clandestina não é só um acto injusto: é também criar para a vida Política portuguesa uma situação malsã de falsidade.»

Depois de abordar problemas de ordem cultural disse que «a única arte que tem sobrevivido é a Poesia porque a Poesia é a única arte que sobrevive nos países ocupados» e concluiu:

«Quando falo da democratização da cultura peço ao Povo do meu País que vote em si mesmo: isto é: que faça um acto de confiança na sua própria capacidade de compreender e de aprender e que reclame a informação a que tem direito, que reclame um ensino a que os seus filhos têm direito, que reclame o acesso á cultura a que todos os homens têm direito. Para que se possa dizer que o sol quando nasce é para todos»

OS ÚLTIMOS ORADORES

Usou depois da palavra o sr dr. Rui Bastos Sequeira que na sua qualidade de médico e de homem vinha trazer á sessão o testemunho da sua experiência, citando vários casos de famílias que vivem como autênticos animais, em tugúrios onde só a morte é a sua libertação.

Falaram, ainda, os srs. drs. Vilhena de Andrade, que referiu a crise da agricultura que «o despovoamento provocado pela emigração torna mais trágica ainda»; João Araújo Correia, que abordou problemas relacionados com o próximo acto eleitoral; Artur Santos Silva, que fez o elogio do coronel Hélder Ribeiro e apelou para que todos colaborem na fiscalização do próximo acto eleitoral, criando comissões de freguesia.

O sr. dr António Macedo, em nome do presidente da mesa encerrou a sessão, que terminou com os presentes a cantarem o Hino Nacional.

Os candidatos da U. N. de Vila Real propõem-se defender o direito à liberdade individual e pugnar pela valorização regional

VILA REAL, 14 — A comissão distrital da União Nacional promoveu ontem, no Teatro Avenida, uma sessão publica de propaganda e esclarecimento do eleitorado deste círculo de Vila Real, durante a qual foram oradores os candidatos a deputados pelo círculo, srs. eng.º Humberto Cardoso de Carvalho, drs. João Camelo, Jose Montalvão Machado e Raul da Cunha Araujo. Presidiu o sr. eng.º Luís Castro Saraiva, presidente da comissão concelhia da U. N. que abriu a sessão. Ladeavam-no o presidente e demais membros das comissões distrital e concelhia da U. N. e os candidatos a deputados para a nova legislatura. Usou então da palavra, o coronel sr. Augusto Pinto Sequeira, presidente da comissão distrital da U. N. que depois de dissertar sobre «a magnífica política que está a seguir o Presidente do Conselho, prof. Marcello Caetano, repetindo que «Marcello Caetano merece ser ajudado» como ouviu a um homem simples.

Fez seguidamente a apresentação dos novos candidatos, traçando a biografia de cada um deles, como homens de acção. O palco, ornamentado com bandeiras nacionais e da cidade, estava ricamente engalanado com as bandeiras da U. N e de todos os concelhos do distrito, vendo-se ao fundo enormes fotografias do Presidente do Conselho aquando da sua visita ao Ultramar. Mais de um milhar de pessoas encheram por completo aquela casa de espectáculos, ouvindo-se muitos vivas a «Portugal uno e indivisível», a «Marcello Caetano», á «União Nacional» e a «Portugal ultramarino».

Falaram depois os candidatos que afirmaram a sua aceitação e apoio da política de continuidade e renovação definida pelo sr. Presidente do Conselho e tendente á construção de um verdadeiro Estado Social.

«Nessa linha de rumo defenderão para todos os portugueses:

1 — O direito á liberdade individual á qual apenas se reconhecerá como limite o que fôr ditado e exigido pelo interesse da colectividade; 2 — O direito a trabalho digno e justamente remunerado; 3 — O direito á educação e instrução não só de base mas em todos os graus do ensino; 4 — O direito a perfeitas assistência e previdência na doença, na velhice, na viuvez e na orfandade; 5 — O direito á habitação própria e condigna.

No plano regional: 1 — Baterão-se pela rápida instalação de todas as infra-estruturas económico-sociais — abastecimentos de água domiciliários, construção de estradas e electrificação — necessárias e em relação ás quais é manifesto o atraso do distrito; 2 — Lutarão por uma eficaz política de bem-estar rural para a qual julgam necessária a imediata reestruturação da agricultura, através do associativismo com base em unidades de tipo familiar e da instalação de melhoramentos fundiários de imediata e forte reprodutividade; 3 — Pugnarão pela revalorização dos preços dos produtos agrícolas e pela limitação ao mínimo essencial do respectivo circuito comercial a impôr-se em toda a vasta e diversificada lavoura regional e a revestir grave problemática na região duriense onde se verifica um grave desfazamento entre os custos de produção e de venda ao consumidor; 4 — Defenderão a instalação de industrias ao nível regional que absorvam a mão-de-obra ainda excedentária no sector primário; 5 — Procurarão que os serviços florestais e a Junta de Colonização Interna dinamizem a sua actividade no distrito para o eficaz aproveitamento de todos os baldios e para o necessário apoio técnico e económico á lavoura; e 6 — Pugnarão porque o Governo reconheça o incontestável valor turístico de toda a região e assim lhe dê o mínimo essencial á sua concretização e desenvolvimento.

Os oradores foram carinhosamente aplaudidos no final dos seus discursos, tendo, por fim, sido transmitidos o Hino Nacional e a marcha «Angola é nossa» que a assistência acompanhou em coro.

Amanhã em Setúbal: comício da C. D. E.

SETÚBAL, 14 — Realiza-se amanhã, ás 20 e 30, no Casino Setubalense, uma sessão de propaganda eleitoral promovida pela C. D. E. do distrito de Setúbal.

Durante a sessão, que será presidida pelo sr. eng.º Henrique Cabeçadas, usarão da palavra os candidatos oposicionistas pelo círculo e, ainda, os democratas Fernando Manuel Tavares e Daniel Nobre Mendes Conceição, de Setúbal, e Manuel Cabanas e Artílio Baptista, do Barreiro.

O manifesto dos candidatos pela U. N. do Porto

(Continuação da 9.ª pág.)

realizar? Que queremos?

— Queremos contribuir com todo o nosso esforço para o progresso moral e material da Nação, a ritmo cada vez mais acelerado.

— Queremos que toda a vida colectiva seja orientada por aqueles valores essenciais e perenes que enformam o pensamento cristão, nomeadamente no respeito da intangível dignidade da pessoa humana, na sua promoção socio-económica e política, e na consolidação de uma sociedade progressiva e cada vez mais justa.

— Queremos proclamar que, conscientes da gravidade e alcance dos problemas relativos à unidade da Nação portuguesa e à posição que, nela, assume o Ultramar, damos o nosso apoio firme e a nossa mais viva esperança à linha de política defendida por Marcello Caetano, na sua alocução ao País.

— Queremos a potenciação de todos os esforços válidos no sentido de um desenvolvimento económico, rápido e intenso, que contemple devidamente as regiões e sectores mais necessitados.

— Queremos uma sociedade portuguesa cada vez mais justa, por adequadas políticas de melhoria na repartição do rendimento nacional, de segurança social prosseguida pelo aperfeiçoamento e generalização da previdência, e de uma assistência eficaz.

— Queremos o reforço de todas as políticas tendentes à melhoria, expansão e generalização do ensino, em vista a tornar frutuosa uma política cultural que responda às necessidades e realidades actuais da Nação. Defendemos por isso tudo o que, de olhos postos nos supremos interesses nacionais, possa validamente contribuir para o progresso das várias estruturas do ensino e da cultura em geral, e dignificação das suas instituições a todos os níveis, propiciando-lhes as condições favoráveis ao esforço decisivo que se lhes pede no campo da instrução, da educação e das criações científica, artística e literária.

— Queremos contribuir para o aperfeiçoamento social conducente à generalização, tão vasta quanto possível, das oportunidades oferecidas a cada português, independentemente das suas condições económico-sociais.

— Queremos uma política de defesa das estruturas morais da Nação, com relevo para a preservação e defesa da instituição familiar, cujas realidades morais e materiais devem estar presentes em todas as políticas, como, por exemplo, as da educação, da habitação e da saúde.

— Queremos o aperfeiçoamento das estruturas de representação orgânica, nomeadamente no mundo do trabalho, de modo a preservar-se e fomentar-se a autenticidade da representação, a alargar-se o mais possível o seu contributo para a resolução dos problemas levantados pela complexidade crescente da vida económico-social e obstando-se a que elas se transformem em instrumento de jogos políticos inconfessados.

— Queremos uma política de juventude, atenta às exigências dos tempos actuais, que promova o adequado equilíbrio entre as necessidades de um são diálogo das gerações e a manutenção da indispensável autoridade na família e na escola. Poltiica que se oriente pela integração progressiva e consciente dos jovens nas responsabilidades que lhes cabem na modelação do Portugal de amanhã.

— Queremos um contacto estreito e permanente com os povos do distrito, no sentido de bem desempenharmos a nossa missão de deputados pelo seu círculo, contribuindo para a resolução dos problemas respectivos, nomeadamente no campo económico-social.

Alberto Meireles
Francisco de Almeida e Sousa
Francisco de Sá Carneiro
João de Almeida Garrett
Joaquim Macedo
Joaquim Pinto Machado Correia da Silva
José da Silva
Leonardo Coimbra
Ramiro Queirós
Vasco da Costa Ramos.»

Uma carta do dr. Francisco Pereira de Moura

Recebemos do dr. Francisco Pereira de Moura a seguinte carta:

«Ao abrigo do que se encontra estabelecido na Lei de Imprensa, venho pedir a publicação da seguinte resposta a um comunicado emanado da Comissão Executiva da U. N., saído na Imprensa de hoje, 13 do corrente, e no qual sou directamente visado em termos inaceitáveis.

Assim:

1. Lamento, uma vez mais que não tenha sido possível á U. N. enviar ninguém á mesa-redonda promovida pelo «Diário de Lisboa» acerca de «Capitalismo ou Socialismo?» Se lá tivesse estado, não só essa organização e a sua Comissão Executiva saberiam quanto aí foi dito na totalidade, como não se teria perdido a oportunidade de esclarecer o publico sobre os problemas debatidos, evitando-se o recurso aos interiores a notas e insinuações.

2. Há, todavia, alguma coisa para nos congratularmos: ter saído no «Diário de Lisboa» um conjunto de afirmações que, na ocasião, os participantes consideraram de publicação impossível. Se da Comissão Executiva houve, eventualmente, qualquer interferência nisso — a «mesa» esteve retida tantos dias! — o publico tem, finalmente, alguma coisa a agradecer á União Nacional.

3. Quando afirmei que, temos que prestar homenagem aos comunistas portugueses» fi-lo — e reafirmo agora — pelos seguintes motivos: são pessoas que de longa data vivem os problemas políticos e sociais portugueses, o que é de realçar e agradecer num País despolitizado como o nosso; mas, sobretudo, porque são pessoas que têm sido banidas da vida do País e de uma forma afrontosa e vergonhosa para todos nós. Discordar politicamente nunca pode justificar um tratamento policial e judiciário indigno de seres humanos e que atinge, embora de maneira diversa, tanto os que sofrem, como quantos o aplicam ou permitem. Espero que ainda haja na U. N., designadamente entre os candidatos da «renovação», quem me acompanhe nesta atitude.

4. Não posso ignorar que acusações da natureza das que a Comissão Executiva da U. N. formulou pretendem atingir, através de mim, a organização eleitoral em que tenho trabalhado. Deixando para essa organização — a C. D. E. de Lisboa — o esclarecimento definitivo que o caminho de deturpação política adoptado pela U. N. está a exigir, limito-me a recordar que tenho dado e continuarei a dar suficientes provas de estar integrado na ordem constitucional estabelecida; é coisa que não poderão dizer, sèriamente, todos os elementos responsáveis da U. N., sobretudo da «velha».

5. Finalmente, não quero perder a oportunidade, que me é dada pela U. N. de comunicar o que seriam pontos muito importantes do programa de um dos «mais conhecidos candidatos da C. D. E. de Lisboa» se chegasse a «chamar a si, amanhã, a direcção dos destinos de Portugal», embora, de há dez anos para cá, pelo menos, esse candidato tenha mostrado pouco interesse pelo poder e pelas posições importantes da política.

A extinção da polícia política e a abolição da censura prévia á Imprensa bastavam para começar a mudar, profundamente, a situação do País; e quanto á U. N., sem esses dois sustentáculos, cairia por si.

Lisboa, 13 de Outubro de 1969

a) *Francisco Pereira de Moura.*»

● A SESSÃO DA U. N. EM VISEU — No dia 16, pelas 21 horas, efectua-se em Viseu, no Cine Rossio, uma sessão de propaganda eleitoral dos candidatos da «União Nacional». Serão oradores os srs. drs. Albano Vaz Pinto Alves, António Fausto Moura Guedes Correia de Magalhães Montenegro, Fernando Melafaia Novais, João Duartee de Oliveira, João Manuel Alves e José Coelho de Almeida Cotta.

Aspecto da assistência à primeira sessão de propaganda dos candidatos propostos pela Comissão Eleitoral Monárquica

O comício da C. E. M.

(Continuação da 1.ª pág.)

Ainda sobre o momento político, o dr. Fernando Sylvan aludiu á sua integração nesta lista de candidatos independentes e invocou a sua condição de natural do Ultramar *(«Só eu sei as vezes que me interroguei sobre se alguma vez teria voz no meu País!»*

Falou a seguir o candidato Manuel Jorge Magalhães e Silva, o mais jovem da lista da C. E. M., que, no início da breve análise que fez á vida política em Portugal nos ultimos sessenta anos, afirmou: *«Venho falar-vos de Portugal oprimido, venho falar-vos em nome daqueles que ficaram de pé para dizer* não *á ditadura e á demagogia».*

O candidato Magalhães e Silva apontou alguns factos da história portuguesa deste século.

O orador referiu-se ainda á aceitação do Governo na actual campanha eleitoral e citou casos de limitação de liberdade necessária em momentos como este, para concluir: *«Iremos até ao fim, iremos até ás urnas».* Também o sistema corporativo lhe mereceu algumas considerações, assim como outros aspectos da actuação do Governo.

O candidato Magalhães e Silva referiu-se, por ultimo, a alguns aspectos da política de Marcello Caetoan nomeadamente ás suas conversas em família. Terminou: *«Chegou o tempo de não termos tradições nem partidos».*

O ultimo orador, dr. Rolão Preto, foi recebido com uma grande salva de palmas, e o seu discurso, muito breve, começou com um apelo á unidade: *«Monárquicos e republicanos, direitas esquerdas, uni-vos todos, porque o nosso nome é de portugueses».* E depois, como em tom sebastianista: *«Estamos aqui para fazer aquilo que nos manda a hora: o resgate desta Pátria».*

O dr. Rolão Preto fez, depois, uma muito breve análise do Estado Novo, começando, no entanto, por se referir a Marcello Caetano, de quem disse que *«nada nos custa a acreditar que é uma pessoa de boa vontade»*, admitindo mesmo que *«alguma coisa mudou desde que ele entrou para o Governo». Mas* — continuou o orador — *por detrás dele está o Estado Novo e o Estado Novo foi a ruina da Nação».*

Por fim, o dr. Rolão Preto afirmou que *«a solução está de fora para dentro, a solução está na nossa mão, na mão dos homens de boa vontade»* e referindo-se á liberdade, á perda de todas as liberdades, como que exultou: *«Liberdade! Que grande palavra, que rica palavra, que saudosa palavra a liberdade!»*

A sessão terminou antes da meia-noite com um «Viva Portugal»

Muitos pretendem aproveitar este período eleitoral para fazer um golpe de Estado

—afirmou um candidato da U. N. na sessão de S. Brás de Alportel

S. BRÁS DE ALPORTEL, 13 — No cinema local, houve ontem uma sessão de propaganda eleitoral, promovida pela comissão distrital de Faro, e de apresentação dos candidatos a deputados pelo círculo. Presidiu o sr. José Nepomuceno Mora Féria, presidente da comissão concelhia da U. N., que estava ladeado pelos candidatos a deputados, dr. Jorge Augusto Correia, dr. Manuel Elias Trigo Pereira e eng.º António da Fonseca Leal de Oliveira; capitão Rafael Pedro Pereira e Libertário dos Santos Viegas, da comissão eleitoral, e Emídio Martins Eusébio Rodrigues, vice-presidente da comissão concelhia daquele organismo político.

A abrir a sessão, a assistência cantou a marcha «Angola é nossa», após o que o vice-presidente da comissão concelhia da U. N. fez a apresentação dos candidatos. O primeiro orador foi o candidato eng.º António Leal de Oliveira, que afirmou, nomeadamente:

— *«É com imenso prazer que venho hoje proferir algumas despretensiosas considerações a S. Brás de Alportel, terra natal da minha avó materna cuja memória muito venero. Naseeu aqui perto, em S. Romão, e tanto me falava da sua terra de nascimento e nas suas gentes — nos Sousa, nos Pintos, nos Eusébios, nos Dourados, nos Pires, etc. — e em muitas outras famílias a quem estava ligada por laços de sangue ou de amizade, que ainda hoje sinto forte afeição a este concelho. Perdoem-me V. Ex.as estas reminiscências sentimentais. Passarei imediatamente a expor as razões desta minha intervenção. Pretendem muitos aproveitar este período eleitoral para tentarem fazer um golpe de Estado ou, mais simplesmente, discutir o regime político. Mas as eleições não devem servir, nem nós queremos, para derrubar regimes, mas sim, com toda a naturalidade constitucional, substituir e refrescar, na mais alta Assembleia do País, os seus membros, de acordo com a opinião do povo português. (...)*

O concelho de Alportel, tem cerca de 8200 hectares dos quais 60% são terrenos delegados, erosionados e fortemente dobrados, e, 30% constituem o "chamado «barrocal».

A propriedade rustica, tanto na serra como no «Algarve», está muito dividida e dispersa. Predomina, também, a pequena propriedade.

Esta rápida caracterização agrária do concelho permite, desde já, diagnosticar a grave crise que a lavoura local atravessa e que esteve mascarada durante anos, enquanto durou o período de salários baixos e mão-de-obra abundante.

A crise agrícola explodiu e todos V. Ex.as que têm a sorte ou pouca sorte, não sei como dizer, de serem empresários agrícolas, encontram-se de certeza numa situação económica grave.

Em seguida, usou da palavra o candidato dr. Manuel Trigo Pereira, que, a dada altura, disse:

— *«Os conhecimentos técnicos de que hoje dispomos, bem como o resultado de algumas experiências aqui levadas a efeito, garantem também e na zona serrana, a possibilidade do estabelecimento de prados permanentes adentro da área a florestar e a defesa contra a erosão, como se está fazendo por exemplo em Pero de Amigos. (...)*

E tudo porque, temos no Algarve difíceis e longas vias de comunicação para os grandes centros, energia cara, arrisco-me a dizer mesmo a mais cara do País e não possuímos nenhum porto de mar que possa promover o escoamento fácil, rápido e económico dos produtos que trabalhamos — desde as pedras e mármores, ás conservas, ao sal, e á cortiça».

O ultimo orador, de cujo discurso transcrevemos alguns passos, foi o candidato dr. Jorge Augusto Correia:

— *«E se muitas das reivindicações apresentadas pela Oposição não teríamos duvidas em subscrever, por constituirem parcelas do nosso próprio ideário político, outras há que refletem conceitos de vida que não se coadunam nem com a nossa maneira de ser nem com os superiores interesses da Nação, pluricontinental e multirracial que edificámos com a doação total da nossa vocação ecuménica e civilizadora! (...). Sem a pretensão de incensar os novos Governantes e sem me vincular pròpriamente á personalidade, aliás insinuante, de Marcelo Caetano, o seu programa e a sua maneira de agir sentia-se como necessária há muito no meu espírito e na minha própria maneira de ser.*

Penso que sem a inspiração clarividente e providencial de Sua Excelência o Presidente da Republica, e quem expresso, respeitosamente, o meu inteiro aplauso, na escolha do Professor Marcello Caetano para a chefia do Governo, dificilmente se teria entrado sem solavancos na era nova que todos queremos ajudar a construir. (...).

Guardei propositadamente para o fim a confissão de que sou pela Liberdade — mas aquela que nos permite criticar sem ofender, que nos conceda a possibilidade de nos movimentarmos á vontade sem contrariarmos a Liberdade dos outros e que conduza ao bem estar espiritual do Povo, mas não *pela Liberdade que — contrariando e negando* mesmo o seu próprio nome — *amordaça e vilipendia e uniformiza todos os estilos da vida!*

No final, a assistência, depois de vitoriar o Presidente do Conselho, cantou o Hino Nacional.

DL MESA REDONDA

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA» — ESPECIAL ELEIÇÕES — 14 DE OUTUBRO DE 1969

Diário de Lisboa
juvenil
N.º 643
DOS JOVENS PARA TODOS

DEIXAI O TEMPO ROER AS UNHAS DOS NOSSOS DIAS

(José Gil)

A PROPÓSITO DE «COPÉLIA»

a Maria Eduarda Rita da Palma

por António da Silva Melo

Leio o teu trabalho publicado no Juvenil de 16-9-1969 e tento compreender o que terás pretendido. É curioso que a princípio fiquei interessado e li até ao fim. Depois, fico a pensar no que escreveste: «...*e eu tenho vontade de chorar e saudades de quando éramos pobres e só comíamos sopa e pão*». Sinceramente, tu acreditas no que dizes e fá-lo com consciência? Talvez tu sejas uma «Copélia» (no que não acredito), mas é mais natural que sejas uma menina burguesa habituada a viver na cidade (Lisboa?) e, quem sabe, a passar férias na aldeia, ares puros, vida sã, costumes simples, etc. e tal! Há tempos, um amigo meu insurgia-se com a debandada das populações rurais para as cidades, pois nas aldeias a vida é mais pura, não há consciência dos graves problemas, e as pessoas são, portanto, mais felizes! Os lavradores, que vivem sossegadamente nos campos são, no fundo, os bem-aventurados, «*dá-lhes a justa terra o mantimento / mugem suas ovelhas cento a cento*»! Tudo isto também me dizia ele à mesa de um café, entre uma «bica» e dois cigarros. Mas já reparaste que quem faz a apologia da vida campesina tem, em regra, os pés bem quentinhos e a barriga cheia?!

Copélia veio para Lisboa e sentia-se infeliz, deslocada, porque tinha sido criada na aldeia. Mas ela compreenderia mais tarde, quando crescesse e fosse adulta, que ir à ribeira e atirar pedras à água não era tudo na vida, mesmo na vida de uma criança, e que comer só sopa e pão e andar sempre descalça não era justo. Entendes, Maria Eduarda, não era justo nem humano!

Costumas ler a «Mosca» do «Diário de Lisboa», aos sábados? Lê, então, as «Redacções da Guidinha», lê-as bem, com atenção, compara a Guidinha à tua Copélia, comportamento, mentalidade, espírito crítico, e talvez entendas melhor porque é que eu te escrevi.

A ESQUINA DA CASA ALTA

por António Manuel Ferreira Figueiredo

São quatro. Andam pelos vinte. Operários da indústria, figuram no «curriculum vitae» da minha rua. Definem-lhe uma mistura de rural e urbano. Reúnem-se todas as noites à esquina da casa alta recortados por luz fosforescente que cai de um candeeiro sujo. Em frente, a vegetação espessa de uma casa solarenga esconde da curiosidade própria destes sítios uma família de ingleses. As janelas verdes desbotadas parecem concordar com a gente que diz que foi fracasso, falência ou desgraça. Uma questão de moeda fraca ou foi o jogo que os arruinou? As opiniões dividem-se. Mas a ruína deles não é palpável, não se vê. Não percebo.

São quatro. Ouço-os agora e escrevo, escrevo sempre. Falam talvez de mulheres ,televisão, futebol. As palavras chegam-me dispersas. As mais altas ajudam-me a construir o tema. Insultam-se às vezes. Quem não gosta é a senhora da casa alta. Deve adormecer com palavrões nos ouvidos. Abre a janela e ralha. Diz que vai chamar a guarda, o regedor, que faz queixa não sei onde. Desculpam-se. A senhora da casa alta vive só.

A discussão prolonga-se pela noite. E depois das dez o ambiente aquece. Pela rua que ladeia o refúgio dos ingleses e que sobe bastante aparecem as primeiras pataqueiras que trabalham numa fábrica de tecidos. Oito horas contínuas diante de homens-teares que lhes espreitam o corpo roliço e que esperam a mínima queda, o primeiro convite. E quando depois das dez palmilham o caminho escuro e só, trazem a revolta no corpo, nos fios que aclaram os cabelos castanhos e negros, na língua. E falam, discutem, berram até. Ao passarem na esquina da casa alta surgem os piropos de parte a parte, ferem-se. Nunca consegui saber quem provoca a discussão. Não chegam a parar. Porfiam até dobrar a outra esquina lá em cima. Quem termina é o vencedor. Na cave dante dos livros e das folhas sou testemunha. Por momentos, suspende-se um clima de fúria destrutiva, de erotismo felino e acerado. Imperceptível. Até que desaparece. Escrevo pendente do que se passou e se repete.

Um dia por semana emigram para o Porto. De noite. Venho por vezes com eles no último eléctrico. Sento-me. Ficam na plataforma avivando os pormenores da fuga nocturna. Do mesmo modo alinhavo a conversa. Passam por um bar ou dois. E acusam-se de terem cedido. O mais valente é o que paga menos cerveja, Quem não pagar nenhuma é super. Ela bem tentou. Mas se ele estava ali era para se divertir não para se arruinar. Quase sempre o homem dos bilhetes olha-os interessado. A cabeça pesa-me e o «eléctrico» dá a velocidade que a noite permite. O jornal ou o livro fecha-se sem querer. Perco o fio da conversa.

Desperto. Salo do eléctrico. Em breve passo-lhes à frente. Boa noite. Saudam-me. Trazem o Porto nos fatos sem óleo, no ruído do choque dos sapatos com o asfalto. E fanfarronam cervejas que afinal pagaram, beijos que não tiveram. Passa da uma. Silencioso, o mercedes do inglês desliza pela rua abaixo até passar o portão da casa solarenga. As grades fecham-se e os dois lampões que as ladeiam apagam-se. Só a vegetação espessa e uma luz no sotão. Subitamente emudecidos cada qual abre a sua porta. Despedem-se.

São três. Amanhã dois, depois talvez nenhum. A tropa vai dizimando o grupo. Um deles o Carlos casou com a criada dos ingleses. Vingança? Ainda escrevo. A senhora da casa alta já não abre a janela. Adormece fácilmente ou talvez não. As pataqueiras cruzam a esquina mais silenciosas. Devem encontrar por certo outro grupo mais adiante. Só o Mercedes continua a deslizar silencioso, dominador. Desenhando um círculo a luz fosforescente está lá.

UM CERTO CINEMA FRANCÊS

por João de Assis

Para início de um precoce Ciclo de Cinema Francês estreou-se «A Chamada». Uma chamada na qual Françoise Sagan secundou um Alain Cavalier que nada quis, ou nada pôde, acrescentar ao panorama cinematográfico do espectador-indivíduo e do espectador-conjunto que não conhece cinema franês.

O triângulo Charles-Lucille-Antoine é integrado no ambiente burguês de uma Paris aveludada. Cricket-parties-sorrisos é uma constante em todo o filme. Preexiste sempre um sabor a vazio que envolve os contornos de uma base mais que clássica. Matizes cuidadosamente irreais numa cor predisposta a não ferir susceptibilidades.

Do filme como conjunto poder-se-á extrair apenas uma conclusão: Catherine Deneuve. A sua efectivação como actriz completa, como actriz-artista, é algo atingido desde há alguns anos. (Polansky e «Repulsa» são disso exemplo: Catherine Deneuve atingiu aí a integração-assimilação total da personagem). Num filme vazio de conteúdo, vazio de verdade, ela é algo de suficientemente concreto para fazer viver uma personagem morta: e a isto se chama criação.

Poder-se-á, portanto, extrair como implicação válida: Catherine Deneuve é o filme? Todo o filme será Catherine Deneuve? Efectivamente, é o que acontece. É a subordinação de uma realização-direcção apagada ao talento de uma intérprete perfeita. É o letargo de uma Françoise Sagan, que, para além de uma marca pessoal vaga na construção dos diálogos nada mais deixou. É, ainda, uma amostra de quão completo pode ser o divórcio literatura-cinema (e onde pára Robe-Grillet?). Tudo isto o filme é.

«A Chamada» foi exemplo do cinema que não fica. Do cinema que o tempo leva.

Mas há cinema-eterno: Resnais mostrou, ainda há bem pouco tempo, com a atrasada estreia de «Muriel» em Lisboa e de «Je t'aime, je t'aime» no Porto, o que pode ser cinema completo. René Clement reaparece agora com «Jeux interdits»...

Prossegue um Ciclo de Cinema Francês que, infelizmente, não é o Ciclo do Cinema Francês.

POEMA (PARA NÃO SONHARES COM O PARAÍSO)

por João Bandeira

compreendo-te. aliás sempre como o sol
e a erva a mistura de azul seja tudo aquilo que mostras
sempre compreendi. mas saberás como foi dura a paga de nos termos [enganado
com os pensamentos cerrados em si mesmos que nos levou a intar os dias
à nossa medida. de um cantar pálido e estátuas
à nossa volta. foi brusca eu sei a partida desse orvalho imenso. por isso [te compreendo
no segredo desse silêncio que por vezes nos despe e nos deixa em deserto.
mas repara que é preciso abandonadamente no coração das coisas
deixar a amarga realidade desta nuvem de poeira da qual demoradamente [sabemos o gosto.

E DEPOIS AQUILO

por Esmeralda Dias Pereira

Foi num sábado de Verão quando a vila se enche de carros e de gente com ares de importante.

A vila é uma rua direita, onde há cafés, e uma transversal ao fundo com as casas dos senhores de um lado e outro. Dantes, quando havia peixe, toda a gente trabalhava nas fábricas dos senhores que até davam presentes no Natal. As senhoras recebiam em casa e no Inverno faziam casacos de lã baratinha para os pobrezinhos.

Algumas eram poetisas e faziam também versos à vida simples, pobre e alegre e publicavam livros com regatos e verdura na capa. Depois acabou-se o peixe, os senhores venderam as fábricas e fizeram hotéis na praia e os outros ficaram cá à espera.

Havia muita gente, da fina, da que vem da cidade e traz automóvel e passeia na avenida dos cafés, à noite. Quando era novo tinha estado também na cidade e vendia água nos bairros dos arrabaldes. Depois as coisas tinham começado a correr mal e tinha vindo parar aqui com a Maria, os moços, a avó, todos. Se houvesse peixe e a Maria e a moça tivessem trabalho talvez já conseguissem arranjar uma casa e mudar-se daquele armazém do patrão, entre os quintais dos prédios novos e onde não se podia fazer barulho por causa dos vizinhos finos.

Mas um homem habituava-se a tudo, até a não poder beber um copo sem ter que calar as mulheres ao sopapo, quando voltava para casa com menos dinheiro. O pior eram os domingos com aqueles tipos a dizer piadas porque nunca pagava uma pinga aos conhecidos. Ao sábado, pelo menos, depois de receber a «semana» sentia-se quase rico

Encontrar de repente, ao virar da esquina, o amigo João que não via desde a tropa. Estava um senhor, aquele. Sapatos ainda com brilho de novos, relógio de pulso e até um dente de ouro no sítio daquela grande falha onde dantes equilibrava os cigarros quando falava. E já aquele ar de lhe dizer que parecia um velho, todo cheio de rugas, olhando-lhe de lado para a camisola velha e para as calças sem cor.

Rir-se muito e emborcar copos, para festejar, com aquele tipo gordo que já nem tinha nada que ver com o João «Serranho» da tropa que lhe falava dantes no comércio que havia de abrir quando voltasse para a terra, entre as discussões sobre o hóquei e as raparigas dos filmes do domingo à noite.

O outro falava muito e aquele dente brilhante agoniava-o. Dizia-lhe como tinha arranjado «uma situação», ora isto o que era preciso era um homem ser esperto, agora até já tinha comprado para aí umas propriedades, tinha televisão, só se dava com gente da alta e vinha passar férias para os melhores sítios.

Acabaram por se despedir quase como se nunca se tivessem visto antes e de repente resolver pagar tudo porque, amigo, eu também não ando a pedir esmola.

Voltar a casa com o estômago azedo e a cabeça dorida, pesada. E depois aquilo, a mulher a correr, aos gritos, a filha mostrando na rua o braço a escorrer sangue ás criadas pronto a fugir mal «esse bêbado» aparecesse no portão.

As senhoras espreitaram por detrás das cortinas, mandaram álcool e mercúrio.

Aquela gente das esplanadas de repente toda muito quieta sem fazer barulho. Os do passeio afastando-se para os deixar passar. O João de certeza no meio daquela gente de todas as cores contando depois a algum senhor da alta que tinha estado a conversar, ele, com um patife daqueles.

PANORAMA

«É muito mais honesto, em arte, propor coisas, fazer com que o povo pense sobre o que está ouvindo, vendo ou lendo».

● QUANDO A ABOLIÇÃO GENERALIZADA E DEFINITIVA DA PENA DE MORTE TRADUZ um ideal humanístico a atingir porque jamais se pode considerar um acto de justiça, a Junta Militar do Brasil introduzui uma emenda na Constituição nos termos da qual as acividades subversivas ou revolucionárias poderão ser punidas com a pena de more.

● É EXACTO QUE A TELEVISÃO INTRODUZ O MUNDIAL NO QUOTIDIANO? Sim. Ela insere em cada casa o espectáculo do mundo, mas precisamente sob a forma de não-participação e de passividade receptiva. Sentado num «maple», junto dos filhos e da mulher, o espectador da televisão assiste ao universo. Notícias, sinais e significações vêm até ele em vagas que se sucedem diáriamente á mesma hora, transfiguradas e repetidas e já semelhantes pelo simples facto de se tratar de puro espectáculo. Acabrunham e fascinam. As «novidades» submergem o espectador numa monotonia de novidade e actualidade que embota a sensibilidade e extenua o desejo de conhecer. As pessoas cultivam-se, aprendem. Mas cultivam-se fragmentáriamente. O enciclopedismo vulgarizado está na moda. O observador suspeita assim que, a este nível, a comunicação incorporada á vida privada se transforma em não-comunicação.

(Henri Lefebvre)

● A PROPÓSITO DO FILME DE ROGER VADIM «Barbarela», escreveu Afonso Cautela na «Vida Mundial»: «No processo de cretinização em que a industria cultural para consumo de massas se encontra empenhada, a «bande déssinée» desempenha um importante e decisivo contributo. E, dentro do género, «Barbarele» satisfaz plenamente esse objectivo de imbecilizar publicos.»

● A FUNÇÃO DE QUALQUER ARTISTA É ESTAR SEMPRE NA VANGUARDA, o que não equivale a ser antipopular, antes pelo contrário. O perigo é quando o artista fica condicionado a um gosto popular e satisfaz, sómente, as necessidades primárias, imediatas desse gosto. É muito mais honesto, em arte, propor coisas, fazer com que o povo pense sobre o que está ouvindo, vendo ou lendo.

(Edú Lobo)

● SEGUNDO AS ESTATÍSTICAS DO MINISTÉRIO DOS ASSUNTOS SOCIAIS, há 330 mil portugueses em França, entre 3 100 000 estrangeiros, que representam 6 por cento da população total. Os portugueses são, assim, em numero, a quarta comunidade estrangeira, depois da italiana (660 000), da espanhola (695 000) e da argentina (600 000) e antes da polaca (144 000), da tunisina (60 000) e da jugoslava (54 000).

● OS ESTADOS UNIDOS INICIARAM A ENTREGA A ISRAEL dos 50 caças a jacto Phantom que estavam encomendados pelo Governo israelita. O Phantom é o melhor aparelho de que os E. U. dispõem actualmente, sendo capaz de efectuar missões de bombardeamento nuclear e capazes de atingirem uma velocidade duas vezes superior á do som.

«O fornecimento dos Phantom destruiu totalmente qualquer esperança que restasse entre aqueles que imaginavam que a América trabalha pela paz no Médio Oriente» — declarou um informador oficial do ministério egípcio. «É agora evidente — acrescentou — que a paz desejada ou procurada pelos Estados Unidos não é a paz conhecida nas Nações Unidas e nos meios políticos do Mundo, mas uma paz de um novo género pela qual se pede á Republica Arabe Unida para se submeter a todos os caprichos americanos, que são idênticos aos do Estado hebreu.»

(dos jornais)

● HOUVE FUTEBOL, ISSO SIM. Mas para além do chamado «desporto das multidões», o domingo desportivo apresentou-se de um tal vazio que pode servir de legenda a este errado desporto português. Futebol — e quase nada mais. E no próprio futebol, o grande movimento, o vigoroso entusiasmo, são qualidades que não podem festejar-se no numero de jogadores que ontem o praticaram, mas sim endereçá-las ás grandes assistências que acorreram para os aplaudir ou invectivar.

Se os apaixonados pelo desporto não estivessem, em Portugal, mais ou menos «ambientados» a este estado de coisas, se o hábito não fizesse lei, olhariam em redor e sentiriam uma grande mágoa por tudo isto. Assim, vamos andando. Só quando chega a altura de «comparar» com o que se passa «lá fora» é que se lamenta o atraso, o tempo perdido, os dias vazios que são reflexo de muita coisa vazia.

(Mário Zambujal, «Diário de Lisboa», 29-9-69)

O FUTEBOL PORTUGUÊS

● O FUTEBOL PORTUGUÊS, na sua tacanhez, é uma pequena selva cheia de feras á solta.

— Em Portugal, fala-se muito dos jogadores de futebol. Fala-se talvez até de mais dos jogadores de futebol. Especula-se em torno da sua vida privada, murmura-se sobre o que fazem e o que deixam de fazer, acaba-se, enfim, por endeusar o jogador. Isto por alguma forma pode servir de critério de aferição da mentalidade dum povo.

— O publico português, como todos os publicos do mundo, é exagerado. Eu sei que o exagero das massas é um mal universal. Mas em Portugal esse exagero toca os extremos, talvez com maior facilidade que noutro lado qualquer. Nunca vi, em parte alguma, tamanha leviandade na forma como se criam ídolos por aqui. E afinal para quê? Para logo os desbancarem quantas vezes com manifesta injustiça.

— O jogador português padece toda a vida de uma educação deficiente, que lhe cria inibições de toda a espécie. Educá-lo é tarefa que se impõe. Mas quem vai arcar com essa responsabilidade? Quem? Os clubes? Em Portugal os clubes são os grandes espoliadores dos jogadores. Utilizam-nos como muito bem lhes apetece, enquanto lhes dá jeito e depois, quando a idade ou a carência de forma ou ainda uma lesão fatal os torna trastes inuteis, desfazem-se deles como se de velharias se tratassem.

— Já se disse, já alguém terá dito que há «dopping» no futebol português? Creio que não. Contudo, eu sei que o há. Mais: sei que um clube português dopou os seus jogadores — foi um deles que em conversa de grupo o disse — ainda este ano numa importante partida europeia. Como médico, pergunto, se é assim que os clubes velam pela integridade dos seus atletas.

— No nosso acanhado meio, com insuficiências de toda a ordem, onde os jogadores são pouco menos que analfabetos, o treinador é o Mestre que todos fazem por imitar. Agora pergunto eu que exemplo irão colher esses rapazes de homens oportunistas e falhos de escrupulos como tenho conhecido alguns que de tudo são capazes, até dos maiores atropelos, só para conseguirem bons contratos, boas vitórias, êxitos, em suma?

No decurso duma das ultimas concentrações ainda esta temporada, um jogador da equipa nacional ficou no quarto duma estrangeira do primeiro ao ultimo dia. E pensar a gente que afastam os jogadores do convívio da família para roubá-lo ás solicitações do sexo, se nos hotéis e estalagens para onde os levam eles vão ser solicitados para isso com maior premência ainda! Nos grandes hotéis por onde passam sempre muitas turistas um pobre dum jogador não tem a mais leve «chance» de escapar. E já agora cumpre referir que há muito dirigente que não deixa escapar também tais oportunidades.

— De uma forma geral, os dirigentes são oportunistas que aparecem para conquistarem uma posição, para galgarem uns degraus na escala social e só muito raramente se consegue descortinar entre eles um sujeito de-boa-fé.

PANORAMA não vai transcrever mais. A entrevista que Maló concedeu ao jornal «A Bola» era uma parte a saber dos nossos bastidores da bola. À falta da leitura de um livro como «O Desporto e as Estruturas Sociais» do prof. José Esteves, nunca é por demais repeti-lo, esta entrevista de Maló (por-quinze-tostões) poderá servir para um alinhar de problemas inerentes ao desporto-rei-futebol-com-direito-a-coroa-em-Portugal. Do jornal «A Bola» sabemos o numero de leitores. O que não sabemos é da atenção que os leitores habituais dispensaram a esta entrevista.

RECEPÇÃO

Crítica aos trabalhos recebidos

por Alice Vassalo Pereira

MANUEL P. S. (Amadora) — Tens evoluído bastante e isso agrada-me, tanto mais que essa evolução foi bastante rápida. Parece-me, no entanto, que o teu caminho está na poesia e não na prosa, onde ainda cais nos erros que já aboliste nos poemas. Nestes já se nota mais segurança, uma procura do concreto, do objectivo. Publicaremos, brevemente, os melhores desta remessa. (Peço-te uma coisa: escreve só de um dos lados da folha, está bem?).

M.ª TERESA A. D. (Lisboa) — Realmente parece-me que a tua poesia se está a repetir um pouco mas não deve ser caso muito grave... O facto de seres tu a primeira a dar por isso já é meio caminho andado para a cura, acredita. O melhor é, de longe, «Palavras», que será publicado. E para aquele «POEMA» que começa tão bem

«fruto do fruto entre raízes
flor branca ou da cor que o
[corpo
descobrir cada dia... etc»

ter um fim tão, tão, tão fraco. Mas enfim, todos temos direito a um poema infeliz, não é? Descansa. Lê. E escreve quando quiseres.

ANTÓNIO M. F. F. (S. Mamede de Infesta) — Publicaremos o teu conto. Quanto mais não seja para festejar o teu regresso ao «Juvenil» depois desta longa hibernação. Que irá terminar, espero. Mais do que nunca é altura de dizeres que acordaste e estás vivo. Espero mais colaboração.

MARGARIDA C. (Lisboa) — Recordar é uma coisa; descobrir o passado, é outra. Tu recordas, apenas. E se te voltasses para o presente?

JOSÉ M. L. (Lisboa) — Desta vez é que os teus trabalhos me pareceram um pouco piegas e forçadamente saudosistas.

«Tédio», «mundo que não é o meu», «enquanto passo a tinta o meu passado» tudo isto está naquela linha do estilo no-meu-tempo-é-que-era-bom-ah que não costuma ser o teu. Quanto ao trabalho sobre o **Turismo** acho-o demasiado técnico, com muitos números, muitas percentagens — mas reduzidíssima interpretação dos dados e um alheamento dos pontos principais do problema. Espero nova colaboração.

ANTÓNIO B. OLIVEIRA (Porto) — O teu diálogo é demasiado «à espera de Godot» para o podermos publicar. Quanto ao resto da colaboração, irá aparecendo. (Menos um poema que.)

M.ª DA LUZ (Paço de Arcos) — Mas que coragem é a tua, que se eu disser que os teus poemas não são bons desistes de escrever? É porque a tal necessidade de escrever não deve ser lá muito grande, não te parece? E se não é muito grande, para quê insistir e forçar? Se, no entanto, um dia descobrires que os poemas acontecem mesmo apesar de eu ter dito que não eram bons — então volta a escrever-me. Pode ser que nesa altura tenha, realmente, acontecido qualquer coisa.

J. F. ANTUNES (Covilhã) — **«O luar era nosso cúmplice», «aquele beijo que te fez mulher», «a nostalgia a esvair-se por entre a poeira dos dias», «todos os nadas de ti me gritam com desespero», «uma ilusão cuja dor o amanhã esboçará», «cansaço da vida, cansaço de mim»**, velhice chegando, e eu... ó, desculpa, ia na embalagem... Pois aqui estão todos os tópicos necessários e suficientes para se escrever um mau conto. Um conto sem ponta por onde se lhe pegue. Aqui está (muito antepedagògicamente, eu sei, mas uma pessoa também tem que desabafar...) aquilo que não se deve escrever. Aquilo que, infelizmente, ainda muitos escrevem.

LÍDIA (Paço de Arcos) — Fraco, mas recuperável... Muitã leitura, boa aprendizagem, amadurecimento necessário — e volta a escrever.

M.ª E. G. (Pinhel) — Não consigo perceber o que se passa contigo. De repente encalhaste num rochedo de palavras ocas, de fraseado vagamente filosófico, de lugares-comuns vazios de sentido, e não há meio de saires de lá. Lê o mais que puderes. E escreve quando a crise passar.

F. A. SIMÃO (Lisboa — É claro que o conto que mandaste é isso mesmo que tu dizes. Como quase todos os que mandas. E também é muito bom. Isso não dizes. (A modéstia...) Gostava **muito** que me mandasses o teu ex-livro, pode ser? E pela nãoseiquantésima vez peço-te a morada... Será desta?

JOÃO DE A. G. (Lisboa) — Publicaremos o teu trabalho e gostaríamos que mandasses mais. Escreve.

ROGÉRIO F. — (Sacavém) — Por razões de ordem vária não nos é possível publicar o teu «Quarto Especial». Manda mais trabalhos.

JORGE P. (Lisboa) — Parece que acabamos por chegar á conclusão de que temos andado a gritar cada um para seu lado e, no fim, a dizermos ambos a mesma coisa... Quanto ao teu ensaio não o poderemos publicar. Por isso mesmo que dizes na tua carta: «por razões de ordem muito, muito vária»... E se tentasses novamente?

JOSÉ DE S. T. (Lisboa) — Em breve te darei mais notícias. Por hoje limito-me a pedir-te mais colaboração e a prometer-te a publicação destes poemas. (Foi publicado um poema teu no último número do «Juvenil», não deste por isso?)

JOÃO OLIVEIRA C. (Lisboa) — É inegável que tens muitas qualidades; o que estão é mal aproveitadas. Deixa amadurecer a tua experiência e depois volta a dar notícias.

J. M. FERREIRA (Lisboa) — Publicaremos um poema teu. Poderás mandar mais trabalhos?

AIDA M. A. (Amadora) — Realmente vê-se que ainda estás num princípio muito principiante... Tão principiante que me é absolutamente impossível avaliar as tuas possíveis qualidades. Aos quinze anos somos todos poetas. A poesia aparece-nos sem sabermos como. É o nosso acrezinho literário... Resta saber se fica ou se desaparece. A única coisa sensata a fazer, por enquanto, é aguardar...

FERNANDO G. A. (Oeiras) — Leste o «Juvenil» e ficaste admirado, ou melhor, **«admiradíssimo ao ver que ainda há tantos jovens que se interessam por artes e letras.»** Eu fiquei admiradíssima foi ao ver que ainda há quem se admire com isso... Quanto ao teu poema... bom, falemos de coisas mais alegres...

ESPERANÇA L. (Évora) — Há, no teu pequeno apontamento, um certo poder de observação e uma vontade de ser objectiva que, pelo menos, têm a vantagem de lhe fazerem acreditar em próximos trabalhos teus. Aproveita todo o material de que dispões — e vai escrevendo.

MARIA LUÍSA ABRANTES — Fraca juventude a tua, minha amiga, se para a definires não encontras coisa melhor do que

«é sol surgindo no horizonte
é flor se abrindo no jardim
é água cristalina duma fonte
é ter Esperança ser assim
[etc.»

e isto, se se poderia perdoar aos quinze anos, já não se tolera aos vinte e seis. Muito menos a uma professora primária que **tinha a obrigação** de saber que ser jovem é uma coisa muito séria. E com coisas sérias não se brinca. É muito feio.

M.ª ISABEL C. P. (Coimbra); **CARLOS NOÉME** (Lisboa); **GERALDO M.** (Damaia); **CARLOS J. M. P.** (Palmela); **MANUEL B. M.** (Penafiel); **M.ª ISABEL LOPES S.** (Porto); **JOSÉ A. B.** (Lisboa); **FERNANDO P. B.** (Lagos); **R. DUARTE** (Alcácer do Sal); **SANTOS C.** (Faro); **M.ª ENCARNAÇÃO H.** (Lisboa); **V. MENDES** (V. R. Santo António); **ERNANI B.** (Amadora); **J. ALBERTO GOMES** (Covilhã); **CARLOS F.** (Cacém); **M.ª IVONE S.** (Almada); **M.ª FERNANDA MATOS** (Aveiro); **JOSÉ C. C.** (Parede); **MARY MICHÈLE VICTÓRIA** (Fátima); **JOSÉ M. N. AMARAL** (Coimbra); **JOÃO O.** (Aveiro); **JOSÉ ALBERTO O.** (Lisboa); **TERESA C.** (Sines); **M.ª ANGÉLICA S. M.** (Cartaxo) — Os vossos trabalhos não têm, por enquanto, qualidades que justifiquem a sua publicação no «Juvenil».

LEFRANC-DI-BASSANO (Tomar) — Porquê pensar já em livro? Tu ainda estás no princípio de tudo, e um princípio que, por enquanto, se resume apenas num débil papaguear de frases decoradas há muito.

«deixai rir o povo
não o acordeis do seu sono
(...)
deixai-o dormir... *etc.»*

E o pior de tudo é se tu acreditas mesmo nisso...

H. LUZ (Lisboa) — Para te falar com franqueza não percebo nada da tua carta. É para publicar? (Bom, para publicar não é porque não tem interesse de espécie alguma: **«Homem solteiro, não desesperes! O celibato pode não ser um falhanço, mas sim um convite a uma realização diferente. Só se permaneceres egoista serás estéril (...) Homem solteiro, és chamado a realizar a tua fecundidade e o teu progresso a nível mais difícil...»** etc., etc., etc.... Sem comentários.) É para ser entregue a alguém? **«Caro Eduardo: há já um ano que não escrevia** (...), **nem sequer sei onde moras. Madrid é grande e escritores há muitos...» etc.** É melhor explicares melhor o que pretendes com todo este «discurso» de três folhas dactilografadas a ver se, finalmente, se faz luz no meu espírito.

MANUEL B. (Porto) — Os teus contos são, **de muito longe**, superiores aos poemas. Agora que já conheço trabalhos teus em prosa não tenho dúvidas nenhumas em dizer-te que o teu caminho é aí que está. Trabalha, que me parece que isso agora vai entrar em período bom. Os teus dois contos já seguiram para a tipografia.

VASCO MANUEL T. (Lisboa) — O teu conto, além de pouca ou nenhuma qualidade literária, é pura demagogia. E olha que há coisas bem piores na vida do que nunca ter comido camarões...

ANTÓNIO M. LIMA — (Coimbra) — A respeito da entrega dos prémios do concurso F. F. terás de aguardar notícias no «Juvenil». E é claro que podes mandar mais fotografias. Podes e deves.

CARLOS GASPAR — (Lisboa) — Também tu terás de esperar que o «Juvenil» te dê notícias do teu prémio. Já não terás de esperar muito.

LAURA M. T. — (Lisboa)

«Amor
O meu nascimento o foi.
O desabrochar de uma flor
[o é.
O choro da viuva o será»

Isto poderá ser um óptimo exercício de conjugação de versos, mas mais nada... Não, minha amiga, por enquanto os progressos não são lá muito visíveis. Se «gostas muito» de escrever poesia, então escreve. Mas chama-lhe distracção, passatempo, brincadeira. Poesia é que nunca.

M.ª GRAÇA F. R. — (Lisboa) — Não conheço a sua filha, sei apenas que tem doze anos. Pelo trabalho que li parece-me que ela tem ideias muito certas e muito arrumadas. Mas até que ponto essas ideias não serão a reprodução fiel e exacta daquilo que ela está habituada a ouvir, a ouvir até á saciedade (pelas pessoas, pela rádio, pela Televisão)? Até que ponto não estará ela a repetir o que ouve ou lê nos jornais? Até que ponto será ela sincera? São questões a que, evidentemente, eu não posso responder.

ROSA C. G. — (Porto) — **M.ª CECÍLIA M. B.** (Porto) — Os vossos trabalhos não têm, por enquanto, qualidades que justifiquem a sua publicação no «Juvenil».

A. P. AYRES — (Porto); **E. GARCIA** — (Lisboa); **JOSÉ M. V.** (Braga); **CARLOS SILVA C.** (Cacém); **MARIA DOS ANJOS E.** — (Lisboa).

POEMA

por Gonçalves Soares

amamos o corpo
que não se inventa
cresce poderoso
é sal é vento é mar
inorespa-se todo
correndo em delírio

amamos o corpo
virginalmente estendido
no ventre de brumas an-
[tigas
esquecido.

depois:

ai a seara
que nos invade o corpo
e os olhos
e o corpo é sal é vento é
[mar
poderoso
cantando
colhendo trigo.

POEMA TEU

por Sousa Fernandes

«Se te perguntasse uma palavra
que englobasse tudo...»
mais tarde respondeu-me que não era
[uma palavra,
mas um gesto.

«para quê as pessoas querem os filhos?»
e uma cor. imagina uma cor que defina
[tudo.

«um dia hei-de criar uma escola onde
as crianças aprendam a cantar as cores
e a desenhar os sons...»

um outro mundo
uma outra visão
uma outra coisa, mas diferente.

POEMAS

por António de Castro

nos domingos capitais
passeiam pelas ruas lavadas
as letras novas da semana
em cada rosto abrigam-se os sorrisos
da comida e das festas
a horas certas
indiferentes nas esplanadas dos cafés
os aristocratas engraxam-se
e as damas roem as unhas
enquanto do outro lado da praça
um ardina
apregoa o primeiro jornal da tarde
olhando para mim
como numa luta

Nós tínhamos medo
As crianças tinham medo
(já não esgravatavam a terra).
O rio estava seco.
Era um problema
para os homens e mulheres
Isto da falta de água.

O PASTEL

por Mário Rui Cordeiro

Este é o maior café da cidade. São aproximadamente nove horas; sinto-me quase tentado a escrever que é a hora de maior movimento. Talvez seja, não interessa. As vinte e seis mesas estão totalmente ocupadas. Algumas pessoas entram, mas como não há mesas livres saem ou esperam pacientemente á porta.

Nos lugares habituais os fregueses de todos os dias: na mesa junto á tabacaria o Santos, estudante, lê o jornal que pediu emprestado ao empregado; numa das mesas do centro o senhor Alves, contabilista, e a esposa, a dona Ermelinda, professora no liceu e explicadora nas horas livres; na mesa junto á porta de entrada (no Inverno ocupavam a mesa mais perto do radiador, agora, como é Verão, mudaram-se para uma mais próxima das ventoinhas) estão: o senhor Damião, chefe da corporação de bombeiros, sua esposa, a dona Clotilde e o senhor Nunes, proprietário, casado recentemente com a dona Serafina que, segundo dizem as más línguas, tem um passado bastante duvidoso.

Foi o ano passado que houve um incêndio num dos pinhais do senhor Nunes. Um prejuízo de centenas de contos e que teria sido muito maior se não fosse a pronta intervenção dos bombeiros comandados pelo senhor Damião que, muito bem, os orientou no combate ao fogo.

Desde essa altura as duas famílias todas as noites, e também aos sábados e domingos de tarde, se reunem no café.

O senhor Nunes gosta bastante de falar com o senhor Damião; apesar deste não ter estudos aborda por vezes, como qualquer pessoa instruída, assuntos cheios de interesse que provocam agradáveis conversas.

O sr. Nunes frequentou um liceu em Lisboa até aos dezoito anos, onde tirou metade do quinto ano. Depois, como o pai morreu, ele, que era o único filho, teve que deixar os estudos para tomar conta das propriedades. Um grande desgosto... O seu desejo era seguir Direito, ser advogado... não, juiz, juiz é que ele sempre desejou ser, mas...

Segundo diz ele, entrou muito cedo nas andanças da vida e isso deu-lhe uma grande experiência.

Nas primeiras noites que se reuniram costumavam falar muito dos tempos passados, depois, como esse assunto se esgotou, passaram a comprar jornais e a comentar as notícias que mais lhes despertavam a atenção: as transplantações, as guerras, as eleições em França e actualmente os voos espaciais. O senhor Damião acha isso extraordinário, no seu tempo quem havia de dizer que os homens um dia...

A dona Clotilde e a dona Serafina não prestam atenção às conversas dos maridos, preferem falar do folhetim que andam a ouvir atentamente na telefonia tentando descobrir como será o fim, se ele casa com ela ou não. A dona Clotilde acha que sim, que ele casará com ela e a dona Serafina também e ainda diz mais, que se o pai continuar a opôr-se ao casamento ela é capaz de cometer algum disparate para obter autorização.

Mas está a fazer-se tarde e hoje há um teatro muito bom na televisão, lembra o sr. Nunes ao mesmo tempo que, com um pst!, chama o empregado e paga a despesa com o dinheiro certo.

Saem.

Dos fregueses habituais já só resta o Santos que, todas as noites, vem para o café estudar mas acaba sempre por não abrir os livros e gastar todo o tempo a ler o jornal e a falar com a empregada da tabacaria que, por sinal, nem é muito gira. Mas até o Santos sai.

Agora no café, só os empregados sonolentos, as vinte e seis mesas, cada uma com quatro cadeiras à sua volta, o que totaliza, salvo erro, noventa e quatro cadeiras vazias.

Cá fora, junto à porta de entrada, os engraxadores que discutem futeboi e falam dos filhos.

POEMA

por Nuno G. dos Santos

como se fosse um só
eu
atirei a primeira pedra
[às árvores
como se a culpa
fosse delas

TEMPO

por José Gil

roer as unhas dos nossos dias
em minutos fulgurantes
de juventude
nas nossas mãos
Deixai o tempo
lavrar a nossa imaginação
para que em cada espaço
nasça um novo poema

A TI ANA, O JORGE A DEO OU DE COMO O CÍRCULO

por Mário Contumélias

I — A TI ANA: Era baixa e gorda. Do tipo a que se convencionou chamar roliça. Não sei porque digo «era» pois penso que a ti Ana ainda é viva. Vestida de negro, umas saias muito compridas, com muita roda, que cobriam outras saias de flanela.

Estes panos novos, os «nallons» e as sedas, não eram para a ti Ana. Na cabeça um lenço também preto abotoava na testa por um laço. Não sei se era viuva.

— «Mas isto do preto sabe o menino, a gente põe uma vez e depois habitua-se» Envolvida sempre por um riso fácil, um humor de sabor à terra e anos. Como eu gostava da ti Ana, do seu gesticular de vendedeira de peixe.

Ele lamentava-se sempre / que não ganhava nada / que perdia dinheiro / E aquelas sardinhas? / vivinhas / ainda vivinhas na pedra.

A um canto eu olhava-a e sorria. Sorriamos um para o outro. Era uma estranha amizade que nos aproximava.

Diziam que ela bebia, aguardente diziam. Parece mesmo que chegava a embebedar-se. As razões, essas nunca ninguém mas disse. Talvez bebesse simplesmente por gostar de beber. Mas sei que a ti Ana amava a vida. Que a agarrava com todas as suas forças. Talvez fosse isso que me atraía nela. Porque nesse tempo eu pensava que viver era dizer grandes coisas. Fazer grandes coisas. E não estar sujeito a coordenadas diárias. Habitar no círculo.

II — O JORGE: Costumávamos encontrar-nos depois do jantar, no Verão quando o sol já se punha. Andávamos um bocado pelas estradas de terra. Levantávamos poeira, depois atravessávamos um pequeno ribeiro. Nós chamávamos-lhe ribeiro, mas era apenas um pequeno ventre seco, com grandes pedras e pequenas poças de água onde durante todo o dia as mulheres lavavam roupa. Eram as lavadeiras da aldeia. Muitas delas eram ainda jovens e já tinham o dorso curvado, os dedos velhos onde não despontavam unhas. Às segundas lá iam com as trouxas para Lisboa. Para as senhoras que lhes pagavam cada centímetro curvado da coluna e por vezes até lhes davam roupa já usada para elas vestirem ou arranjarem para os filhos.

Eu e o Jorge falávamos então dos nossos sonhos. Cmo havíamos de ser homens um dia. Falávamos sobretudo de amizade e dizíamos que havíamos de ser sempre grandes amigos. Ilusões da infância. O tempo cobre tudo e deixa para trás mesmo as velhas amizades nascidas de dentro.

Depois sentávamo-nos por trás da igreja e acendíamos os cigarros que compráramos a meias. Aspirávamos o fumo como se cumprissemos um ritual, então voltávamos para casa. À despedida dávamos um grande abraço e batiamo-nos nas costas como os homens.

3 — DEO: Chamava-se Deolinda. Mas como não gostávamos do nome resolvemos que pelo menos, eu passaria a chamar-lhe Deo. Eu podia dizer que a Deo era bonita. Vocês não a conhecem e acreditavam. Mas não digo porque a Deo não era bonita e nasceu-me agora um novo amor à verdade quando falo e vocês estão do outro lado do papel. Não a Deo não era bonita. Era baixa, tinha uns cabelos revoltos, empeçados. Como a carapinha dum negro. As unhas estavam sempre negras de habitarem a terra. Tinha também uma caixa com bichos de conta. Costumávamos brincar com eles. Nós namorávamos. Tinha ficado assente em bilhetinhos que eu lhe escrevia em letra muito grande e ela soletrava e depois guardava num bolso da saia.

Nesse tempo eu pensava que nós havíamos de casar e havia de ganhar muito dinheiro para lhe comprar vestidos bonitos como os que usam as senhoras da cidade. Então ela seria também uma senhora. Nunca lho disse mas ela adivinhava-me os pensamentos e então eu percebia nos seus olhos que ela era infinitamente mais velha do que eu. Que não acreditava. Estava presa à terra.

Raras vezes nos libertamos do círculo, ela não se apercebia bem da existência do círculo mas sabia que não podia libertar-se.

4 — DE COMO O CIRCULO: Foi só muito mais tarde que eu me apercebi que a Ti Ana, o Jorge a Deo e mesmo a aldeia não faziam parte do meu círculo. Foi muito mais tarde quando não pude libertar-me.

POEMA ESPACIO-TEMPORAL

por Vítor Oliveira Jorge

vinte e três horas. a mulher que faz falta corre
[sorrindo a encontrar-me
algures. permaneço aqui, porém, certo
de que cedo se gastará de mim, e voltará. ainda
[ontem o fez,
mas eu tinha saído, temporàriamente.
vinte e quatro horas, a mulher que faltou na que
[fazia
falta? corre sorrindo a encontrar-me, etc.